

ILLMO. SNR.
GEN. VALENTIN BENITO

Defesa Nacional

LHO
40

NUMERO
314



Diretores responsáveis:

Gen Heitor Borges
Maj Djalma Dias Ribeiro
Maj Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Ano XXVII

Brasil - Rio de Janeiro, Julho de 1940

S U M Á R I O

- Abertura do Curso de Alto Comando — Gen. Chaldebec de Lavalade
- Aviação - Idéias e considerações — Gen. Newton Braga
- A siderurgia e a defesa nacional — ***
- As ligações e transmissões nos grupos de Artilharia
- Major Amangá Liberato de Castro Menezes
- Tática e funcionamento dos P.C. das Unidades de Infantaria — Cap. Paulo Borges Moreira
- Os motivos da guerra de 1870 — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo
- Transposição de cursos d'água — Cap. Hugo Panasco Alvim
- O fogo de infantaria na ofensiva — Major João Batista Rangel
- Riachuelo — Asp. a Oficial Fernando Allah Moreira Barbosa
- A aeronáutica soviética — 2.º Ten. Washington Silveira Fonseca
- Observações á margem das manobras de 1940 — 1.º Ten. Moacyr Potiguara
- Crimes contra a segurança da Nação — Aldo di Cavalcanti e Melo
- O fogo da Infantaria — Major Nilo Guerreiro Lima
- Manobras da 3.ª R.M. — O S.L. — Cap. José Salles
- Livros do Exército — 1.º Ten. Umberto Peregrino
- Noticiário & Legislação

Viagens á volta do mundo

pelos navios ŌSAKA SYŌSEN KAISYA



N/M HōKOKU MARU

(Sahindo do Rio em 22 de Setembro na sua viagem inaugural)

O N/M HōKOKU MARU, o primeiro dos tres navios novos do nosso Serviço Africano, fará escalas em varios portos no Sul e no Este da Africa, no Proximo Oriente e no Japão, sendo que o regresso poderá ser feito via Los Angeles e Panamá no N/M BUENOS AIRES MARU ou no N/M RIO DE JANEIRO MARU. Os dois outros navios novos, os N/Ms. KōKOKU MARU e AI-KOKU MARU, entrarão em serviço durante o proximo ano de 1941.

Os N/Ms. BRASIL MARU e ARGENTINA MARU continuaram fazendo os cruzeiros á volta do mundo, com escalas em Trinidad, Panamá, Los Angeles, Japão, Proximo Oriente e Africa do Sul.

SOC. DE NAVEGAÇÃO OSAKA DO BRASIL LTDA.

SANTOS: Rua Cidade de Toledo, 31 — Tel.: 3178.

SÃO PAULO: Rua da Quitanda, 82 - 4.^o andar — Tel.: 2-4485

RIO DE JANEIRO: Agentes Wilson Sons & Co. Ltd.

Av. Rio Branco, 37 — Tels.: 23-5988 e 43-3569

CASA BROMBERG

Aços - "WIDIA" KRUPP

Estacas de aço KRUPP

Estructuras metallicas

K R U P P

para hangars e pontes



Machinas em geral

Projectos e Instalações

completas para Fabricas



Bromberg & Cia.

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO

AVENIDA TIRADENTES, 32

RUA GENERAL CAMARA, 64



INDANTHEN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LO-NAS, para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHEN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHEN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e

Marinha — — — — —

JO.000\$000

Machinas Piratininga Ltda.

Engenheiros Mechanicos Fabricantes Especialistas de:

MACHINAS EM GERAL

Instalações completas para Mandioca,
Algodão, Oleos, Industrias Chimicas.

Estructuras e Construções Metalicas.

Secadores, moinhos, peneiras, elevadores, trans-
portadores pneumáticos ou mechanicos, arrasta-
deiras, empilhadeiras, guindastes, apparelos
para carga e descarga em geral.

Ventiladores, aspiradores, conductos, valvulas
apparelos para condicionamento de ar.

Prensas para todos os fins, bombas hydraulicas.
tanques, depositos, autoclaves.

Tornos, machinas, operatrizes, transmissões polias, eixos, mancaes.

ESCRITORIOS E FABRICA COM FUNDIÇÃO:

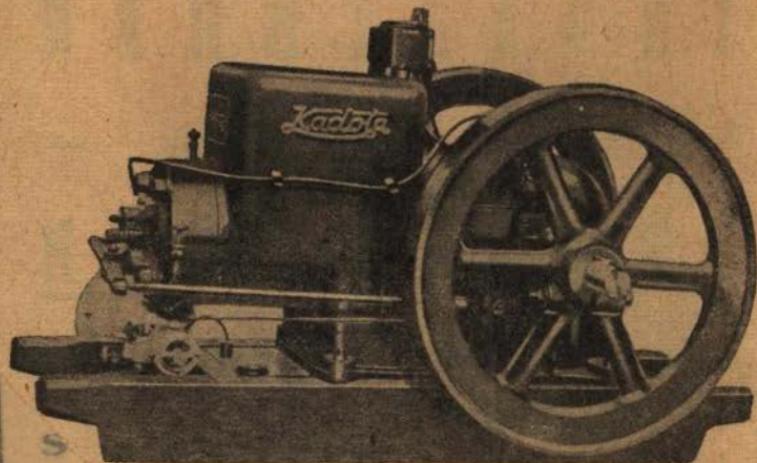
RUAS EDUARDO GONÇALVES, 38 e BORGES DE FIGUEIREDO, 973

Telephones: 2-5857 e 2-5858 — Caixa Postal 4060 — Telegrammas "ZAPIR"

SÃO PAULO

FEDERAÇÃO INDUSTRIAL DO JAPÃO

Caixa Postal, 4058 — São Paulo
Edif. — BANCO DE SÃO PAULO

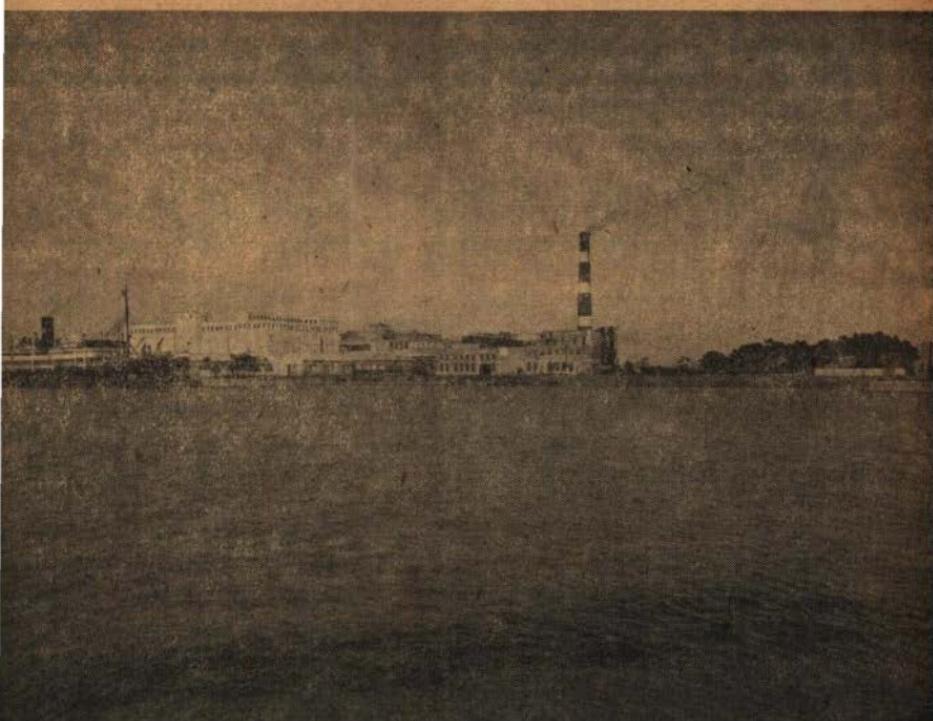


S.
AVEN.

Orgão de informações e consultas sobre negócios internacionais

COMPANHIA SWIFT DO BRASIL S. A.

Rio Grande — Rio Grande do Sul — Brasil



Mataadouro frigorifico, fabrica de xarque e conservas e industrias conexas.

Capacidade de matança diaria :

Vacuns	2 000
Ovinos.....	500
Suinos.....	500

Matança do ano de 1939 :

Vacas.....	34 689
Novilhos.....	173 056
Terneiros.....	19 810
Carneiros.....	13.447
Cordeiros.....	26.811
Suinos	41.803
Aves	4.635

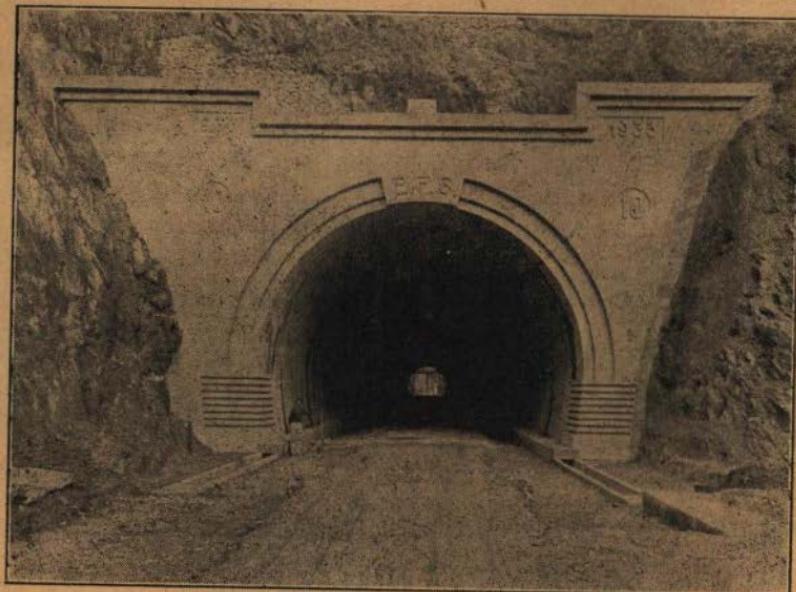
Numero de empregados : 3.800

Folha de pagamento mensal — media deste ano : 1.300.000\$000

AS GRANDES REALISAÇÕES

— DA —

ENGENHARIA NACIONAL



TUNEL 10 DA LINHA MAYRINK A SANTOS
(Estrada de Ferro Sorocabana)
CONSTRUIDO POR
NESTOR DE GÓES & CIA.

O MAIOR SORTIMENTO
DE MACHINAS PARA TODOS OS FINS
NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

ESCRITÓRIO TÉCNICO

PARA COMPLETA ORIENTAÇÃO DOS INTERESSADOS

REPRESENTANTES

DAS MAIS AFAMADAS FÁBRICAS MUNDIAIS



BROMBERG S. A.

PORTO ALEGRE

FILIAIS:

PELOTAS — RIO GRANDE

SALITRE DO CHILE

REPRESENTANTES

Arthur Vianna & Cia. Ltda.

FIRMA ESTABELECIDA DESDE 1900

FORNECEDORES DO EXÉRCITO

FILIAL EM SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu, 491 (antigo 77).

Caixa Postal, 3520 - E. Teleg. "STEARICA"

Telephone 2-7101 (rêde Interna)

Matriz em Belo Horizonte

Av. Santos Dumont, 227

Filial no Rio de Janeiro

RUA DA ALFANDEGA, 59

Colin & Cia. Ltda.

FABRICA DE

CORREIAS PARA EQUIPAMENTOS
MILITARES

Cadarços : Presilhas : Enfeites : Galões :

Endereço Telegrafico "COLIN"

Caixa Postal, 45

JOINVILLE

SANTA CATARINA

A
**DEFESA
NACIONAL**

Revista de assuntos militares

Ano XXVII Tomo 2

1940

Conferência de abertura do Curso de Alto Comando

Pelo General de Divisão
CHADEBEC DE LAVALADE
Chefe da Missão Militar Francesa

ODE parecer imprudente e inoportuno inaugurar hoje, aqui, na segunda série do Curso de Alto Comando, no momento em e, sobre os campos de batalha da Europa, a arte da guerra é bmetida à prova duma formidável experiência, da qual al ns elementos poderão aparecer nítidamente em poucos dias, as cujo estudo, interpretação, bem como as conclusões a tirar para o futuro, não exigirão menos de algumas semanas ou mes o meses. Nestas condições, será bom falar de tática e estratégia, se os métodos táticos estão em via de transformação, se as róprias formas da manobra estratégica estão em jôgo? Penso que mais de um dentre vós terá formulado essa questão e é meu dever respondê-la.

* * *

As modificações periódicas dos métodos táticos são um fato em conhecido. A frase de Napoleão a este respeito não de rá ser tomada ao pé da letra e não tem senão valor figurado. A realidade não é de trinta em trinta anos que a tática muda: as transformações exigem às vezes séculos, outras vezes alguns anos sómente, porque elas são função das descobertas da ciência,

*dos progressos da indústria e até das reformas sociais. P
nos atermos aos tempos modernos, é suficiente recordar os f
que marcaram as etapas principais destas transformações:
meiro a invenção da pólvora para o canhão, a adoção da ar
de fogo portátil, a da baioneta, a substituição dos exércitos
cionais pelos exércitos profissionais durante a Revolução.
pois, com o desenvolvimento da indústria, o ritmo se acelera
em menos de um século, o fuzil de repetição, o canhão de a
rápido, a metralhadora, o avião de reconhecimento e de ob
vação, o carro, o avião de bombardeio.*

*Na hora atual o fato que parece dominar a questão é
emprêgo em massa do carro poderoso e rápido em ligação com
a aviação de bombardeio. A eventualidade dêste emprêgo não
havia escapado aos redatores da Instrução francesa sobre o em
prêgo tático das Grandes Unidades, a qual contém neste sentido
tanto do ponto de vista ofensivo como defensivo, princípios que
conservam todo o valor. Mas uma coisa é formular princípios e
outra deduzir das experiências do tempo de paz a escolha dos
processos de execução e educar os reflexos. Não é pois, de des
vidar que os métodos táticos sofram na hora atual uma trans
formação profunda.*

*Ou antes, senhores, eu errei em dizer: os métodos táticos.
Deveria dizer: os métodos táticos europeus. E é isto que é pr
ciso não perder de vista.*

*Não é hoje, nem amanhã, nem mesmo num futuro próximo
que se pode encarar o emprêgo, sobre um terreno de operações
brasileiro, dos carros e aviões por milhares, de metralhadoras
canhões por dezenas de milhares, de munições por centenas de mi
lhares de toneladas. Se pois os meios materiais são diferentes,
os processos táticos, não podem ser senão diferentes.*

*De fato já pudestes verificar o cuidado que eu tive em man
ter o ano passado os trabalhos do Curso de Alto Comando no*

nites do quadro que eu julgo ser o nosso: o de tropas modernas, dispondo de um material moderno, porém em quantidade limitada. Tal cuidado continuará a ser o meu êste ano.

Entretanto se acredito dever esforçar-me para estabelecer meus ensinamentos sobre as bases das possibilidades táticas resultantes dos meios materiais de que dispões ou de que poderás dispor em breve futuro, jamais cessei nem cessarei de lançar o meu grito de alarme e chamar a vossa atenção para a necessidade de desenvolver e aumentar sem pausa êsses meios.

O ano passado, em minha conferência n. 30, disse aos vossos predecessores: "Chego a esta conclusão: que uma forte aviação é uma cavalaria mista (Divisões de cavalaria mistas, Regimento de Cavalaria de Corpos de Exército e de Divisões mistas) é uma necessidade vital para o exército brasileiro".

Há algumas semanas, no meu relatório sobre as manobras Rio Grande do Sul, escrevia o que se segue: "Compreendo perfeitamente que o Exército Brasileiro não se lance senão com cautela na estrada da motorização. E' entretanto preciso que saiba que a isso será fatalmente levado. O engenho motorizado não é uma teoria: é um fato. Não comporta discussão, no não se discute a metralhadora, o avião ou a T. S. F.".

Não insisto: penso que me compreenderam.

Se, da tática passamos à estratégia, chegaremos, no que vos concerne, à conclusões análogas.

A estratégia evolue segundo um ritmo muito mais lento do que a tática. Alguns pretendem mesmo que seus principios fundamentais são eternos: eu porém jamais ocultei a fraca consideração que professo pelo valor prático dêsses princípios. E na verdade os exemplos de manobra estratégica em que nos podemos ainda inspirar na hora atual, não remontam a pouco mais um século e meio.

Se, com efeito, as formas da manobra estratégica não riam sensivelmente, suas vantagens relativas, as condições e possibilidades de sua preparação não podem permanecer totalmente independentes dos processos e meios táticos. E', as que, para citar apenas êsse exemplo, todo aperfeiçoamento armamento defensivo se exerce em detrimento da manobra central; todo aperfeiçoamento do armamento ofensivo em seu nefício. Convém acrescentar que parece ter chegado a hora que a estratégia, que era até aqui uma arte a duas dimensões deve levar em conta a terceira.

Porém, ainda uma vez, essa hora não parece ter chegado para o Brasil. E pode-se afirmar que sobre um teatro de operações brasileiro, as formas da manobra estratégica, suas possibilidades, suas condições de realização, permanecerão sensivelmente o que eram ontem.

E os meios a desenvolver para aumentar-lhe o rendimento permanecerão ainda os que eu sempre indiquei: os meios de transmissão e comunicação (estradas, vias férreas, T. S. F., os órgãos de descoberta, rápidos e de longo alcance, terrestres e aéreos).

Que esta diferença entre as formas de guerra numa mesma época não nos cause admiração, senhores, porque não é coisa nova. Em todos os tempos, a procura do efeito de massa foi culiar aos conquistadores que deliberadamente quizeram guerra, como dos Chefes que tiveram a possibilidade de prepará-la. Em 1940, é a massa material, carros e aviões; em 1805, é a massa humana, o Grande Exército de Austerlitz, e Yena, vós vos bacieis no Paraguai não com os efetivos e os métodos de Napoleão, mas com os efetivos e os métodos de Bonaparte.

(Da Conferência realizada na Escola de Estado Maior dia 1.^º - VI - 940).

AVIAÇÃO

IDÉIAS E CONSIDERAÇÕES

General NEWTON BRAGA
AVIADOR TRANSOCEANICO

Pela cultura, pelo entusiasmo, pela devoção e pela fé nos destinos da aviação, o General Newton Braga é um verdadeiro símbolo para os nossos jovens aviadores. As suas opiniões revestem-se, assim, de um interesse todo especial.

Formar o Exército do Ar e torná-lo eficiente como instrumento de guerra e portanto capaz de defender o céu de sa pátria, resguardando os centros vitais de nosso território, é idéia que já predomina e há muito tempo, no espírito maioria de nossos aviadores, civis, navais e militares.

Foi feito mesmo, entre os aviadores militares e navais, a espécie de plebiscito, no sentido mais elevado, isto é, visto a criação do Ministério do Ar.

O resultado foi positivo, quantitativa e qualitativamente.

A organização que então pleiteavam os aviadores e aí pleiteiam, com mais fortes razões, implicaria na criação referido Ministério, fusão das aviações naval, militar e sequente colocação nas mãos de "uma única autoridade" a a atividade aeronáutica nacional.

O almirante V. Delamare, um dos mais distintos defensores de tal idéia, fez uma conferência e a publicou, histando o assunto, pondo a idéia ao alcance dos leigos.

Um oficial superior de nossa aviação militar, por ocasião aniversário do 1.º Regimento de Aviação, em Outubro de 8, na presença das mais altas autoridades do país, proferiu incisivo discurso, no qual esboçou a organização que os os aviadores aspiram...

Podemos afirmar que tal idéia, há muito vencedora no espírito dos aviadores, foi tomada pelo governo da República que, por meio de seus órgãos ligados ao assunto, procura dar forma legal, vencendo as resistências passivas e inessadas na manutenção do que aí está, fragmentado e perante.

A aviação progride rapidamente. O homem precisa acompanhar esse progresso, adaptando-se à máquina. O pessoal numeroso que trabalha nas diferentes atividades aeronáuticas, ora dispersas, precisa integrar-se numa organização sistemática. Até bem pouco tempo os aviões, em tempo claro, voavam a 150 Kms. H. A aptidão do pessoal para tirar partido de tal material, satisfazia plenamente há uns vinte anos passados, no desempenho das missões que eram pedidas à aviação. As qualidades do pessoal navegante permitiam o domínio da máquina pelo homem. Essas qualidades do pessoal, como que ficaram estacionadas.

Continuariam a servir, segundo a concepção de algumas camaradas, mesmo do Estado Maior, para os quais a aviação deve ser utilizada no desempenho de tarefas auxiliares no Exército e na Marinha. Daí a doutrina de emprêgo, velha de vinte anos, mas ainda predominante e à qual todos — êle os aviadores — devem submeter o espírito.

Os fatos, entretanto, aí estão para abrir os olhos de quem não quer ver.

A velocidade dos aviões triplicou e a tal ponto que já se considera como impróprios para o combate aparelhos cuja velocidade não ultrapasse 500 Kms.H.! E' preciso pois exigir do pessoal navegante uma formação homogênea adequada à utilização de tal material, sem que o seu rendimento, quando tiver de ser utilizado em trabalho, será desastroso.

O homem precisa dominar a máquina, cada vez mais complexa e veloz!

A 500 Kms. H. uma viragem rápida provoca vertigem.

As ações militares exigem, pois, navegantes bem dotados e treinados. A preparação técnica e tática, (esta de acordo com as novas idéias de emprêgo do avião, como instrumento de guerra e engenho de combate), para a pilotagem, para a navegação aérea; para o tiro em todas as suas modalidades, ao par do aperfeiçoamento das qualidades morais, espírito militar, etc. são imperativos fundamentais, necessários na formação das equipagens, que só assim serão capazes de utilizar o material aéreo moderno, como êle se apresenta atualmente, e deverá constituir toda força aérea digna desse nome.

Assim, torna-se necessário uma seleção objetiva e consequente adaptação do pessoal navegante já existente, criando-se uma "escola" para tal fim, ou melhor, uma unidade escola como têm certas armas.

O essencial é a formação de unidades homogêneas com o material moderno que possuímos, com equipagens permanentes e elas próprias responsáveis pela conservação, utilização e emprêgo, dentro de um programa definido, visando tê-las á todo o momento aptas para o emprêgo. Nada de empirismos e formações improvisadas de pelotões, patrulhas ou esquadrilhas. Tal pessoal, tal material, ou vice-versa.

Há na aviação civil um grande número de pilotos em condições de serem aproveitados, na formação de nossa reserva aérea. Compreende-se que não basta saber voar, coisa que as crianças e mulheres já realizam e que qualquer um em poucas horas aprende. Aqui também impõe-se critério análogo ao emprêgo na seleção do pessoal da ativa: — preparação técnica e tática para a pilotagem; navegação, tiro em todas as suas modalidades, etc. numa instrução preliminar em aparelhos de velocidade média, para depois entregá-los às equipagens de guerra para a adaptação nos novos aparelhos de combate sob a fiscalização do chefe, constituindo-se assim cada máquina com sua equipagem da ativa e da reserva, com programa de instrução adequado à sua formação e de treinamento espaçado, depois de prontos. A formação das equipagens de reserva, assim, por aviões, oferece vantagens incalculáveis, desde que os chefes tenham sempre em mente que a aviação é uma arma de rápida mobilização.

O Correio Aéreo Militar é uma ótima escola para os nossos aviadores militares. Já é tempo de se dar ao nosso Correio Militar, que tão grandes serviços tem prestado à nação, uma organização mais proveitosa e menos prejudicial à vida das unidades constituidas e à preparação do respectivo pessoal para a luta aérea, que cada vez se mostra mais complexa no tríplice aspecto de pilotagem, navegação e tiro, com os aparelhos modernos.

O C. A. M. é um meio e não um fim. Para os nossos aviadores militares da ativa é uma escola de treinamento de vôo. Foi criado e desenvolveu-se, por iniciativa dos próprios aviadores, para dar-lhes horizontes mais amplos.

Agora, porém, devemos deixar tal empreendimento sob a direção de um chefe da ativa, dispondo de organização apropriada e, tendo por missão ir aos poucos empregando pessoal da reserva que no referido serviço desenvolverá suas aptidões para a navegação e pilotagem, aliviando assim os encargos do pessoal navegante da ativa, com real proveito para a instrução do mesmo e seu preparo para a luta aérea.

Vai para seis anos que imaginamos tal providência, em vista do aumento das rotas do C. A. M. e da frequência das viagens. A instrução e preparo das unidades aéreas, com a intensificação do treinamento militar, são de molde a absorverem todo o tempo dos oficiais em serviço nas mesmas.

Não percamos de vista as necessidades fundamentais do material moderno que exigem equipagens dotadas de elevadas qualidades, físico, morais e intelectuais à toda prova.

A instrução militar propriamente dita, isto é, o preparo do pessoal navegante para a utilização do material em seu máximo rendimento, não implica aterragem e decolagem em vôos curtos; isso deve ser o elementaríssimo. Ao contrário, deve-se instituir os vôos longos, com voltas de dia e de noite ao campo de base.

E' no ar que se utiliza o avião e não em terra ou fazendo vôos de treinamento de pilotagem com aparelhos de guerra...

Para um pessoal navegante bem formado, como temos um certo número, a pilotagem de tais máquinas constitue pura e rápida adaptação, como temos visto.

O assunto é vasto, complexo e não pode ser abordado, a não ser em suas linhas gerais, no correr de um simples artigo.

Em todo caso, deixamos aqui consignadas as nossas idéias.

MATÉRIAS PRIMAS

A Siderurgia e a defesa nacional

"A Defesa Nacional" inicia, neste número, uma série de artigos focalizando a necessidade imperiosa do desenvolvimento das nossas indústrias básicas.

Ao propósito do Governo de aumentar a defesa nacional específica, promovendo o aumento das fôrças de terra, de mar e do ar, irmanisou êle o de incentivar o progresso da siderurgia; e muito sàbiamente o fez, porque a defesa nacional, tanto específica como geral, está na capacidade siderúrgica do Brasil.

Os acontecimentos históricos de todos os tempos mostram evidência o papel importantíssimo do ferro, em suas diferentes modalidades, fornecendo ao braço humano as possibilidades que exigem as determinações ditadas pelo cérebro, quer no estado de paz, quer no estado de guerra.

A bem dizer, não há um só empreendimento do homem que não envolva o emprêgo daquele metal, que, com mais razão, deveria ser chamado o **metal precioso**. Foi êle que arrancou o homem primitivo de uma época, em que êle só empregava, como ferramenta, a pedra lascada ou polida. E, desde êsse momento da história da humanidade, empunhou ferro um cetro, que nenhum outro metal lhe arrebatou.

E porque o ferro é a fôrça de uma nação, quer na paz de suas atividades produtivas, quer na guerra de suas **reivindicações** e desagravos, deve essa nação cuidar muito carinhosamente de o **extrair** das minas, quando as possue, e de o em-

pregar no fabrico de tudo quanto no formidável arsenal que está ligado umbelicalmente o progresso geral.

E é á Siderurgia que cabe essa ingente tarefa, fornecendo á Nação as máquinas agrícolas, para o preparo das terras para o aproveitamento dos produtos animais, as máquinas industriais, para os produtos variadíssimos de todos os objetos de nossa utilização, as máquinas de guerra, para os paradoxismos do poder militar em sua legítima defesa, as máquinas de navegação, para a facilidade do intercâmbio comercial, as máquinas tratoras para a facilitação dos trabalhos de locomoção e de transportes, as máquinas de precisão, para os finos trabalhos de investigação, de controle e de verificação nos gabinetes e laboratórios, e, finalmente, tôdas as variadíssimas máquinas de emprêgo diário e constante, no ciclópico labutar de uma humanidades inteira em busca do aperfeiçoamento, do progresso, da paz e do bem estar.

E a prova dessa enormíssima responsabilidade que pesa sobre a Siderurgia está no emprêgo que faz a humanidade dos cem milhões de toneladas de aço, que as usinas de todo o mundo produzem em média anualmente nestes últimos tempos ! . . .

Concentrando cada um o seu espírito e volvendo um olhar retrospectivo pelas épocas do passado, vê claramente que a Siderurgia foi o dragão alado que trouxe lá da remotíssima época neolítica para a época moderna o homem, com toda a sua ambição de avançar, de conquistar, de vencer e, em suma, de viver! . . . E em suas poderosas azas até onde levará a Siderurgia esse mesmo homem? . . . Não podemos sequer imaginar, porque os séculos vindouros encerram em seu bojo os maiores imprevistos, que hoje fatalmente hão de escapar á mais aguda inteligência ! . . .

E até lá muitos Warteloos barrarão o caminho ás investidas mal lastreadas, oferecendo o rochedo de uma Santa Helena ao imprudente, que, desejando cortar, não teve em primeiro lugar o cuidado de se munir de um instrumento cortante ! . . .

Já existem no mundo muitas usinas que se ocupam do preparo do ferro e do aço, e, entre elas, algumas aqui no Brasil; mas, se as usinas estrangeiras tem necessidade de aumentar a sua produção, porque a atual não é suficiente, as do Brasil precisam ser aumentadas e multiplicadas, para que sejam satisfeitas tôdas as nossas necessidades de ferro e de aço, tanto presentes, como futuras.

Com os seus quasi 9 milhões de quilômetros quadrados de superfície, não é de admirar que o Brasil, em muito breve tempo, possua cerca de 500.000 quilômetros de vias férreas; e, possuindo-as, precisará de um milhão de quilômetros de trilhos, que, á razão média de 35 quilos por metro linear, exigirão 35 milhões de toneladas de trilhos de aço, que tôdas as nossas usinas juntas não poderiam fornecer em menos de cem anos de trabalho ininterrupto e sem se ocuparem de outro material! . . .

Entre as usinas nacionais poderemos citar as seguintes:

MONLEVADE

E' a maior e mais completa, e, indubitavelmente, a mais perfeita instalação siderúrgica no Brasil; ainda não está terminada tal qual foi projetada, a-pesar-de estarem sendo cumpridos rigorosamente os planos traçados para 6 altos fornos de 75 tons. cada um, 6 fornos Siemens-Martin de 35 tons. cada um e trens de laminação para perfis finos, médios e pesados, inclusive trilhos, arames galvanizados e farpados, etc. Atualmente conta 2 altos fornos e 2 fornos para preparo do aço e trens de laminação.

SABARÁ'

Como a precedente, pertence á Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira S. A.; esta empreza que foi a pioneira da moderna siderurgia nacional, iniciou suas atividades na usina de Sabará, cujos primeiros resultados, aliados á nítida compreensão das nossas possibilidades siderúrgicas, levaram-na a estu-

dar um programa mais vasto, a cuja realização se prestou a bacia do Rio Doce, junto a vastas florestas e jazidas importantes de minério e de fundentes. Desde então essa usina passou a ser uma espécie de escola preparatória para a futura usina de Monlevade, que é hoje uma esplêndida realidade. Afim de compreender toda a extensão, embora em pequena escala, do programa futuro da Monlevade, foi ela ampliada convenientemente e conta hoje com 2 altos fornos de 30 a 32 tons., bem como 3 fornos para aço Siemens-Martin, de 12, 16 e 20 tons. respectivamente, além de trens de laminação para perfis comuns, redondos, quadrados, chatos e cantoneiros. Esta usina fornece aço sob especificação para as nossas fábricas de material bélico dos Ministérios da Guerra e da Marinha.

MORRO GRANDE (em Minas) e NEVES (em Niterói)

Ambas pertencem à Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas da firma Hime & C., estando a primeira situada no município de Santa Bárbara, em Minas Gerais, e a segunda no bairro das Neves, na cidade de Niterói, capital do Estado do Rio. Conta a primeira com 3 altos fornos para 30 tons, diárias cada um e 2 conversores Bessemer, de 2 toneladas de carga. O guza e o aço Bessemer, nela produzidos, são enviados à usina das Neves, em Niterói, na qual são tratados em 2 fornos Siemens-Martin, a óleo, de 15 tons. de carga, e em dois trens de laminação para perfis médios e finos, com uma capacidade mensal de 3.500 a 4.000 tons, de laminados.

A usina das Neves, quanto pequena em comparação à de Monlevade, nada lhe fica a dever quanto à perfeição de suas instalações, quanto à sua eficiência e quanto à sua técnica; é, pois, uma das grandes realizações nacionais no campo da siderurgia. Além de produzir também aços sob especificação para a nossa indústria bélica, ainda possui instalações anexas para o fabrico de pregos, rebites, parafusos, porcas e artigos estampados, bem como uma importante fundição de segunda fusão no Rio de Janeiro, para a fabricação de peças

sob encomendas, artigos sanitários esmaltados, banheiras, pias, etc.

*

*

*

Essas são as joias do nosso parque siderúrgico, por suas instalações completas, que abrangem todo o programa, desde o minério até o aço e seus produtos imediatos. Há muitas outras, mas de menor importância quanto às condições citadas. Entre elas citaremos as seguintes: — Usina Gorceix e de Caeté, de Barbará S. A., da Esperança, Burnier e Gagé, de Rio Acima, de Belo Horizonte, de Saudade, etc. cujas características deixamos de dar, a-fim-de não estender muito o nosso artigo.

*

*

*

As grandes e riquíssimas jazidas de ferro que se escondem sob o solo brasileiro estão a dizer que o Destino determinou que o Brasil seja, em futuro não remoto, um dos mais importantes produtores de ferro e aço, senão mesmo o maior; mas, para isso, é preciso que as nossas usinas se multipliquem e que a sua produção total seja capaz de atender a tôdas as nossas necessidades presentes e futuras, assegurando a êste formoso país uma independência econômica e industrial absoluta. E uma tal independência só pode existir, desde que se baseie na defesa nacional geral, isto é, constituida pela existência de ferro e aço para tôdas as necessidades do país, e na defesa específica, isto é, no poder militar, que se traduz em vasos de guerra, em material bélico e munições, em esquadrilhas de aviões, em fuzis, metralhadoras, etc. etc., como o estão indicando as convulsões do velho mundo.

O capital humano pouco vale sem a mão fortíssima da siderurgia, que a êle fornece o instrumento, a arma, o "modus agendi" em qualquer circunstância de paz ou de guerra.

Não o devemos esquecer, se já o soubemos algum dia, aprendê-lo, se nunca o havíamos sabido em tempo algum; e como disse o velho Horácio: — “Indocti discant et ament memnisse periti”.

O Brasil dispõe de elementos formidáveis para se tornar o leader da siderurgia do mundo, porque possue a energia hidráulica em abundância; e esta pode substituir o carvão em muitos casos, sendo gerada quasi in loco, a bem dizer. As cachoeiras de Paulo Afonso, no rio São Francisco, com 9 milhões de cavalos, o Salto Grande, no rio Pardo, com 5 milhões de cavalos e o Salto do Iguassú, no rio Paraná, com 13 milhões de cavalos, estão indicados para três usinas hidro-elétricas em paralelo, que fornecerão 27 milhões de cavalos, mesmo em volta das zonas do minério de ferro; essa energia, reunida á existência das jazidas carboníferas do sul do Brasil, nas proximidades da terceira das citadas usinas, será suficiente para um desenvolvimento fantástico na siderurgia brasileira, assegurando-lhe uma hegemonia, que nenhum outro país do mundo poderá disputar.

O poder e as atividades militares representam uma defesa bem eficaz; mas, se esse poder, por maior que seja, não tiver a alimentá-lo a Siderurgia, com os seus produtos de tôdas as espécies, de pouco ou de nada valerá em um dado momento. Neste presente negro, em que nações européias se empenham em um duelo de morte, vemos a enorme preocupação dos dirigentes de cada uma em assegurar-se a jazida de ferro e de carvão, de petróleo e seus derivados, para que se possa manter de pé a eficiência combativa. E milhões de vidas se trocam por uma dessas assegurações, cuja falta poria um ponto final na coragem e no patriotismo do melhor dos exércitos ! . . .

Cuidemos do nosso parque siderúrgico, porque, em um momento de perigo, tôdas as usinas, ao mesmo tempo, se concentrariam no fabrico de tudo o que exigisse a nossa defesa, isto é, a defesa nacional.

Por tudo isso se vê claramente que a defesa nacional está intimamente ligada á Siderurgia, e que, portanto, não a pode

dispensar de modo algum; é, se assim é, como é mesmo, cuidemos de as manter em conveniente relação de proporcionalidade, para que não venhamos a sentir que á defesa faltará esse apôlo de vital importância.

Agora, que novas energias surgem para uma realizada-
a atividade, agora, que tudo se movimenta no louvável
proveitamento das riquezas com que a Natureza houve por
em dotar o mais formoso, rico e configurado torrão de todo
mundo, nada mais justo do que enveredarmos por êsse ca-
minho, que se impõe como a direção útil de tôdas as fôrças
nacionais, que deverão ter um caráter nacional, que deverão
manifestar em um ambiente nacional e que deverão ter
ma finalidade nacional! . . .

E tôdas essas energias se devem concentrar no problema
de caráter magno, no problema de iniludível importância, no
problema mais grave da nossa nacionalidade, que é o proble-
ma da Siderurgia, cuja solução se torna muito fácil aqui no
Brasil, porque o Brasil possue o minério, a fôrça e a inteli-
gência.

Congracemos essas fôrças, seja cada uma delas uma das
arinhas do lendário feixe, e, mais uma vez, veremos que a
nião faz a fôrça; e é dessa fôrça, perfeitamente unida em
n só bloco, o de que precisamos para levar a têrmo o que
rá do Brasil um grande país, de forte poder econômico e
ilitar.

Imitemos, neste particular, a Inglaterra, que se pode con-
siderar a pátria da siderurgia; nesse país, que se iniciou sob
fórmula de uma mística no seu berço de um druidismo pas-
ral, a siderurgia caminhou de etapa em etapa, tendo á sua
ente, em épocas sucessivas, Darby, Dudley, Cort Bessemer
outros, cujos esforços colocaram a Bretanha na vanguarda
os países de riqueza siderúrgica, o que significa que
ela coube o domínio do mundo industrial, superando o vá-
dos Ibéricos em seu gênio marítimo de denodados navega-
res.

Consideremos, pois, que a defesa do solo brasileiro está
alta no próprio solo do Brasil, e que é preciso retirá-la de

lá, organizá-la e oferecê-la a todos aqueles que tiverem a felicidade de receber dela as investidas plena e rigorosamente lastreadas por um sistema siderúrgico perfeito e completamente capaz de atender sem a menor demora a todas as requisições do heroísmo e da dedicação dos brasileiros ! . . .



As Ligações e Transmissões no **GRUPO**

Pelo Major

Amangá Liberato de Castro Menezes
Instrutor da Escola de Estado Maior

Os problemas das ligações e das transmissões no Grupo, cuja importância não é demasiado encarecer, vem aqui expostos de forma sucinta, porém com clareza e precisão.

O Major AMANGÁ', antigo instrutor da Escola das Armas e atualmente do Curso de Artilharia da Escola de Estado Maior, possue sobreja autoridade para tratar de assunto de tal relevância.

I — GENERALIDADES

As ligações do Gr. se concretizam pelas relações que seu Cmt. deve manter com:

- seu superior e chefe (geralmente Cmt. Ag.);
- seus subordinados;
- seus meios de informação e observação;
- seus vizinhos;

tendo por fim assegurar a convergência dos esforços em face da missão a cumprir.

As necessidades de ligação no Grupo, são:

1) — Entre os Cmts. de Bia. e

normalmente	{ Bias. de tiro P. O. Cmt. do Gr.
eventualmente	{ outras Bias. outros P.O. } do Gr. (lig. inter.)

2) — Entre o Cmt. de Gr. e

normalmente	{ Bias. P. O. do Gr. Agrupamento (lig. exteriores) Avião
-------------	---

eventualmente	Infantaria apoiada
	Gr. vizinhos
	Órgãos estranhos (S. I. A., S. L. O.T., S.L.S., etc.)
	Coluna remuniciamento

As ligações podem se processar

1) — Pelo contacto pessoal do Chefe

Em permanência	{ vizinhança dos P.C. vizinhança dos P. O.
----------------	---

Intermitentes (Visitas)

2) — Por oficial ou destacamento de ligação.

3) — Pela transmissão de ordens, relatórios, etc. utilizando

— agentes de transmissão	{ a pé montado em veículos
--------------------------	----------------------------------

— animais de transmissão	{ pombos cães
--------------------------	------------------

— aparelhos de transmissão	{ balísticos acústicos óticos elétricos
----------------------------	--

O estabelecimento das transmissões está condicionada ás "condições de desdobramento da artilharia" (situação, missão, dispositivo, tempo disponível, etc.).

No entretanto elas devem em qualquer caso satisfazer ás seguintes condições:

- ser simples e económicas
- ter articulação judiciosa
- ser permanente (vários meios).

II — DESTACAMENTO DE LIGAÇÃO

O destacamento de ligação é o órgão enviado pela artilharia junto a infantaria apoiada.

Sua missão é permitir uma intervenção mais rápida e segura da Artilharia em proveito da Infantaria. Seu papel, assume grande importância no combate e nele repousa em grande parte a "vitória".

Ele deve estar em condições de:

- fornecer ao Cmt. da Infantaria apoiada as informações necessárias sobre as possibilidades da Artilharia.
- fornecer ao Cmt. da Art. apoianta informações referentes a situação da Infantaria e transmitir, sob uma forma rapidamente explorável pela Art., os pedidos de fogos pela Inf.
- além das missões acima, o oficial de ligação é um órgão de informação da Artilharia.

MEIOS DO GRUPO

O grupo dispõe de uma turma de ligação compreendendo:

- 1 Ten. de ligação
- 2 Sargentos de ligação
- 2 Cabos de ligação
- 1 cabo clarim
- 2 soldados clarins

e as Bias.

- 1 Sargento de ligação
- 2 Soldados (clarins)

que eventualmente reforçarão os elementos do Gr.

A estes elementos são acrescidos os meios de transmissões necessários. (Tel., rádio, ótica, etc.).

Se o Grupo está isolado o oficial observador reveza com de ligação.

Se o Gr. faz parte de um Agrupamento a este compete a organização do destacamento e neste caso os grupos correspondem com os seus elementos para a constituição das turmas de revezamento.

A composição deste destacamento varia com a natureza da missão que lhe é atribuída em face da missão geral da unidade.

Sua composição básica é:

- a) junto ao Coronel da Infantaria

Pessoal	Material
Oficial de ligação	1 aparelho rádio (receptor-transmissor de morse ou telefonia).
1 Sargento telefonista	2 aparelhos telefônicos
4 telefonistas-sinaleiros	2 Sinaleiros de 10; Bobinas de cabo leve (o necessário a junção do R.I. - Ag)
2 estafetas (montados, ou em motos se a situação o permitir)	Prever os fios para os casos de deslocamento.
eventual { 1 Sargento rádio-telegrafista 2 Soldados rádio-telegrafistas	
b) junto ao Cmt. do Btl.	
1 Sargento de ligação	{ 1 Sinaleiro de 10
3 sinaleiros ou estafetas	

NOTA — O Grupo quando isolado necessita reforço em meios de transmissões.

A ligação telefônica Inf.-Art. é constituida por um circuito construído pela Art. e posteriormente dobrado pela Inf.

III — AS TRANSMISSÕES

A) O Oficial das transmissões

O oficial das transmissões é o auxiliar técnico do Cmt. do Gr..

Ele é encarregado de:

- organizar o trabalho de conjunto dos meios do Grupo tendo em vista as condições de desdobramento;
- assegurar o seu funcionamento (instalação, exploração e permanência);
- efetuar as ligações inopinadas que resultam da evolução das circunstâncias.

Para isso ele recebe:

a) — Do Cmt. do Grupo

As informações gerais sobre

- as condições de desdobramento;
- o terreno;
- as necessidades de ligação do Grupo.

b) — **Do Chefe das transmissões** (escalão superior)

As informações técnicas de utilização dos seus meios e os meios estranhos que pode utilizar (redes, centrais, reforço, etc.).

3) **Meios de Transmissão do Grupo.**

a) — **Pessoal**

Grupo

Um Ten. das transmissões

- turma de transmissão telefonia
 - 1 Sargento sinaleiro-telefonista
 - 2 Cabos sinaleiros-telefonistas
 - 14 Soldados sinaleiros-telefonistas
- turma de transmissão rádio
 - 1 Sargento rádio-telegrafista
 - 8 Soldados rádio-telegrafistas
 - 4 Cabos rádio-telegrafistas

Bias.

- 1 Sargento sinaleiro telefonista
- 1 Cabo sinaleiro-telefonista
- 7 Soldados sinaleiros telefonistas

b) — **Material**

UNIDADES	MATERIAL																
	Telefônico			Rádio				Tel.E.R.	IN	FR	RA	Sinaleiro de 10	Pistolas sinai.	Bandeiras	Painéis		
	Telefis.	4 dir.	12 dir.	Km. c. l.	Ident.	Sinal.	Balis.								Tubo lança foguetes		
Bia. Mnt. ou Do.	3	1	—	5	2	—	—	—	3	1	6	—	—	—	—	—	—
Bia. D. C.	6	2	—	10	2	—	—	—	3	1	6	—	—	—	—	—	—
Gr. Mnt.	6	2	2	16				1	1	6	2	18	2	3	—	1	
Gr. Do.	6	2	2	10				1	1	6	2	12	2	3	—	1	
Gr. D. C.	6	2	2	10				1	1	6	2	12	2	3	—	1	
Gr. 105	6	2	2	16				1	1	1	6	2	12	2	3	—	1

c) — Possibilidades.

1 — **Telefone**

com os meios acima pode constituir:

— o Grupo

3 turmas de construção de cabo leve;

1 turma de exploração (2 centrais);

— a Bias.

1 turma de construção de cabo leve

1 turma de exploração (2 postos)

Uma turma de cabo leve instala 1 Km. de linha sobre suportes naturais em 30'.

Se a linha a ser construída é sobre suportes naturais com roldanas o tempo de construção será o mesmo se as turmas forem reforçadas com auxiliares tirados das Bias. ou do próprio Gr.

2 — **Rádio**

Os meios permitem instalar e explorar dois pontos rádios.

3 — **Óticas**

Na instalação das transmissões óticas levar em consideração que cada ligação compreende dois aparelhos.

C) **Instalação das transmissões**

De posse dos dados expostos na letra a — e do balanceamento dos meios de acordo com os dados das letras b e c — vai o oficial das transmissões efetuar o seu reconhecimento e em consequência organizar seu plano de trabalho o qual submeterá á aprovação do Cmt. do Gr.

O trabalho do oficial das transmissões diz respeito á instalação:

- a) **do eixo de transmissões do Gr.** — o qual está condicionado á situação dos P.C.T. (pôsto central de tiro) e do P. C. O. (pôsto central de observação).
- b) **das transmissões interiores** — isto é, das ligações necessárias á execução do tiro das Bias. e do Gr. Ela depende da situação dos elementos a ligar podendo assim tomar aspectos variados.

A título de exemplo damos em anexo sob forma esquemática diversas modalidades de redes interiores (figs 1 e 2)

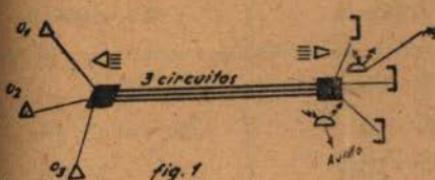


fig. 1

Caso dos observatórios próximos ao P.C.O. e dos bairros próximos ao P.C.O.

Ligações dos bairros - obs. - através do fixo do Gr.

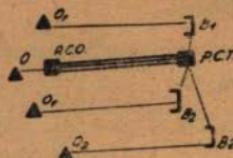


fig. 2

Observatórios muito afastados do P.C.O.

c) — das transmissões exteriores — ou ligações de Cmdo.

Como exemplo damos, sob forma esquemática, a do croquis da fig. 3.

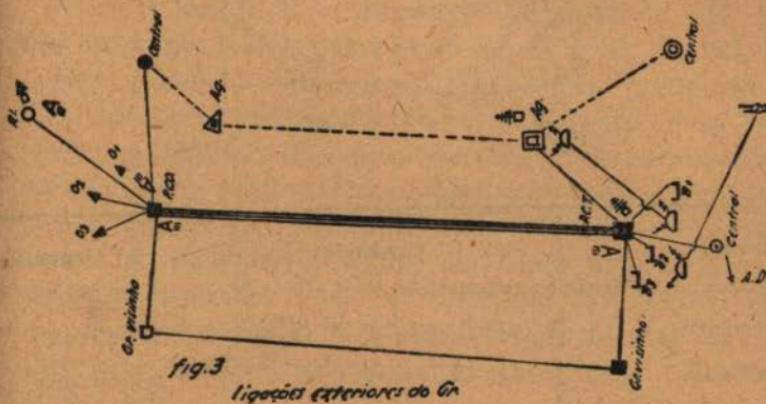


fig. 3

Ligações exteriores do Gr.

O plano dos trabalhos do Gr., que é a conclusão do estudo acima, pode ser dado sob a forma abaixo:

1.^º) — O Gr. descentraliza o trabalho (fig. 4)

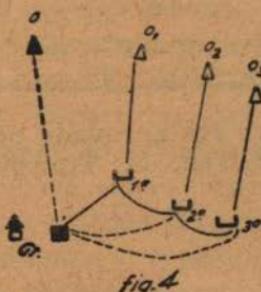
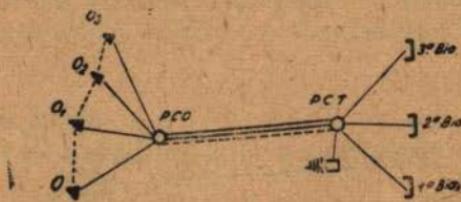


fig. 4

Elementos	1. ^a Urgência	2. ^a urgência
1. ^a turma Gr.	Gr. — 1. ^a Bia.	Gr. — 0
2. ^a turma Gr.	1. ^a — 2. ^a Bia.	Gr. — 2. ^a Bia.
	2. ^a — 3. ^a Bia.	Gr. — 3. ^a Bia.
Turma 1. ^a Bia.	Bia. — 0 ₁	ótica
Turma 2. ^a Bia.	Bia. — 0 ₂	ótica
Turma 3. ^a Bia.	Bia. — 0 ₃ .	ótica

2.^o) — O Gr. centraliza o trabalho (fig. 5)



Elementos	1. ^a Urgência	2. ^a Urgência
1. ^a turma Gr	P. C. T. — P. C. O.	2. ^o circuito
2. ^a turma G.	P. C. T. — P. C. O.	2. ^o circuito
Turma 1. ^a Bia.	P.C.T. { 1. ^a Bia. 2. ^a Bia. 3. ^a Bia.}	1. ^a — 2. ^a Bia. 2. ^a — 3. ^a Bia.
Turma 2. ^a Bia.	P.C.O. { 0 0 ₁ 0 ₂ 0 ₃ }	0 — 0 ₁ 0 ₁ — 0 ₂ 0 ₂ — 0 ₃
Turma 3. ^a Bia.	P. C. T. — P. C. O.	— — —

O plano acima, uma vez aprovado pelo Cmt. do Gr. será posto em execução pelo Ten. das Transmissões.

Tática e funcionamento dos P.C. das unidades de Infantaria

Cmt. RENÉ ANDRIOT

Trad. do Cap. MURILLO BORGES MOREIRA

(Continuação do número anterior)

PRINCÍPIOS GERAIS DE DESLOCAMENTO E DE COMBATE DOS P. C.

Um P.C. de R.I. abrange um total de 116 homens, mais ou menos 3 Pels. O efetivo de um P.C. de Btl. é de 36 homens, isto é, 1 Pel. E um P.C. de Cia. comporta 12 homens, um G.C. aproximadamente. Nas marchas, os P.C. constituem frações distintas na testa de suas unidades. No combate, êstes órgãos tomam para progredir as mesmas formações táticas que as frações de efetivo correspondente. Quando se instalam, levando em conta as necessidades de serviço próprio dos P.C. e repartição do pessoal em face de suas missões, os P. C. devem adotar formações o menos vulneráveis possível aos fogos de Infantaria e aos tiros de Artilharia.

OBSERVAÇÃO E TRANSMISSÕES NO COMBATE

Há duas coisas que serão organizadas com o maior cuidado por um chefe desejoso de exercer seu comando nas melhores condições no decorrer de todas as fases de combate: a OBSERVAÇÃO e as TRANSMISSÕES.

A observação “fornece as mais numerosas e imediatas indicações”. Ela busca a informação que permite ao chefe tomar sua decisão com conhecimento de causa. Deve funcionar sem demora e de uma maneira contínua.

Da mesma maneira, é preciso fazer funcionar logo as transmissões. Sua instalação requer tempo. “**Todo chefe**

que não orientar oportunamente o Cmt. das transmissões, tirará dos meios que dispõe, insuficiente rendimento, cabendo-lhe a inteira responsabilidade pelas consequências que sobrevierem". (R. 84 - n. 47). As transmissões permitem ao chefe, receber as informações da observação, e ao mesmo tempo, facilitam a difusão rápida de suas ordens. As possibilidades de Cmdo. aumentam na razão direta do perfeito estabelecimento da rede de transmissões.

No decorrer do combate, esta rede é muitas vezes interrompida. O nosso R. 84 diz então: "Os meios de transmissões podem faltar pela deficiência de previsão, ou falhar em consequência das peripécias do combate. Consequentemente, todo Cmt. deve pessoalmente atuar onde fôr necessário, pois cabendo-lhe em qualquer caso inteira responsabilidade, compete-lhe providenciar quanto ao fornecimento, reparação ou substituição dos meios necessários". Esta necessidade de ação pessoal do chefe, no caso de não funcionarem as transmissões, também está bem expressa no n. 120 do R.E.C.I., 2.^a parte: "O Cmt. de uma unidade tem sempre o dever de exercer sua ação pessoal sobre a marcha dos acontecimentos, mesmo no caso de faltarem as transmissões".

APROXIMAÇÃO

Durante esta fase, os P.C. das pequenas unidades de Infantaria progridem em formações de aproximação de acordo com seu efetivo. Quando o inimigo ainda está longe, não há, na maioria das vezes, informações a receber, salvo as provenientes da D.I. e são poucas as ordens a redigir. As ligações são asseguradas por meio de agentes de transmissões. O material telefônico, rádio e ótico, é transportado o maior tempo possível, nas viaturas especiais que seguem o mais de perto suas unidades, aproveitando as estradas e os caminhos carroçáveis. Estas viaturas ligeiras, não podem se deslocar através dos campos, em vista da delicadeza do material transportado: os postes-rádio principalmente. E' preciso poupar o pessoal das transmissões, evitando fazer grandes deslocamentos com o material á braços. Cada homem de

egulados com o maior cuidado. Os dois fatores que asseguram uma boa execução são: 1.^º a ORDEM; 2.^º a RAPIDEZ sem que um destes fatores tenha precedência sobre o outro.

“O deslocamento de um P.C. é operação delicada. Não deve interromper jamais a transmissão das ordens e informações”. (R.84-n.253).

Os P.C. das pequenas unidades de Infantaria se ligam estreitamente aos movimentos das unidades a elas subordinadas. Procede-se a sua mudança para a frente quando aumenta a distância entre o P.C. da unidade e suas frações engajadas. **“O deslocamento de um P.C. só deve realizar-se pelo seu afastamento e consequentemente diminuição da ficiência de seus meios de transmissões, não ficando mais em condições satisfatórias de receber as informações da frente”.** (R.84-n.254). De uma maneira geral os P.C. progridem por lanços. A amplitude destes lanços depende dos locais dos observatórios que o Cmt. da unidade encontrar em seu eixo de marcha ficando bem entendido que o P.C. deverá ficar geralmente nas proximidades do P.O. O princípio da continuidade da ação impõe que se deve **“deixar uma permanência no antigo local pelo tempo suficiente para que a autoridade que se desloca atinja seu novo P.C.”**.

(R.84-n.255). Esta prescrição se aplica ao R.I.-Btl. e até mesmo à Cia. É preciso admitir, como regra geral, que o P.C. de uma autoridade superior se desloca duas vezes menos que os P.C. das unidades subordinadas. O deslocamento destes órgãos de comando deve ser previsto em todos os seus detalhes para os diversos escalões. Os P.C. devem se fractionar automaticamente em duas partes: uma se desloca para o novo local; a outra assegura a permanência. O pessoal que constitui o 1.^º escalão e que se transporta para a frente com o Cmt. da unidade, é designado de uma vez para sempre. O material deve ser repartido entre as duas frações. Assim, o deslocamento de um P.C. não deve **“ser executado, com a desordem de uma mudança improvisada. É uma operação que requer a mesma disciplina e as mesmas precauções que a progressão de um Pel. ou G.C.”**. A fração que

progride efetua seu movimento sob as ordens de um chefe designado em uma formação de acôrdo com seu efetivo. São as formações utilizadas para a marcha sob os fogos de Infantaria e Artilharia. A progressão se faz por lanços. Estes movimentos devem fugir cuidadosamente ás vistas inimigas por uma outra razão além da que consiste em evitar os tiros mortíferos. Com efeito, a substituição de um P.C. por um outro não deve dar ao inimigo nenhum indício de nosso avanço. Trata-se também de não dar nenhuma referência do novo P.C. Os locais dos P.C. em fim de jornada são cuidadosamente reconhecidos pela autoridade superior e autoridades subordinadas. Todas as medidas são tomadas para poder estabelecer as ligações, assegurando a transmissão das ordens durante a noite.

COMBATE EM RETIRADA

O combate em retirada se traduz antes de mais nada, sob a pressão inimiga, por um recuo das unidades engajadas. E' o caso mais delicado de deslocamento de P.C. porque a precipitação — e a consequente desordem — complicam a operação. A maior incerteza reside ordinariamente na amplitude do movimento e algumas vezes também sobre o local do novo P.C. da autoridade superior. O Cmt. de unidade que se retira indica, como na marcha para a frente, o ponto onde ele pretende se instalar. O P.C. se reparte em 2 escalões se o tempo permitir proceder assim, partindo então imediatamente para o novo local, o pessoal das transmissões. Porém na maior parte dos casos, as unidades que estão em contacto se acham na impossibilidade absoluta de efetuar um rompimento de contacto tão metódico. E' preciso proceder com a maior rapidez continuando a manter na mão os elementos do P.C. Novamente a rapidez não deve se efetuar com o prejuízo da ordem. O importante, em casos desta natureza, é evitar o abandono no terreno, de material e papéis importantes (ordens, chaves de cifra, código, material de transmissão). Enquanto se realiza o movimento de recuo “**a dificuldade de comunicar a todos os executantes as or-**

dens necessárias, representa só por si um obstáculo á essa operação". (R.E.C.I. - 2.^a - 294). E' preciso então acabar com esta situação; restabelece-se então, por todos os meios e ao mesmo tempo, as ligações entre chefes e subordinados. Existe forçosamente, no início do recuo, um período que, em face da descontinuidade das transmissões, o exercício do Cmdo., se não é impossível, pelo menos é muito difícil. Todos os esforços devem ser empregados para restabelecer a atividade dos P.C.

DEFENSIVA

A defensiva é a situação que apresenta menos obstáculos ao funcionamento dos P.C. A estabilidade momentânea dêstes postos facilita a organização das transmissões. Esta organização, assim como a dos serviços do P. C., pode se realizar progressivamente e aperfeiçoada em todos os detalhes.

REGRAS PARA A ORGANIZAÇÃO DOS P.C.

1 — MISSÃO DO CHEFE NO SEU P.C.

- dar as ordens aos subordinados e exigir deles as partes correspondentes.
- informar a autoridade superior.
- estar em ligação constante com as unidades vizinhas.

2 — REGRAS RELATIVAS AO LOCAL DOS P.C.

O local de um P.C. deve estar ao abrigo:

- dos fogos de Inf. e dos tiros de Art.
- das vistas da Av. (bombardeios, fotografias).
- da observação inimiga (disfarce).
- das incursões de engenhos motorizados.

Evitar escolher para P. C. um ponto caraterístico do terreno; localizá-lo a alguma distância.

3 — REPARTIÇÃO DO PESSOAL E DO MATERIAL DO P.C.

Dividir o pessoal e o material em 3 grandes categorias:

a) **Pessoal do Cmdo.**

Secretaria.... — sargentos e soldados dactilógrafos.

Informações.... — sargentos topógrafos, soldados desenhistas, observadores.

b) **Pessoal das Transmissões.**

Telefonistas, rádio-telegrafistas, sinaleiros (braços e painéis).

Ciclistas, motociclistas, agentes de transmissão.

c) **Pessoal das Ligações.**

Agentes de ligação com as unidades subordinadas.

Agentes de ligação com órgãos diversos (P.S. — T.C. — T.E.).

Agentes de ligação com as unidades vizinhas.

Agentes de ligação com as outras armas (Art. — carros).

MEMENTO DAS MISSÕES DOS OFICIAIS NOS P.C.

I — P.C. DE REGIMENTO

A) Do SUB-CMT.

— substitue o Cel. quando este se ausenta momentaneamente do P.C.

— dirige os diversos serviços do P.C. e coordena sua ação.

— examina os pedidos de tiro feitos á artilharia de apôio direto e transmite-os após ter estudado com o oficial de artilharia do destacamento de ligação.

— dirige o remuniciamento (auxiliado pelo Ten. encarregado).

— determina, segundo instruções do Cel., o local dos órgãos regimentais, como sejam posto de socorro, depósito avançado de munições, esclarecedores montados, companhia de engenhos, T.C.I., T.C.2, T.E., etc.

— assegura a permanência no P.C. quando êste se desloca com o Cel. conservando consigo 1 secretário, 1 ciclista, 1 P.O. e 1 equipe telefônica.

B) Do AJUDANTE.

— completa a redação das ordens e partes emanadas do Cel.

— observa a sua remessa aos destinatários.

— classifica e guarda as instruções do comando de caráter tático.

— conserva o diário de marcha do corpo.

— assegura a instalação material do P.C. assim como seu policiamento e disciplina.

NA APROXIMAÇÃO

— faz com que o pessoal do P.C. tome uma formação de aproximação.

— constitue com o efetivo do P.C. três grupamentos (cada um com o efetivo de 1 Pel.) e designa um chefe para cada um deles.

— conduz o P.C. durante o decorrer da aproximação e prescreve o estabelecimento de um mínimo de meios de transmissões e ligação com as autoridades superiores e subordinadas.

NO ATAQUE

— determina o local exato do 1.^º P.C. do Regimento (fixado algumas vezes na ordem da D.I.; quando fôr designado nesta ordem, como devendo ser em um ponto característico do terreno, escolhe um lugar conveniente nas proximidades dêste ponto).

— grupa as diversas categorias do pessoal do P.C. levando em conta a semelhança e a conexão das missões a serem cumpridas por cada um dêles.

— pede em tempo útil os mensageiros necessários.

— constata se os agentes de ligação estão em seus pontos.

— fixa um local para as montadas dos oficiais do P.C.

— organiza a observação do céu e a D.C.A.; destaca para isto um Pel. de Mtrs. do Btl. reserva.

— toma as medidas necessárias para deter as incursões dos engenhos motorizados.

— prevê em caso de bombardeio com obuses tóxicos, o emprego do material especial de proteção.

— prescreve a construção dos trabalhos necessários à instalação do P.C. pelos sapadores.

— em caso de deslocamento do P.C. regula o movimento antes do 1.^º escalão.

C) Do SGT-AJUDANTE.

— coleciona as ordens.

— assegura sua remessa aos destinatários.

— regula o serviço dos agentes de transmissão e ligação.

— faz regressar os agentes de transmissão vindos das unidades subordinadas, após se certificar de que não há ordem a transmitir a estas unidades.

— auxilia o ajudante na instalação do P.C.

— dirige ele próprio esta instalação nos deslocamentos do P.C. (quando o ajudante tenha de preceder o pessoal do P.C. para acompanhar o Cel.).

D) Do OFICIAL DE INFORMAÇÕES.

Tem como missão geral:

— a busca e a exploração das informações.

— o exame das fotografias aéreas.

— a difusão das informações.

— a alteração diária das cartas.

— a organização dos observatórios.

— o interrogatório sumário dos prisioneiros.

NA APROXIMAÇÃO

— Traça na carta o itinerário seguido pelo P.C. do Regimento e se certifica da exatidão dêste itinerário.

NO ATAQUE

— assinala exatamente na carta o ponto onde fica o P.C. do Regimento.

— marca na carta e à medida que chegam as informações, as resistências assinaladas e difunde logo estas indicações às unidades interessadas.

— vai reconhecer o local do 1.^º P.O. e o organiza.

— regula o serviço dos graduados e soldados observadores.

— por ocasião do deslocamento do P.C., parte com o 1.^º escalão; leva consigo o desenhista, os observadores não empregados e ao chegar no novo local, constitue logo com estes últimos um novo P.O.

E) Do OFICIAL DE TRANSMISSÕES.

NA APROXIMAÇÃO

— Põe o P.C. do Regimento em ligação, por meio do telefone e do ótico (nunca pelo rádio) com a D.I.

NO ATAQUE

— pede tôdas as indicações sobre as ligações que o Comando do Regimento deseja manter entre seu P.C. e as unidades vizinhas ou subordinadas.

— fixa um ponto de reunião (atrás do P.C. do R.I.) para as viaturas ligeiras de transmissão.

— vai reconhecer no início do ataque, com o ajudante, o 1.^º P.C. do Regimento.

— deixa neste ponto o sgt. das transmissões depois de ter dado as instruções necessárias e se transporta para

a frente afim de escolher o local do 1.^º C.T.A. (levando consigo os chefes das equipes telefônica e ótica) e dá sua instruções para que o pessoal das transmissões do C.T.A. vá encontrá-lo lá.

F) Do SGT. DAS TRANSMISSÕES.

- dirige as transmissões propriamente do P.C. do R.I.
- fixa o local da central telefônica, estabelece a ligação com o Cel., com o P.O.; instala o rádio e o ótico auxiliado pelos chefes das equipes.
- desenvolve os painéis de identificação e sinalização.
- certifica-se pessoalmente se tôdas as mensagens que devem ser transmitidas cifradas o são realmente.
- grupa e lança os artifícios.
- em caso de deslocamento do P.C., parte ao mesmo tempo que o 1.^º escalão, com todo seu pessoal e material salvo uma equipe telefônica que deixa de permanência.

II --- P.C. DE BATALHÃO

A) Do AJUDANTE.

NA APROXIMAÇÃO

- reparte a Sec. de Cmdo. em 3 grupos.
- designa os graduados chefes de grupos.
- assegura a progressão da Sec. de Cmdo.

NA TOMADA DE CONTACTO

- coloca a Sec. de Cmdo. em um local desenfiado.
- instala os órgãos de transmissões necessários á recepção das informações ao Cel.
- estar em condições de instalar o P.C. no caso de se passar ao ataque.
- reconhecer um local para o P.C. e outro para o P.O.

NO ATAQUE

- instala definitivamente o P.C.
- assegura a disciplina e o policiamento no P.C.
- encarrega-se de tudo o que concerne ao remuniciamento (auxiliado pelo Sub-Ten. chefe do 2.^º grupo da Sec. de Cmdo.)!
- reparte o pessoal do P.C. em diversas categorias (Cmdo. — ligações — trans.).
- indica o local destas categorias.
- certifica-se se os agentes de ligações das Cias. estão em seus lugares.
- manda para a retaguarda as montadas dos oficiais do P.C.
- escolhe um local para os cavalos do sub-destacamento de ligação com a Art.
- organiza a observação do céu.
- pede os mensageiros necessários quando as circunstâncias o exigirem;
- regula seu emprêgo.
- prevê eventualmente a proteção do P.C.
- regula de modo especial, o funcionamento do pessoal de Cmdo. do P.C.
- controla o funcionamento das transmissões.
- certifica-se se os destacamentos que devem ser cifrados o são, realmente.
- contribue na redação das ordens (reune os dactilógrafos, observa o colecionamento, assegura a remessa aos destinatários).
- regula o deslocamento do P.C. (logo que o P.C. se desloque para a frente, comunica ao Cel., seu deslocamento e a chegada no novo P.C.; assegura a progressão da Sec. de Cmdo.).

B) Do OFICIAL DE INFORMAÇÕES

- (2.^º Ten.) — De uma maneira geral:
- dirige o serviço de informações do Btl.

- organiza a observação no P.C. do Btl.
- regula o serviço dos observadores.
- centraliza as informações de toda a natureza.
- tem as cartas em dia.
- é o encarregado dos trabalhos topográficos (cópia dos calcos anexos às ordens, etc.).

NA APROXIMAÇÃO

- traça na carta o itinerário seguido pelas Cias. do Btl.
- deve estar em condições de poder assinalar exatamente na carta, o ponto onde se acha o Maj. em um instante dado.

NA TOMADA DE CONTACTO

- instala o P.O. do Btl.
- pede ao sgt. de transmissões do Btl. para ligar o P. O. ao P. C. por estafetas ou telefone.
- assinala na carta (ou em um croquis que ele mesmo deve fazer em uma escala grande) as resistências que aos poucos forem sendo assinaladas no terreno.

NO ATAQUE

- instala-se nas imediações do Maj.
- acompanha o Maj. quando o P.C. se desloca.
- comanda o grupamento dos sinaleiros e observadores, durante este deslocamento.
- ao chegar no local do novo P.C. organiza logo um P.O.

C) Do SGT. DAS TRANSMISSÕES.

NA APROXIMAÇÃO

- auxilia o ajudante em tudo o que concerne a progressão do pessoal do P.C. em formação de aproximação.

estar em condições de estabelecer uma ligação por telefone ou ótico (não pelo rádio) com o P.C. do R.I.

NA TOMADA DO CONTACTO

- procura assegurar a ligação com o P.C. do R.I. facilitando por todos os meios a chegada ao P.C. do Btl., do fio telefônico vindo do C.T.A.
- escolhe os locais para o telefone, rádio e ótico.
- liga o P.C. ao P.O. por telefone ou mensageiro desde que seja possível.
- regula o serviço das diversas equipes (auxiliado pelos cabos chefes de turma no ponto de vista técnico).
- manda para a retaguarda (para o P.C. do R.I.) as viaturas de transmissões.

NO ATAQUE

- assegura o encaminhamento, ás autoridades interessadas, das ordens e partes.
- cifra antes de transmitir tôdas as mensagens que devam ser enviadas pelo rádio ou pelo ótico.
- decifra as ordens e partes chegadas.
- desenvolve painéis de identificação e de sinalização.
- grupa e lança os artifícios.
- durante o deslocamento do P. C., acompanha o Maj. com todo o pessoal e material de transmissões; facilita novamente a ligação com o C.T.A. do R.I. que faz chegar seus meios até as proximidades do P. C. do Btl.

APÓS O ATAQUE

- Recolhe o material o mais depressa possível (trocando com o oficial de transmissões do R. I. as bobinas vazias pelas cheias).

D) Do SGT.-AJUDANTE

- instala-se com o dactilógrafo junto ao Maj.

— coleciona as ordens e assegura sua remessa aos destinatários.

— durante o deslocamento do P.C., assegura a permanência no 1.^º P.C.. recebendo aí os agentes de ligação que chegarem depois da partida do Maj.; conduz o pessoal de permanência para o novo P.C.

III — P. C. DE COMPANHIA

A) Do SUB-TEN.

— Dirige o serviço de reabastecimento em víveres e munícipes.

B) Do 1.^º SGT.

NA APROXIMAÇÃO

— dirige o pessoal do P.C. constituindo um grupo de combate e progredindo em formação de aproximação.

NA TOMADA DO CONTACTO

— organiza, quando possível, um P.O.

— conserva o pessoal do P.C. abrigado das vistas e tiros, não esquecendo que o Cap. poderá escolher um P.C. a qualquer momento e que ele deverá fazê-lo funcionar normalmente.

NO ATAQUE

— instala definitivamente o P.C. no ponto escolhido pelo Cap. e reparte no terreno o pessoal e o material.

— dirige o funcionamento do P.C. no que se refere as transmissões (fixa o local do ótico; certifica-se se os agentes de ligação com os Pels. estão em seus lugares).

— dirige o serviço de informações da Cia. efetuando os trabalhos tipográficos que podem ser executados no escalão Cia. isto é:

a) croquis panorâmicos com indicação das resistências assinaladas.

b) calcos simples para juntar ás ordens e partes.

— assegurar a ligação por mensageiros entre o P.C. da Cia. e o do Btl.

— durante o deslocamento do P. C., conduz o grupo de Cmdo. constituido pelo pessoal do P. C. (e ao chegar ao novo local, organiza o P.O.)

C) Do 2.^º SGT.

— faz as vezes de secretário; escreve as ordens e partes ditadas pelo Cap.

— coleciona as ordens e partes.

— assegura sua remessa aos destinatários.

— fica constantemente ao lado do Cap.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

“A Defesa Nacional” mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snrs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarda do Rio-de-Janeiro.

- a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.
- b) — Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diariamente — das 9 ás 12 horas e das 14 ás 16 horas.

Os motivos da **GUERRA DE 1870**

Pelo Ten.-Cel.

LIMA FIGUEIRÊDO

Pode um simples noivado provocar uma guerra? Tudo é possível, quando se acirram os ódios entre dois homens ou entre dois povos. Foi o que aconteceu na guerra de 1870 entre a França heróica e a Alemanha, que surgia fortemente modelada das mãos hábeis de Bismarck. O pretexto foi um casamento, como poderia ter sido outra coisa menos grave na vida de um homem.

Como a primeira, a segunda república guindou ao poder governamental da França um Bonaparte. Ainda não se tinha de todo apagado da lembrança dos francêses a fama das vitórias retumbantes do famoso corso, e um halo cintilante circundava o coração do povo, onde o semblante de Napoleão I estava guardado para sempre. Tudo que recordasse os feitos do vencedor de Austerlitz era aceito com um carinho especial e toda idéia que se abrigasse sob essa bandeira sagrada era aprioristicamente vitoriosa. Abrigado pelos louros conquistados pelo tio, Luiz Bonaparte concorreu ao sufrágio que deveria elevá-lo ao poder, e, por maioria berrante, foi eleito presidente da República. Assim que sentiu nas mãos o leme dos destinos da França, bafejado pela simpatia do povo, zombou da tormenta desencadeada pelos elementos da oposição e, como fizera seu bravo ancestral, coroou-se imperador com o nome de Napoleão III, jogando por terra, mais uma vez, a república que, de modo tão sangrento, fôra inaugurada com a morte de Luiz XIV e de sua encantadora espôsa. O segundo império trouxe á França dias de felicidades. O novo monarca desenvolveu um plano monumental, que abrangia todos os ramos do progresso. As medidas adotadas para a restauração das finanças depressa deram frutos ótimos; as indústrias cresceram facilitando lucros compensadores e em qualquer recanto do território se viam obras que atestavam a ação do governo em bem do povo. Contudo, nas veias do poderoso e inteligente monarca circulava o sangue de Napoleão Bonaparte, por hereditariedade, e êle sentia a necessidade da guerra com todos os seus horrores, com tôdas as suas desgraças e tormentas. Após haver desenvolvido ao apogeu as fontes de riqueza e destruído os vícios que gangrenavam as fôrças vitais da nação, a ação do administrador arrefeceu e surgiu, em tôda a plenitude, a vontade de

lutar do guerreiro. A França deveria ser ouvida na decisão das penâncias entre os outros povos.

Primeiramente foi a Rússia a escalada para experimentar os pendores guerreiros de Napoleão III: as hostes do pavilhão tricolor lutaram e venceram em Criméa. Em seguida, aliando-se á Inglaterra, moveu guerra á China, arrombando, de uma vez por tôdas, as portas daquela grande nação ás avassalantes pretenções estrangeiras. Não parou á ação externa do monarca francês: abateu a Áustria na campanha da Itália e enviou ao país dos Aztecas uma expedição para sustentar no poder o imperador Maximiliano.

Enquanto Napoleão III, nesse notável afan, construia o edifício de sua glória, nas terras que se avizinhavam com a França na direção em que o sol nasce, um outro homem sonhava, quotidianamente, com a Alemanha na “leaderança” das nações — Bismarck. Esse notável chanceler pode ser apontado, sem receio de êrro, como o campeão da diplomacia, a-pesar do seu gênio irascível, de ser pouco comunicativo, quasi intratável. No taboleiro das negociações diplomáticas era um mestre. Movia as pedras ao seu bel-prazer. Chamou a si a empreitada de unificar o império alemão e, com tenacidade inaudita, vencendo as resistências oferecidas, muitas vezes, pelo próprio Guilherme I, levou adiante tudo que maquinára em bem da Pátria. No sul da península que se tornou famosa na guerra mundial — a Jutlândia — havia alguns ducados habitados por povo de raça germânica. Bismarck, na execução do seu plano unionista, resolveu anexá-lo á Prússia, e para isto obteve a aliança da Áustria para mover guerra á Dinamarca. Vencida esta última, nasceu nova questão — a Áustria passou a administrar o ducado de Holstein. Era mistér esmagar a Áustria, não só para tirar-lhe êsse privilégio, como obter dos ducados germânicos do sul que orientassem suas vistas para a Prússia. Para isso procurou resolver a questão com tôda a segurança — com a amizade de Napoleão III e do czar Alexandre II, da Rússia, conseguida quando, em missão diplomática, estivera em contacto com êsses monarcas, obtendo a certeza de que a Áustria não contraria com aliados. Estalada a guerra austro-prussiana, sob pretexto de que a Prússia queria intervir no ducado dinamarquês conferido á Áustria, as fôrças de ambos os países se movimentaram para a refrega. O choque principal se deu em Sadowa, onde os exércitos prussianos viram suas armas vitoriosas. Com êsse grande feito d’armas, Bismarck alinhavou o seu vasto plano de uniificação, aniquilou a hegemonia da Áustria e anexou os ducados de Francfort, Hesse, Nassau e Hannover. Todavia, o castelo das suas aspirações não estava de todo edificado. Desgostosos com a derrota de Sadowa, os Estados da Baviera, Wuttenberg, Hasse e Bade odiavam o poderio prussiano. Bismarck não sabia como ajuntar essas formidáveis pedras para a conclusão da obra iniciada. Foi nessa ocasião que o episódio do casamento, a que nos referimos no inicio desta crônica, serviu de argamassa para ligar os Estados que ne-

ravam á vontade do hábil diplomata. Napoleão III não se esqueceu de Warteloo. Acompanhando o desenvolvimento que tomava a Alemanha, não viu com bons olhos o noivado de um Hohenzollern com uma princesa espanhola. Seria absurdo consentir que Guilherme I tivesse umido certo ao sul da França, e com tôda a veemência exigiu que as negociações para o noivado fossem interrompidas.

A-pesar de Guilherme I não desejar a guerra e estar disposto a dar as as satisfações, encontrou por parte de Bismarck, que se unira ao general Moltke, a mais tenaz resistência aos seus propósitos pacifistas. O chanceler desejava a guerra; queria a guerra como uma dádiva do destino. Ela seria o elemento que lhe faltava na formidável reação química que se preparava em seu cérebro. E por isso lutou desesperadamente contra o ânimo anti-belicoso do monarca, chegando até a pensar em abandonar tudo e exilar-se. Não fosse Napoleão III por demais exígente, teria ele ganho uma grandiosa vitória diplomática. O soldado, porém, não se contenta com louros dessa espécie. Deseja os colhidos no campo da peleja. Louros conquistados com palavras bonitas, com discussões calorosas, com cochichos e intrigas... esse o soldado não ama: despreza-os.

Havia duas fôrças num sentido único — Napoleão queria a luta e Bismarck também. A resultante foi a guerra de 1870, que podemos considerar como a precursora do nunca avaliado conflito mundial de 1914. França não queria a guerra. As arrojadas aventuras do grande Bona-parté haviam-na tornado exáusta. Deste modo, a mobilização foi lenta sem o fogo sagrado que impulsiona as massas para as causas empolantes. Pelo contrário, a Prússia mobilizaria seu exército como se os homens obedecessem a um comando elétrico. Dest'arte, logo de início Napoleão III se viu com efetivos insuficientes para realizar o plano que traçara, e que consistia em separar a Prússia dos Estados do sul.

Moltke dividira suas fôrças em três importantes agrupamentos, juntando-os com impetuosidade contra o Sarre e a Alsácia. Após pequena vantagem dos franceses, os germânicos se adeantam pelo território inimigo e conseguem na batalha de Sedan aprisionar o próprio imperador da França — Napoleão III.

A luta que surgiu de um nada teve consequências catastróficas: o orgulho da nação vencida foi insuflado pelo desfile das tropas alemães sob o Arco do Triunfo, em Paris, e a Alsácia e a Lorena foram anexadas ao grande império alemão que, sob a égide de Guilherme I, foi inaugurado por Bismarck após memorável reunião de todos os príncipes dos duzentos germânicos no palácio de Versalhes. A guerra de 70 foi o pequeno vento que se transformou no tufão de 1914. O pretexto foi uma insignificância, o resultado incomensurável. Não se deve muitas vezes desprezar a pequenina minúcia... Em certas ocasiões um parágrafo mal forjado é a causa do desabamento de uma obra d'arte de aspecto lindo e majestoso...

C O R R E S P O N D E N C I A

Tôda a correspondência relativa á Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 1.602, Rio. As colaborações deverão ser endereçadas ao Major Djalma Dias Ribeiro, Caixa Postal 1.602, Rio, ou Escola de Estado Maior — Praia Vermelha.

P R E Ç O S

Oficiais e sub-tenentes: ano 30\$000; semestre 15\$000. Sargentos: ano 25\$000; semestre 14\$000.

Os assinantes avulsos caso desejem que a revista siga registrada devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os Oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS D'ÁGUA

Pelo Capitão Hugo Panasco Alvim
Instrutor da E. E. M.

Pela sua oportunidade e excelência de conceitos, este trabalho deve ser lido e meditado por todos que se interessam pelos assuntos militares. Diante das informações que nos chegam dos campos de batalha da Europa, torna-se particularmente interessante o estudo histórico da transposição do Marne em 1918. O Capitão PANASCO ALVIM, que assina este artigo, é uma das inteligências mais robustas e brilhantes da nova geração.

- Principais dificuldades técnicas e táticas do problema.
- Meios de que dispõem os Exércitos.
- Caso concreto histórico.
- Conclusão.

1.º) PRINCIPAIS DIFICULDADES TÉCNICAS E TÁTICAS DO PROBLEMA

“A travessia de um curso d'água não é mais, no ponto de vista técnico, que um caso particular da transposição de uma brecha. (Regulamento para o emprêgo da Engenharia, do Exército Francês — 2.^a parte — artigo 186).

Caso particular, evidentemente, porém é mister reconhecer desde logo, caso particularmente difícil, se se tratar de um curso d'água importante, pelas 5 razões seguintes:

A) **A brecha é larga** — excluindo dest'arte o emprêgo, de uma obra inteiriça de lançamento fácil e rápido, para sua transposição.

Será necessário, então, utilizar corpo de suportes intermediários, fixos ou flutuantes, em número tanto maior quanto as cargas a passar forem mais pesadas.

B) A brecha não é sómente larga — ela é também profunda e seu fundo é misterioso.

Enquanto que para reparar uma cratera ou atravessar um precipício, os trabalhadores disporão de um solo firme e visível, no qual o material poderá tomar apôio sem dificuldades, sobre o curso d'água os trabalhadores verão sómente um elemento fluido e movediço, mascarando fundos mal conhecidos.

- C) A brecha larga e profunda é **ainda contínua**
- D) O regimen das águas mesmo, é susceptível de trazer dificuldades supplementares imprevistas.
- E) A brecha enfim é geralmente **difícil de ser abordada**.

Não raras vezes suas margens se apresentam:

- ou pantanosas,
- ou enquadradas por escarpas mais ou menos abruptas.

O traçado sinuoso do curso d'água o aproxima alternativamente de cada escarpa. As vias de acesso ao vale, em número quasi sempre limitado, descem dos planaltos por estradas também sinuosas e se o inimigo tomou a precaução de destruir as estradas de acesso, em locais bem visíveis dos observatórios da margem oposta e bem batidos pelos fogos de Infantaria e Artilharia, será necessário, preliminarmente, reparar as estradas nas condições difíceis acima expostas.

Estas reparações serão indispensáveis, porque não se poderá transportar os materiais, ou descer o material de equipagem no dorso de homens segundo as linhas de maior declive de um terreno accidentado.

Há ainda dificuldades técnicas a assinalar.

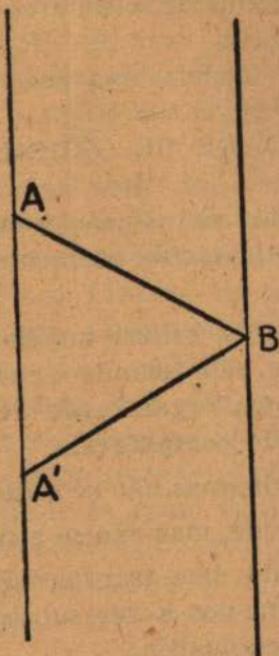
Elas concernem não mais a construção das pontes, porém á passagem dos primeiros elementos da Infantaria por meios descontínuos.

(Vai e vem de pontões, jangadas, portadas, barcos, canoas, etc.).

Se forem empregados pontões, é necessário que êstes possam flutuar perfeitamente, isto é, que não haja bancos no rio onde os mesmos encalhem e em consequência se imobilizem com sua preciosa carga.

Ademais, se o rio tiver uma correnteza de 1 metro por segundo ou mais, haverá deriva. Isso acarretará uma perda de tempo considerável.

Para evitar choques entre os pontões, mais ou menos elevados pela correnteza, segundo o ângulo "de passagem" adotados pelos pilotos, torna-se indispensável lançá-los sucessivamente.



Chama-se duração de rotação o tempo gasto pelos pontões para fazer o percurso A B A'.

Se os pontões partirem sucessivamente, o número deles que poderá ser afeto a cada praia de embarque, é função da duração de rotação.

Estimando-se em 2 minutos o tempo necessário para embarcar, de noite, 20 infantes equipados, é preciso que de 2 em 2 minutos um pontão se apresente na praia de embarque.

Se "t" é o tempo necessário para fazer o trajeto A B A' A, o número máximo de embarcações que poderá ser afetado à praia de embarque é:

mentos de Infantaria necessita o fracionamento dessa Infantaria, fracionamento correspondente à capacidade de transporte dos engenhos flutuantes e para escapar as vistos dos observatórios inimigos, a operação deve ser conduzida muitas vezes á noite.

Eis aí outra grande dificuldade.

As operações noturnas são sempre difíceis.

A de transposição de um curso d'água o será, inicialmente, mais que qualquer outra, por isso que, a Infantaria, em virtude de seu fracionamento inicial obrigatório, perderá desde a partida, sua coesão.

E ainda não é tudo. Como a Infantaria não poderá ser lançada ao ataque sem se rearticular, é mister escolher uma base de partida no terreno inimigo, dorso voltado para o rio e conquistar essa base por pequenas frações, de um modo, necessariamente, um pouco desordenado e ainda durante a noite.

Enfim, é preciso ainda mencionar que a transposição á viva força de um curso d'água, só poderá ter êxito se tentada sôbre uma larga frente.

(Na Europa, cerca de 25 a 30 kms.).

Essa necessidade conduzirá forçosamente a obrigação da reunião de meios consideráveis em pessoal e material e, em consequência, implicará na perda de muito tempo e na tomada das mais minuciosas precauções.

2.^º) MEIOS DE QUE DISPÕEM OS EXÉRCITOS PARA AS OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DOS CURSOS D'ÁGUA.

A) Exército Brasileiro

(Material existente ou previsto — de acordo com os dados constantes do Vade-Mecum para os trabalhos de E. M.).

DIFERENTES MODOS DE PASSAGEM

1.º) Contínuos

Pontes	{ De equipagem De circunstância.
Passadeiras	{ Sobre suportes fixos
	{ Sobre suportes flutuantes
	{ Sem suportes intermedios diários.
	{ Inf. por 1 ou 2 cav. à pé, com os cavalos a nado.

2.º Descontínuos

Pontões de equipagem	{ Isolados Conjugados Em portadas

Vaivéns de qualquer natureza
 Barcos de navegação comercial
 Balsas, jangadas, canoas.

3.º) Excepcionais

Nado
 Váu.

CLASSIFICAÇÃO DAS PONTES

Ponte leve — 2,5 T — Para a Infantaria e seus comboios, Art. de 75, autos de turismos e viaturas leves das S.S.A.

Ponte normal — 3,5 T — das quais 2,2 T sobre o eixo traseiro — Para tropas de todas as armas, Art. de 105 (moderna) e caminhões de 1,5 T de carga útil.

Ponte reforçada — 8,6 T — das quais 4,3 T sobre o eixo traseiro — Para todas as viaturas do Exército; caminhões de 5 T de carga útil, Art. de 150 (moderna), carros de combate leves (sobre lagartas).

Ponte pesada — 9,5 e 17 T — Para veículos excepcionais, via de 0m,60, carros de combate médios (sobre lagartas ou caminhões).

DIFERENTES TIPOS DE EQUIPAGEM DE PONTES

Equipagem de pontes da reserva geral:

16 pontões metálicos de 9,5 T.

8 cavaletes de 2 pés.

Material de taboleiro.

Equipagem de pontes da D. I.

a) Tipo francês.

14 pontões metálicos.

3 cavaletes de 2 pés e mat. de taboleiro.

b) Tipo brasileiro.

30 meios pontões metálicos.

8 cavaletes de 2 pés.

Material de taboleiro.

Equipagem de pontes da D.C. (tipo Delacroix).

30 pontões metálicos.

8 cavaletes de 2 pés.

Taboleiro preparado em partes.

Comprimento das pontes

Tipos de equipagem	Pass. (2 h.)	Pnt. leve (2,5 T.)	Pnt. normal (3,5 T.)	Pnt. reforça- da (8,6 T.)	Pnt. pesada (12 T.)
Equip. de Pnt. da Res. Geral	—	—	128m,00	63m,00	50m,00
Equip. de Pnt. da D.C.:					
Tipo francês	—	—	100m,00	48m,00	—
Tipo brasileiro	150m,00	90m,00	—	—	—
Equip. de Pnt. da D.I.:					
Tipo Delacroix	(1)	(2)	—	—	—
	106m,50	63m,50	—	—	—

(1) Passadeira para infantaria por dois, ou cavalos por um.

(2) Ponte de 2,2 T.

PESSOAL E TEMPO NECESSÁRIO AO LANÇAMENTO

1.º) Pontes de equipagem

Ponte leve — 85 homens — 2 minutos por metro.

Ponte normal — Idem.

Ponte reforçada — 170 homens — 5 minutos por metro.

2.º) Pontes de estacas (20 a 30 metros de comprimento).

Ponte leve — 2 a 3 dias — 12 T de material aproximadamente.

Ponte normal — 3 a 4 dias — 24 T de material aproximadamente.

Ponte reforçada — 4 a 8 dias — 45 T de material aproximadamente.

Ponte pesada — 5 a 10 dias — 60 T de material aproximadamente.

3.º) Passadeiras

Material de equipagem	{ Ponte tipo brasileiro para a D.I. Ponte tipo Delacroix para D.C.
-----------------------	---

Sacos Habert:

(10 por Cia. de Engenharia).

Peso: 80 kgs.

Dimensões: 2m,70 x 1m,15 x 0m,30.

Fôrça de suporte: 400 kgs.

Uma passadeira com sacos distanciados de 4 metros permite a passagem da Infantaria em coluna por 2.

Lançamento: 15 a 20 minutos por lance de 4 m.

Pessoal: 20 homens.

**Emprêgo do material de equipagem nas travessias
descontínuas**

MEIOS	Tempo de construção	Capacidade de transporte de pessoal ou material (guarnição excetuada)
Pontão isolado . . .	—	20 homens, ou um grupo de combate com efetivo completo e parte de outro.
Pontões conjugados sem taboleiro	10'	48 homens, ou um pelotão de Inf., ou duas Seções de metralhadoras com o 1.º re-muniçamento de cartuchos (sem cargueiros)
Pontões conjugados com taboleiro	10' a 20'	Mesma capacidade de transporte de pessoal que o anterior (48 homens ou um pelotão) ou uma seção de Mtr. com dois cargueiros-peças e dois cargueiros de munições: ou oito cargueiros carregados e seis homens, ou uma seção de canhões de Inf. com duas viaturas-peças e duas viaturas de munições sem suas atrelagens
Portada (três pontões)	40" a 80'	66 homens, ou 12 cavalos com condutores, ou 12 cargueiros carregados, com condutores ou 1 canhão de 75, ou 1 armão de 75 com cavalos, condutores e serventes.
Portada reforçada (quatro pontões)	2 a 3 horas	100 homens, ou 16 cavalos com condutores, ou 2 peças de 75, completas, ou 1 carro de combate de 6T,5

B) A título de indicação daremos a seguir alguns dados sôbre o material de equipagem de pontes em uso no Exército Francês.

Comprimento das pontes realizáveis

Materiais	2 T	4 T	8 T	9 T	13 T	16 T	18 T	21 T	44 T
Equipagem 1901 (bipu)	—	140m	—	67m	—	—	—	—	—
Equipagem 1901-35 (motorizada)	—	180m	142m	—	104m	—	—	—	—
Equipagem 1935 (motorizada)	—	—	180m	—	142m	—	104m	—	—
Equipagem F. C. M. (motorizada)	—	—	—	—	—	132m	—	110m	61m
Equipagem Delacroix	60m	—	—	—	—	—	—	—	—
Equipagem Veyry	9m	—	—	—	—	—	—	—	—

As equipagens 1901, hipomóveis dos Corpos de Exército, estão sendo gradativamente substituídas pelas equipagens 1901-1935 — motorizadas.

Pessoal e tempo necessários ao lançamento.

(não compreendido o tempo para os reconhecimentos e chegada do material).

Material 1901 e 1901-1935:

Ponte de 4 T: 110 h., mais 1 h. por 2 metros — 2 minutos por metro.

Ponte de 9 T: 150 h., mais 1 h. por 2 metros — 5 minutos por metro.

Ponte de 13 T: 150 h., mais 1 h. por metro — 6 minutos por metro.

Material 1935:

Ponte de 8 T: 100 h., mais 1 h. por metro — 3 minutos por metro.

Ponte de 13 T: 150 h., mais 1 h. por 2 metros — 5 minutos por metro.

Ponte de 18 T: 150 h., mais 1 h. por metro — 6 minutos por metro.

Material F.C.M (Forges et Chautiers de la Méditerranée):

Ponte de 16T: 150 h., mais 1 h. por metro — 6 minutos por metro.

Ponte de 21 T: 150 h., mais 1 h. por metro — 8 minutos por metro.

Ponte de 44 T: 150 h., mais 1 h. por metro — 15 minutos por metro.

(Nota 1)

PONTES DE CIRCUNSTÂNCIA

Não é possível utilizar sómente o material de equipagem para a construção das pontes, porque êsse material é sempre em número limitado.

Além disso é necessário sempre recolhê-lo, desde que possível, para a transposição do curso d'água seguinte.

Por outro lado, os pontões das pontes de equipagem são muito vulneráveis e por essa razão devem ser expostos o menos possível ao fogo inimigo.

Enfim a conservação das pontes de equipagem necessita um pessoal assaz numeroso.

Por todos êsses motivos deve-se substituir as pontes de equipagem, desde que possível, por pontes de circunstância.

As pontes de circunstância são construídas sobre suportes fixos — estacas e cavaletes.

As características gerais dessas obras foram dadas linhas atrás.

As pontes de estacas e cavaletes constituem excelente solução, porém a duração de sua construção aumenta muito á medida que cresce a carga a suportar.

NOTA 1 — Os algarismos acima não representam mais que ordens de grandeza.

Têm entretanto dois inconvenientes:

- 1.) sua duração não é indefinida porque utilizam a madeira, material que se deteriora com relativa facilidade;
- 2.º) atravancam o leito dos rios, o que constitue grave inconveniente no caso de cursos d'água navegáveis.

(Nota 2)

CASO CONCRETO HISTÓRICO

Transposição do Marne pelos Alemães em Julho de 1918

(Estudo Sumário)

(Ver croquis ns. 1, 2 e 3)

Apreciação da situação

Antes de tratar da questão, convém apreciar a situação dos beligerantes sobre o Marne em Julho de 1918, para poder situar a operação na gama das operações de transposição.

A instalação sobre o rio tem 5 semanas — As organizações francesas não são ainda muito profundas.

Todavia os sistemas de ligação e observação funcionam bem; o plano de fogos francês está perfeitamente ajustado.

O prazo que decorre entre a operação e o movimento em que ela foi decidida pelo comando Alemão é bastante grande para permitir uma preparação minuciosa e reunião de meios importantes.

O Marne tem uma largura de 70m, porém sua correnteza é fraca, não possue bancos, suas margens não são pantanosas ou escarpadas.

Estamos no mês de Julho, em pleno verão; o tempo é bom e seco.

NOTA 2 — Informações detalhadas a respeito das pontes de equipagem utilizadas pelo Exército brasileiro, são encontradas no Regulamento n. 11 — Regulamento de Pontes de equipagem — Anexo 2 — (Decreto n. 17.779 — de 20 de Abril de 1927).

Tanto do ponto de vista tático quanto técnico, trata-se pois de um caso médio.

O objetivo da ofensiva alemã:

Após a ofensiva de 27 de Maio de 1918, os Alemães realizam uma bolsa, chamada de Château-Thierry e vêm bordar a margem Norte do Marne, de Château-Thierry à Dormaus.

O objetivo do ataque alemão é fazer cair Reims e sua montanha, em 48 horas por avanços convergentes visando Chalouze e Epernay. (Ver croquis 1).

Contam estabelecer uma larga cabeça de ponte ao Sul do Marne, entre Epernay e Château-Thierry, nova base de partida para a conquista de Paris.

Ludendorf espera poder desencadear a ação cerca do dia 12.

Unidades tomando parte no ataque

De Reims á Château-Thierry, o ataque será levado a efeito pelo VII Ex (von Bahm) do grupo de Ex do Kronpriz.

Sobre o Marne, entre Vandiers e Glaud, em uma frente de 20 kms., êste Exército engajará 3 grupamentos.

12 Divisões, das quais 9 em 1.^º escalão, apoiadas por 500 baterias de todos os calibres.

Escolha do objetivo

O objetivo para o primeiro dia do ataque foi marcado no conjunto de Blesmes à Corribert, pelas alturas que dominam a margem esquerda do rio Surmelin.

O objetivo encontrava o Marne em Mareuil-sur-Ay fazendo uma curva balizada aproximadamente pelas localidades de Moslins, Nancy, Cuis e Chonilly (ver croquis n. 1 e 2).

Esse objetivo foi assim escolhido tendo em vista:

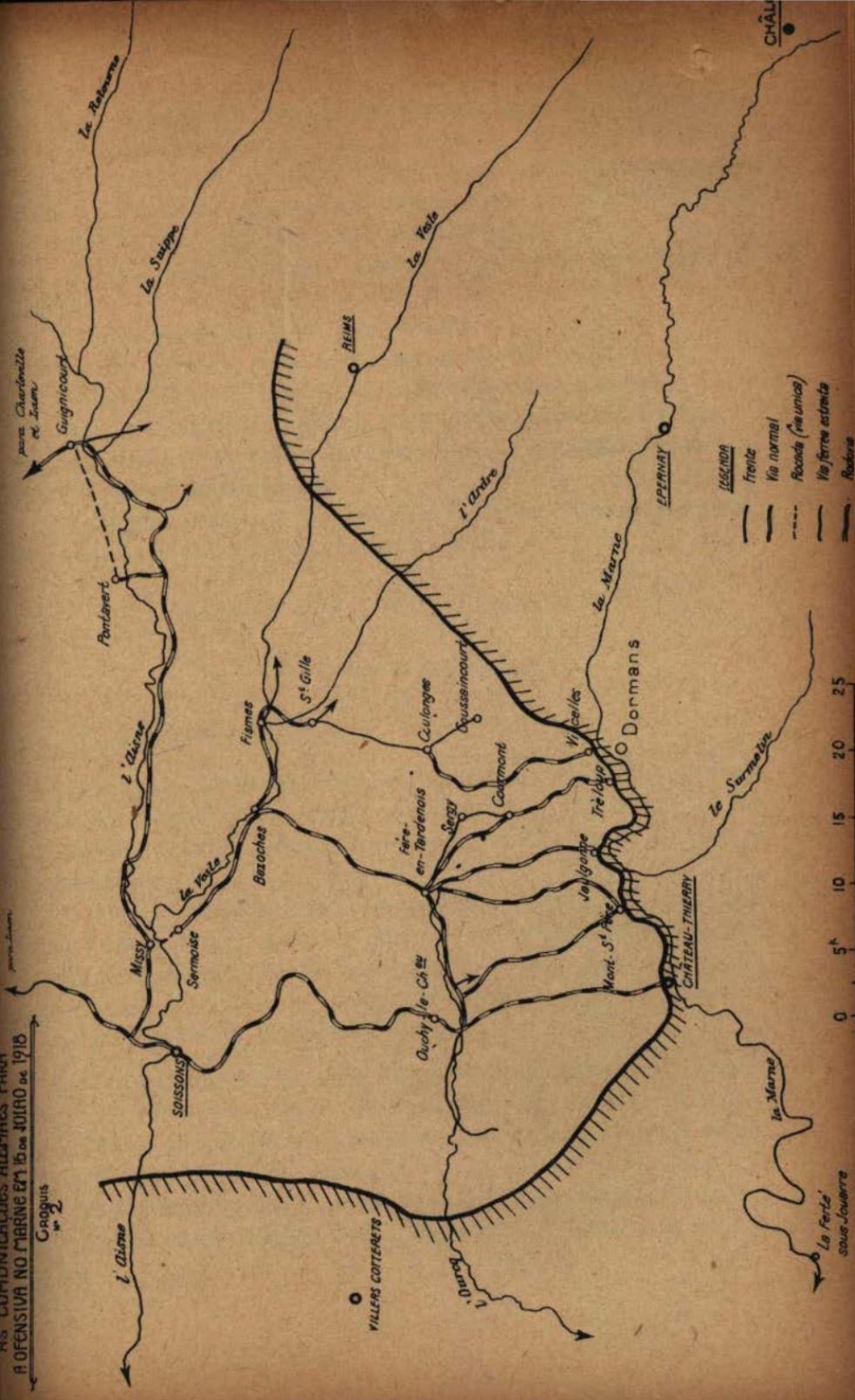
a) dar o espaço necessário ao Sul do Marne para a instalação da Artilharia;

AS COMUNICAÇÕES ALERTADAS PARA
A OFENSIVA NO MARNE EM 15 DE JULHO DE 1918

Croquis n° 2

verso Leste

verso Oeste



- b) colocar as pontes do Marne fora do alcance dos canhões francês;
- c) constituir uma cabeça de ponte suficientemente vasta e forte para que sua retomada pelos francêses exigisse a colocação em ação de meios consideráveis.

O programa era por demais ambicioso para uma só jornada.

Comportava êle uma progressão:

- de 12 km. para o Grupamento W;
- de 12 a 24 km. para o Grupamento Centro;
- de 24 km. em média para o Grupamento Leste;

Além disso as zonas de ação iam se alargando muito a medida da progressão.

Ademais, sómente 3 Divisões ficaram disponíveis para os reforços e substituições eventuais.

PREPARAÇÃO DA OPERAÇÃO

1.^º — Preparação tática

A) Treinamento das tropas.

Tôdas as Divisões alemães, salvo as 3 de segundo escalão, que receberam ordem de manter a frente até o dia do ataque, foram postas em repouso, variando de 10 dias a 6 semanas.

Quasi tôdas elas foram estacionar próximo de rios, sobre os quais executaram frequentes exercícios de passagem, seguidos de exercícios de combate.

B) Instalação da Artilharia

A instalação da Artilharia e o transporte de 5000 tiros por bateria começou nos últimos dias de Junho.

Todos os depósitos foram bem camuflados e não houve nenhuma regulação de tiros.

Todos os estudos concernentes a Artilharia foram feitos pelo grande especialista alemão na matéria, o coronel Bruchmüller.

C) Escolha dos pontos de passagem e locais das pontes

A escolha dos pontos de passagem se inspirou sobretudo nas facilidades táticas que encontrariam as tropas desembarcadas para ganhar a base de partida.

A técnica interveio sómente para designar, entre os pontos taticamente favoráveis, aqueles que melhor se prestassem às manobras de navegação e atracação.

Quanto aos locais das pontes, 2 por Divisão (1 pesada e 1 leve), foram escolhidos em função das facilidades técnicas de acesso e desembocar.

Na 200.^a Divisão, por exemplo, as pontes deveriam ser construídas nas extremidades da frente de partida. Eles correspondiam, sobre a margem sul, a um caminho e a um ponto de passagem importante sobre a via férrea.

2.º — Preparação técnica

Consistiu em:

- 1) Organizar a rede de comunicações ao N. do Marne;
- 2) Calcular o material e o pessoal de Engenharia necessários;
- 3) Colocar um e outro em seus locais.

A) Rede geral de comunicações

(Ver croquis n. 2)

B) Material reunido

Os Alemães empregaram para a operação 330 pontões, provenientes de 6 equipagens de C. Ex. (26 pontões) e de 29 equipagens Divisionárias (6 pontões).

Do material acima 204 pontões foram empregados para as passagens descontínuas e 126 nas pontes.

Vejamos se o material acima seria suficiente para o que desejavam os alemães.

O Marne tendo em média 70 m de largura e os lances da ponte alemã tendo 5 m, eram necessários 14 pontões para fazer uma ponte de 4 T.

Em consequência não foi possível fazer inicialmente mais que uma ponte normal por Divisão ao mesmo tempo que passavam os elementos de Infantaria.

Para construir uma ponte de 8 T por Divisão seriam necessários 28 pontões. Para lançar simultaneamente uma ponte de 4 T e uma de 8 T por Divisão, ao mesmo tempo que passavam por navegação, as vanguardas, teriam sido precisos:

- 204 pontões para os vaivéns;
 - 112 pontões para as pontes de A T;
 - 224 pontões para as pontes de 8 T.
-

Total 540 pontões.

C) Pessoal técnico empregado.

59 Companhias — das quais:

- 32 para a passagem por navegação;
- 27 para iniciar a construção das pontes, passadeiras, etc.

Parece, pois, que cada Divisão dispunha de cerca de 7 companhias de pontoneiros.

D) Transporte do material — Organização dos depósitos

— Precauções (Ver croquis n. 3)

O transporte e o depósito do material nas proximidades do Marne, começou na noite de 2|3 de Julho.

Precauções minuciosas foram tomadas para dissimular todo o material, devendo os pontões serem enterrados a 40 centímetros, com o fundo para cima, tudo recoberto de terra e hervas.

Todos os movimentos foram executados durante a noite.

EXECUÇÃO DA PASSAGEM DO MARNE

1.º) — TOMADA DO DISPOSITIVO

As Divisões de ataque foram trazidas sobre o Marne por etapas noturnas de 12 a 15 kms. Na noite de 13|14 estabele-

ceram seus bivaques cerca de 2 a 3 Km. ao Norte do Rio, atrás das Divisões em setor.

Na noite de 14 de Julho, antes de meia noite, vieram se reunir nas proximidades do rio, provavelmente na vizinhança da estrada:

Charteves — Saulgonne — Barzy — Passy.

Daí partem as vanguardas para ganhar os pontos de embarque e iniciar a passagem.

2.º) — AS OPERAÇÕES DO DIA 15 DE JULHO

A) A preparação da Artilharia.

A preparação da Artilharia começa em 15 de Julho, á 1h,10 e dura 3 horas e 40.

Essa preparação se caracteriza de um lado por sua violência: 8 á 10 tiros por minuto, por bateria, e por outro lado pelo emprêgo, em grande escala, de tiros á gás asfixiante para neutralizar a Artilharia francesa, que havia iniciado a contra preparação ás 0h,10.

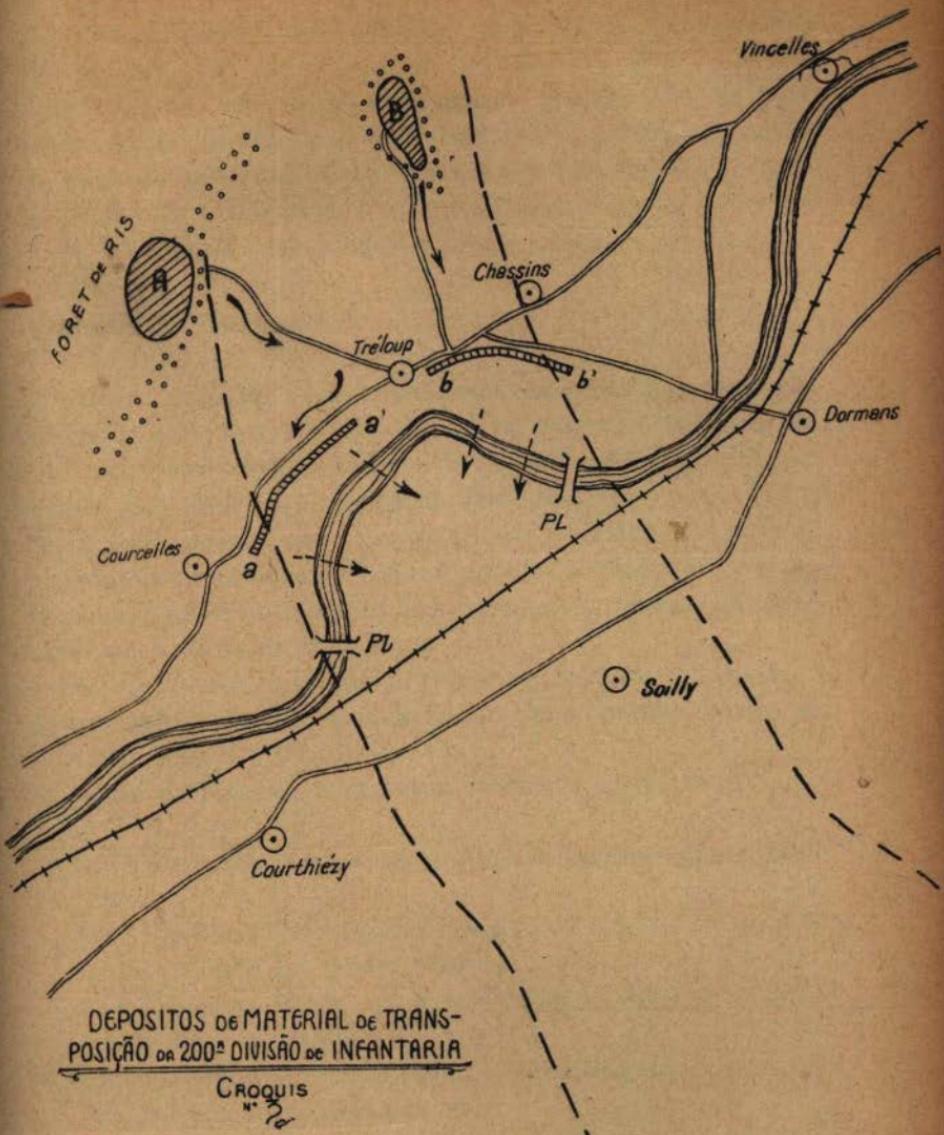
Há 1 hora de bombardeio contínuo, seguida de 2h,30 de um bombardeio em rajadas.

B) A colocação n'água do material.

Vejamos essa operação no interior da 200.^a Divisão. Cerca da meia noite as equipes de transportadores tomam o material nos depósitos situados ao N. de Trelop. Formados em coluna, por dois caminhos desconhecidos e balizados que evitam Trelop, vêm se desdobrar respectivamente segundo as linhas "aa'" e "bb'", ao longo da estrada Courcelles-Trelop-Chassins.

Dessa região, os carregadores ganham os pontos de passagem e os locais das pontes, onde o material é posto n'água mais ou menos ás 2h,45.

Tudo escapa a atenção dos vigias francêsas.



C) A passagem por navegação.

Ao mesmo tempo, os batalhões designados para passar nos pontões chegam aos pontos de passagem; ás 3 h. a travessia começa nas condições previstas. O conjunto da operação tem êxito; ás 3h,10 a infantaria começa a progressão para a base de partida. Esta é atingida nas condições previstas. Ás 4,40 a barragem rolante alemã vem se fixar na frente da Infantaria. O ataque parte ás 4h,50.

D) Construção das pontes.

A partir de 3h,30 os pontoneiros começam a construção das pontes de 4 T; breve o trabalho pára porque o restante do material que deve chegar em viaturas, não consegue passar em virtude dos tiros da Artilharia francesa.

Os tiros francêsas cada vez são mais precisos, o material e os pontoneiros começam a sofrer perdas consideráveis e ás 8 h. da manhã as esquadras de bombardeio francesas chegam e completam a obra da Artilharia.

Desde esse momento todas as previsões começam a falhar.

A operação que se deveria fazer em algumas horas se prolonga por toda a jornada de 15.

A' tarde a situação é mais ou menos a seguinte:

- **10.^a Divisão:** Todas as pontes lançadas foram destruídas.
- **36.^a Divisão:** Terminou a construção da ponte de 4 T ás 16 h.; não há ponte pesada.
- **23.^a Divisão:** Ponte normal destruída; ponte pesada ainda em construção.
- **200.^a Divisão:** Ponte normal destruída; em seu lugar foi lançada uma passadeira.
- Ponte pesada — em funcionamento.
- **1.^a Divisão da Guarda, 37.^a e 1113.^a Divisões:**
Realizaram o programa, porém com grande atraso. Pontes pesadas postas em serviço somente as 17h, 23 h e 17 h.

Concebe-se, pois, que nessas condições, as tropas lançadas pela manhã ao Sul do Marne, penosamente reforçadas, remuniçadas e reabastecidas no decorrer da jornada, não tenham podido atingir o objetivo do ataque.

3.º) OPERAÇÕES ENTRE 16 E 20 DE JULHO

Perseverando em seus desejos, o comando alemão engaja desde o dia 16, mais 2 Divisões ao Sul do Marne (6.^a D. R. B. e 10.^a D. L.) e continua o ataque.

Esse esforço é vã. A infantaria está mal apoiada pela artilharia, as unidades estão misturadas, as ligações são precárias, as munições faltam.

E a razão disso é simples; as passagens sobre o Marne estão submetidas a tiros de interdição contínuos e intensos e os movimentos na margem N. são extremamente difíceis.

4.º) RECUO AO N. DO MARNE — PERDAS EM MATERIAL

A jornada de 15 viu o fracasso absoluto dos alemães a Leste de Reims; a jornada de 16 a paralisação da progressão entre Reims e Epernay.

No dia 17, Ludendorf, deu a ordem de recuo para o Norte do Marne.

O “assalto para a paz” havia fracassado completamente. A guerra estava ganha pelos Aliados.

As perdas em material de transposição, destruído ou abandonado, foram de:

- 4½ equipagens de Corpo de Ex.;
 - 26 equipagens Divisionárias;
- isto é, 5/6 do material reunido para a ofensiva.

CONCLUSÃO

Frederico II escreveu certa vez a seus generais:

“A fôrça é inútil quando o inimigo estiver do outro lado do rio que tendes a intenção de transpor. E’ necessário, en-

tão, recorrer á astúcia. Deve-se imitar a passagem do Rheno por Júlio Cesar, ou a da Pó pelo príncipe Carlos de Lorena".

Mas, infelizmente, esta receita não é válida para as frentes contínuas.

Se existe uma frente contínua, dever-se-á pensar como o rei da Prússia ?

A guerra 14-18 isso desmentiu e acabamos de ver que tecnicamente os Alemães conseguiram transpor o Marne, diante um adversário vigilante — e este exemplo não é o único na Grande Guerra.

Assim pois é justa a observação regulamentar que diz:

"De tôdas as operações de guerra a travessia á viva força de um curso d'água de certa importância é uma das mais delicadas".

Delicada não quer dizer impossível.

Para se obter êxito é necessário possuir:

- material adequado e abundante;
- tropas instruidas, possuidoras de elevado moral.

Mas isso não basta, são precisas ainda 3 cousas:

- a) uma preparação mais que minuciosa;
- b) uma superioridade esmagadora de artilharia;
- c) uma superioridade aérea incontestável.

A superioridade da artilharia pode ser realizada. É uma questão de dotação em material e munições. A superioridade aérea é mais difícil de realizar e sobretudo impossível de manter em permanência. Em consequência uma D. A. A. importante será de máxima utilidade.

Em tôdas as fases de uma operação de transposição á viva força, o papel da engenharia será considerável.

Na preparação da operação é sobretudo a ação dos comandantes da engenharia que se manifesta. Eles têm que apreciar e fazer valer aos olhos dos Comandos as dificuldades técnicas da operação; têm em seguida, que colaborar com os Estados Maiores na organização dos planos; têm, enfim, que

prever uma série de medidas preparatórias bastante delicadas.

Os comandantes da Engenharia têm portanto uma responsabilidade direta na preparação da operação.

Na execução, dois pontos são particularmente importantes:

- a) passagem dos primeiros elementos de infantaria para a margem inimiga;
- b) manutenção das pontes em serviço.

Essas duas missões, das quais depende o sucesso final, exigem habilidade técnica, conhecimentos táticos e espírito de sacrifício das tropas de engenharia.

Pode-se dizer, para honra dos sapadores, que nas operações de transposição á viva força de cursos d'água, êles devem fazer prova de qualidades excepcionais e se mostrarem dignos das tradições da arma.

De início declaramos que a transposição do Marne pelos Alemães era um caso médio; seu estudo isso veio confirmar.

Reflitamos agora o que seria a transposição á viva força de cursos d'água bem mais importantes e convenhamos quanto são felizes os povos que possuem tais obstáculos em suas fronteiras.

O FOGO DA INFANTARIA

Pelo Major João Baptista Rangel
Dir. do C. P. O. R. da 1.^a R. M.

Resumo:

- I — Idéia e preponderância do fogo e considerações preliminares.
- II — O Plano de Fogos da Infantaria na ofensiva.
- III — Fornecedores de fogo no ataque.
- IV — Manobra de fogo.

Antes de iniciarmos o estudo do ataque de um Batalhão, dentro de uma situação tática, julguei oportuno ocupar vossa atenção e tomar uma parcela de vosso precioso tempo neste curso, fazendo-vos uma exposição sobre o *argumento essencial do combate* — O FOGO — no que se refere às operações ofensivas.

Bem sabeis que a tática das pequenas unidades de infantaria é hoje, antes de tudo, a *arte de dispor* essas unidades com o *jim de produzirem jogos* necessários á concentração do número suficiente de projétils nos pontos ou zonas judiciosamente escolhidas; mas, se já estais familiarizados com tais princípios no domínio da defensiva, o mesmo não acontece, na ofensiva, pois que só agora o nosso novo R. E. C. I. — Dec. de 31 de Março de 1932 — vem consagrar essa tática do fogo na ofensiva, baseada, como na defensiva, nas idéias de *preponderância do fogo*.

O FOGO DA INFANTARIA NA OFENSIVA

I — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O ATAQUE para uma pequena unidade de infantaria, como o Batalhão, consiste sempre em instalar numa *base de partida*, face ao *objetivo*, um dispositivo apropriado e depois levar os elementos de testa d'este dispositivo até o objetivo.

Mas, a partir do momento em que a infantaria atacante fica ao alcance das armas inimigas, estas começam a atirar e, se o fazem livremente, nenhuma tropa pode progredir sem sofrer perdas graves.

E' indispensável então, para avançar, reduzir *prèviamente* êsses fogos á impotência, obrigando o pessoal que maneja tais armas a se enterrar, ou, pelo menos, a tornar o seu tiro desordenado e sem valor.

O meio para isso adequado é o FOGO.

Na ofensiva o problema do emprêgo do fogo consiste em atirar com suficiente potência e eficácia de modo a dominar o fogo inimigo, conservar essa *superioridade de fogo*, *explorá-la* pelo movimento e, ao mesmo tempo, apresentar ao fogo inimigo o mínimo de *vulnerabilidade*.

Para dominar o fogo inimigo e conservar essa *superioridade* é preciso a elaboração prévia de um **PLANO DE FOCOS**, cuja complexidade maior na ofensiva que na defensiva exige um *estudo acurado* e uma execução enérgica.

II — O PLANO DE FOGOS DA INFANTARIA NA OFENSIVA

O plano de fogos da infantaria na ofensiva é a coordenação meticolosa dos tiros previstos para tôdas as armas da infantaria durante essa ação ofensiva.

Dentro da infantaria o *plano de fogos de capital importância* é o do Btl. porque é esta unidade que, como verdadeira música militar, na frase de um dos nossos instrutores da E. E. M., combinando os fogos das diferentes armas e engenhos da infantaria, permite que seu chefe deles possa tirar efeitos progressivos, desde o solo até á sinfonia completa.

O plano de fogos na ofensiva estabelece um dispositivo de fogos que se desloca *incessantemente* em direção ao inimigo até o local em que êste se encontra.

O plano de fogos prevê:

- a totalidade dos fogos a executar antes da partida do ataque (*preparação*);
- os fogos de apôio efetuados, no decurso da progressão pelos elementos *mantidos em posição* e que possam atuar em benefício das unidades que avançam, sem prejudicá-las — êsses elementos constituem a *base de fogos*;
- o *horário* dos tiros, ou condições de abertura e cessação dos mesmos, bem como o seu *regimem*;
- o *deslocamento progressivo* dos elementos que terminaram a sua missão na *base de fogos* para ocupar posições intermediárias e neutralizar os novos objetivos que lhes poderem ser dados, tendo em vista a continuação do ataque;
- a constituição de uma *nova base completa de fogos* sobre o objetivo conquistado;
- a defesa contra avião.

Para a organização do *plano de fogos* é preciso saber:

1.º — *Onde atirar? — problema essencial —*

Trata-se de atirar sobre os órgãos de fogo inimigos que *embaraçam* a progressão da infantaria, para *neutralizá-los*. E' pois necessário saber, antes de tudo, onde se encontram êsses órgãos. Os meios de investigação e observação da infantaria são ainda muito precários e daí o seu pequeno rendimento a-pesar-de todos os esforços que dispensem.

Antes do ataque há um número limitado de órgãos de fogo inimigos descobertos, outros não o serão no decorrer do ataque e surpreenderão a infantaria atacante, caso não se cuide logo deles.

— *Como cuidar deles?*

O regulamento diz que na falta de uma localização completa das armas inimigas, é no mínimo possível determinar, pelo exame do terreno os pontos mais suspeitos sobre os quais será oportuno aplicar fogos suficientemente nutritos. Quando não se possa assim proceder para toda a frente de ataque, aplicar-se-ão fogos nos locais de onde órgãos de fogo inimigos poderiam embarrasar vantajosamente a progressão pelas zonas principais de ataque e que não tenham sido dadas como objetivo á artilharia.

2.º — *Como atirar?*

Trata-se ainda de neutralizar os órgãos de fogo inimigos que embarracam a nossa progressão, e que estando ao nosso alcance, são da esfera de ação de nossas armas.

Não é conveniente dispersar os tiros uniforme e simultâneamente sobre todos os objetivos — de importância desigual e situados em compartimentos de terreno diferentes.

Obtem-se grande vigor com o emprêgo judicioso das *concentrações de fogo*.

Nosso regulamento recomenda a concentração de fogo sobre certos órgãos de resistência atacados por partes e sucessivamente, com o que se conseguem resultados superiores aos que se poderiam esperar de um fogo que comportasse igual número de disparos, mas disperso sobre vários objetivos — sob a condição da tropa atacante explorar sem demora os efeitos desses fogos.

Evitar, pois, tôdas as despesas inúteis, principalmente tiros em compartimentos de terreno diferentes daquele em que se pretende, no momento, progredir e dar a potência máxima aos fogos julgados realmente úteis á progressão.

Para a realização da potência máxima de fogos deve-se procurar realizar a *plenitude de fogo* desde o início do ataque, mesmo que as primeiras resistências encontradas pareçam fracas e dispersas.

A *plenitude de fogo* consiste em fazer atirar instantaneamente — ou estar em condições de atirar — com tantas armas automáticas quantas forem necessárias a fim de que o fogo não apresente lacunas, batendo em condições de densidade suficiente, toda a zona a neutralizar; ela corresponde ao mínimo de potência necessária para realizar incontinenti a *superioridade de fogo* e para que não se façam sob o fogo, manobras delicadas de *reforçamento no caso de acentuar-se a resistência*.

Para evitar os reforçamentos o regulamento aconselha tomar-se como base uma média de 50 metros para o intervalo entre as armas automáticas para que não exista diante das unidades do escalão que atira — *escalão de fogo* — espaço algum sem ser batido.

A teoria do *reforçamento progressivo* é admitida em harmonia com a da *plenitude de fogo*, sendo elle praticado com o fim de restituir ao *escalão de fogo* a *superioridade de fogo* de que já não dispõe por causa das perdas sofridas, e é feito com as reservas, destinadas a se fundirem com o escalão de fogo.

De acordo com tais idéias cada unidade empregará, pois, na sua *zona de ação*, ou frente, o máximo de armas automáticas de que possa dispor. Caso a superioridade de fogo não possa ser obtida em toda a frente, deverá ser absoluta, pelo menos, na frente da parte escolhida para desencadear o *esforço principal*.

3.º — Quando atirar ?

Ou realizar, a priori e sistematicamente, a *neutralização preventiva* de toda a zona onde podem estar colocadas as armas automáticas inimigas, pronto a adotar mais rigorosamente essa *neutralização* ás manifestações de fogo inimigo;

— ou, neutralizar no início do ataque sómente os órgãos de fogo adversos conhecidos e, no decorrer do ataque, aqueles que se forem revelando.

Nosso regulamento preconiza a *neutralização preventiva* das partes do terreno que se julguem ocupadas ou simplesmente suspeitas de tal, atirando durante o tempo necessário e nos instantes oportunos. Contudo, devido ao grande dispêndio de munição, a neutralização preventiva não deve ser erigida como regra geral, principalmente para o caso brasileiro, em que as *frentes de ataque* são grandes, e pequeno o número de armas automáticas relativas ás mesmas. A infantaria brasileira deverá no inicio do combate neutralizar os órgãos de fogo conhecidos e procurar, por meio da observação especializada, descobrir as metralhadoras silenciosas; mas, durante o combate e quando a observação não for eficiente, deverá também neutralizar preventiva e sistemática-

mente as *zonas prováveis* das metralhadoras inimigas. (Ten-Cel. Hugues — E.E.M. — 1928).

Para tal solução devem ter contribuído não só os motivos acima expostos, como também a questão do consumo de munições e as dificuldades de remuniciamento em nosso país.

Temos junto a cada F. M., com os fuzileiros, 1.260 tiros para essa arma, que a 60 tiros por minuto dão para 21 minutos de fogo contínuo; junto à metralhadora, nos cargueiros, 5.400 tiros por peça, que a 200 tiros por minuto serão consumidos em cerca de 27 minutos; temos 90 tiros junto ao morteiro — peça — e 64 nas viaturas de seção de canhões da Bia.

Se juntarmos às citadas, as munições que são transportadas pelas viaturas do trem de combate (T. C.) — o que é o máximo que pode ser levado às peças, no decorrer de uma mesma jornada, caso do mais perfeito remuniciamento — achamos um total para atirar de 4.745 tiros para cada F. M. — cerca de 80' de fogo — e 8.280 por metralhadora, cerca de 42' de fogo; temos ainda um total de 220 tiros para cada morteiro e 112 para o canhão.

Com tal dotação para as armas automáticas, que pelo número nos parece farta, mas que convertida em tempo de tiro mostra-nos a realidade de *pouco abundante* para uma jornada, merecem especial cuidado o consumo de munições e a conduta do fogo — que tem por fim essencial só desencadear tiros que sejam ao mesmo tempo eficazes e úteis.

E' necessário, em todos os casos, prever a duração total dos tiros e prescrever a intensidade a adotar, ou seja, o número de projétils a lançar realmente por minuto. Esta intensidade poderá ser a máxima, se tratar-se de fornecer durante um curto instante, um fogo extremamente denso; mas, convém observar que nenhum material atualmente em uso entre nós, em geral, resiste mais que alguns minutos (2 a 3), a esse tiro executado sem interrupção á intensidade máxima, pelo aquecimento excessivo e usura instantânea do cano, donde será preciso, para fazer os tiros prolongados, reduzir a intensidade, criando espaços de tempo entre as rajadas e diminuindo o número de tiros delas.

Fixar a intensidade a adotar para cada caso, de acordo com a possibilidade e necessidade, é o que se chama estabelecer o *regimem de tiro*, isto é, fixar o número de carregadores a atirar por minuto, ou ainda, estabelecer a relação entre o tempo realmente empregado para executar os tiros (rajadas) previstos como dosagem e o tempo de repouso do pessoal e material, tudo dentro de um minuto.

Para o morteiro e o canhão as dificuldades de remuniciamento são então muito maiores, donde a obrigação de só serem empregados em boas condições, num tiro rápido, preciso e de curta duração.

III — FORNECEDORES DO FOGO NO ATAQUE

A) A base de fogos

Quando o ataque parte, o escalão da testa — escalão de fogo — é precedido por projétsis de artilharia e ás vezes de aviação, é, por outro lado, e em todos os casos, apoiado pelos órgãos de fogo da própria infantaria, mantidos provisoriamente em posição.

O conjunto dêsses órgãos que comprehende principalmente metralhadoras e eventualmente morteiros e canhões de infantaria — constitue a *base de fogos*.

a) Responde a uma dupla necessidade:

1.º — atirar por cima do escalão de fogo e pelos seus intervalos (base de fogo normal), ou no flanco dêsse escalão (base de fogos oblíqua) nos instantes oportunos e o tempo necessário, sôbre as partes do terreno *ocupadas pelo inimigo* ou *suspeitas de tal*, afim de realizar a sua neutralização preventiva, abrindo caminho á progressão do escalão de fogo com tiros melhor ajustados do que os fornecidos por êsse mesmo escalão.

2.º — constituir o elemento fixo diante do qual se desenrola o combate essencialmente móvel do escalão de fogo garantindo-lhe um acolhimento em caso de revés.

b) Organização da base de fogos.

A base de fogos pode ser organizada:

1. — seja dentro do regimento de acordo com as indicações do Cel. e pelo Cap. da C. M. R., quando o R. I. trabalha inteiro dentro de um único compartimento de terreno e pode o Cel. manter a C.M.R. inteira na mão e apoiar os seus Btls. de 1.º escalão — o que será pouco comum no Brasil;

2. — dentro do Btl. de acordo com as indicações do Cmt. dêste e sob a direção técnica do Cmt. da C.M.B. — esta a maneira normal de sua organização, porque — o Btl. tendo se tornado, após a grande guerra, um todo heterogêneo, onde têm lugar tôdas as armas da infantaria — (salvo o canhão da Bia. de Inf.), já dispõe êle de elementos suficientes para constituir uma *base de fogos* possante (4 sec. de mtr. e 1 de mrt.) e — porque, atacando o Btl. numa frente média de 700 ms., se rá para êle mais fácil que para o R. I., trabalhar num único compartimento de terreno, como convém para o maior rendimento das armas da base.

Como em qualquer caso uma base de fogos deve ser *fortemente constituída*, caberá ao Cmt. do R. I. reforçá-la — se assim o julgar preciso e de acordo com sua idéia de manobra — seja com mtr. P. de sua C.M.R., seja com mtr. do Btl. reserva, seja ainda com seções de canhões de sua Bia.

Mesmo quando organizada pelo R.I. uma base de fogos que interessa a determinado Btl., não deve o seu Cmt. descuidar-se de organizar com seus meios a sua base de fogos que constituirá a espinha dorsal de todo o seu dispositivo, e em harmonia com a base organizada pelo R.I.

c) Localização inicial da base

Trata-se de realizar com os órgãos dispostos na *base de fogos* o máximo de eficácia com o mínimo de vulnerabilidade.

De acordo com a configuração do terreno, se houver elevações que se prestem, permitindo atirar por cima da tropa de ataque — aí se instalarão, de preferência, as mtrs.: em caso contrário elas serão incrustadas no próprio terreno em que atua o escalão de fogo, entre as suas unidades e de maneira que possam atirar pelos seus intervalos, ou nos seus flancos.

Para maior eficácia devem ser procuradas as soluções em que a localização das mtrs. da base sejam mais aproximadas dos órgãos a neutralizar, permitam o tiro de escarpa e comportem o tiro por concentrações

Quanto à vulnerabilidade convém que as armas da base fiquem diluídas no terreno em largura e profundidade, sem que dificultem o exercício do comando, bem como que sejam dissimuladas em relação aos observatórios possíveis do inimigo.

O emprêgo do *tiro mascarado* permite alcançar êsse fito e deve ser usado correntemente, principalmente em posições atrás de cristas descobertas e facilmente, referidas pelo inimigo.

O tiro indireto não é geralmente empregado.

Quanto aos morteiros, instalá-los desenfiados, em lugar de onde possam bater os objetivos que lhes estão afetos (tendo observatórios), e onde possam ser *remuniciados*.

Uma base de fogos fortemente constituída e judiciosamente empregada pode permitir que o Cmt. do Btl. adquira desde o começo do ataque a superioridade do fogo sobre o inimigo e a conserve durante a progressão das Cias. de fuzileiros.

B) O Escalão de fogo

Independentemente dos tiros previstos pelo *plano de fogos*, o ataque compreende fogos executados no decurso da progressão pelo *escalão de fogo*.

Em todo dispositivo de ataque o *escalão de fogo* é o conjunto de pelotões do 1.^º escalão das Cias. encarregadas de executar o combate. Ele constitue o fogo *essencialmente móvel do ataque*.

O número de G. C. lançados no *escalão de fogo* é dosado de acordo com a idéia de garantir a *plenitude* de fogo na frente considerada; os G.C. apoiam-se mutuamente, batendo com suas armas automáticas, quando necessário, o terreno diante de sua frente e o intervalo entre os G.C. vizinhos.

O escalão de fogo não se dispõe linearmente, mas com certa profundidade, utilizando o terreno, o que permite o flanqueamento entre os G. C., principalmente no decorrer de sua progressão, quando o dispositivo é constantemente deformado.

O fogo do *escalão de fogo* é um fogo *generalizado* e por isso inferior em eficácia ao fogo do adversário que pode empregar, em atitude defensiva, concentrações e tiros de flanco bem ajustados.

A's vezes são entregues aos Cmts. das Cias. de 1.^º escalão, para trabalharem em proveito do seu escalão de fogo (á disposição): secs. de mtrs do Btl.; tal solução em geral sacrifica o rendimento dessas armas. Cada arma ou agrupamento de armas deve ser colocado sempre sob as ordens do chefe que, no caso particular, *melhor pode utilizar a sua potência*.

IV — MANOBRA DE FOGO (Coordenação do fogo e movimento)

Depois de conseguir a superioridade do fogo no momento da partida do ataque, trata-se de conservá-la e explorá-la sem delongas por meio do movimento — ou seja — deslocar o fogo sem perda da eficácia.

Porque — como sabeis — o ataque é o fogo que avança.

Essa manobra de fogo é que constitue propriamente a *manobra ofensiva*.

Para conservar a superioridade do fogo e explorá-la é preciso que haja *permanência* ou *continuidade* de fogo — isto é conseguido alternando o tiro de alguns órgãos com o movimento de outros, ou fazendo atirar durante maior espaço de tempo os órgãos que se deslocam com menos frequência (mtrs., mrt...).

A infantaria agirá pois pelo *fogo* e pelo *movimento*.

Para interpretar isso no conjunto de um ataque podemos dizer que enquanto as metralhadoras, morteiros e canhões de infantaria atiram, os F.M. avançam, entrando em jôgo daí em diante, sucessivamente, uns depois dos outros.

Vejamos como se faz a partida para o ataque.

— O escalão de fogo á hora fixada parte ao ataque aproveitando por um movimento ininterrupto para a frente, o efeito de surpresa produzido pelo seu desembocar repentina, e os efeitos de neutralização dos

órgãos de fogo que atiram em seu proveito (base de fogos de infantaria e artilharia de apôio direto).

Ganha terreno *rumo ao objetivo*, tanto quanto possível sem atirar.

1.º — porque é mister explorar desde logo a superioridade de fogo conseguida pela *base de fogos*, que nessa fase, em geral, assegura-lhe um apôio sólido para o seu avanço;

2.º — porque não atirando, mas progredindo, reservará seus tiros (munições) para o momento em que a *base de fogos* já não lhe pode fornecer tão eficaz apôio, ou mesmo não mais puder atirar sem risco de atingí-lo — quando, mais perto dos órgãos de fogo inimigos, mais fácil será descobrí-los, observá-los e neutralizá-los.

Para isso é preciso que a tropa atacante esteja convencida dos efeitos eficazes dos tiros de neutralização e possua “o reflexo interessado de, no terreno da luta, avançar sob a proteção do fogo e não o de fazê-lo temerariamente sob as balas inimigas”.

E' possível a continuidade de fogos dentro do mesmo compartimento do terreno pois é dentro dêsse espaço relativamente fechado que são combinados os fogos do ataque; na frente de ataque e nos flancos do compartimento vão cair os projétils da base de fogos da infantaria e da artilharia de apôio direto. Essa continuidade é possível graças:

- à faculdade do tiro contínuo das armas automáticas de pontaria estável, mesmo por cima de tropas amigas em movimento;

- à mudança das armas por escalões — (F. M. dentro dos Pelotões e Mtrs. e Mrt. dentro do Btl. e Regimento);

- à utilização do fogo móvel dos carros;

- ao tiro do F. M. em marcha.

A medida que o ataque progride num compartimento de terreno, os fogos devem precedê-lo e enquadrar seus flancos, até o momento em que o ataque atinge ofundo do compartimento. Nessa ocasião, o apôio pelo fogo torna-se difícil pela diminuição da potência e algumas vezes mesmo impossível; é necessário deslocar as armas que constituiam a base de fogo, cuja ação cessou de se fazer sentir, puxando-se para a frente a-fim-de constituirem a *nova base de fogos*. Produz-se então um tempo perdido, momento crítico (mudança das armas) durante o qual é preciso apelar para a artilharia que suprindo essa falta poderá prestar á sua irmã assinalados serviços (caso não se esteja também deslocando).

Tôda essa coordenação dos fogos será prevista e cuidadosamente preparada em detalhe no *plano de fogos*; como porém os inopinados são comuns no combate, é preciso que tais previsões sejam completadas por atos de iniciativa em todos os escalões de comando de fogo, que, nesse particular, se resolverão pela neutralização de todo órgão de fogo inimigo que se revele durante o ataque.

E' o ataque um problema de fogo.

O infante avança para o objetivo que lhe foi fixado precedido e enquadrado por projétils de todos os calibres e de tôda natureza. "Diz-se que esse pigmeu de carne e osso coberto de lama é o rei do campo de batalha, mas a sua realeza não tem brilho e a sua corôa é de espinhos. Tudo gira em torno dêle e por isso a direção lhe cabia, mas quasi sempre não está em condições de assumí-la — não descortina o campo de batalha do alto como o aviador, nem de longe como o artilheiro; ao contrário, éle o vê de baixo, colado á terra, com o horizonte limitado ao campo de tiro de sua arma, ou ao comportamento de terreno onde deve vencer ou morrer".

(Seção inicial do estudo do ataque feito na E.A.O. em 1932).



RIACHUELO



Pelo Asp. a Oficial

Fernando Allah Moreira Barbosa

O dia 11 de Junho, a meu ver, deve, antes de mais nada, ser dedicado ao culto dos heróis do memorável feito que hoje se celebra. A nossa palestra, portanto, será encaminhada no sentido da exaltação dos vultos destacados de Riachuelo.

Em que pese, porém, o nosso intuito, somos obrigados a uma ligeira vista d'olhos nas operações da batalha.

Trata-se, no entanto, apenas de uma rememoração sucinta, que visará, somente, a coordenação dos fatos, para melhor lógica e encadeamento do assunto.

Assim, vejamos em primeiro lugar qual o plano do inimigo, quando forçou a esquadra brasileira a essa luta.

Tendo tido a iniciativa do ataque, e, sobretudo, encontrando os aliados desprevenidos, puderam os paraguaios levar a sua ofensiva até os campos da Argentina e do Brasil.

A esquadra brasileira, no entanto, trazia o Exército de Lopes no constante sobressalto de um desembarque de tropas aliadas na sua retaguarda, coisa muito possível, como, aliás, o demonstrou o "raid" do General Paunero à cidade de Corrientes, então em poder do adversário.

Urgia, consequentemente, destruir o poder naval do Brasil para, dominando o rio Paraná, prosseguir na ofensiva encetada. Ficava o comando inimigo, portanto, na dura contingência de tentar essa destruição, fosse de que maneira fosse. E veiu então a batalha naval de Riachuelo.

Por outro lado, a livre navegação do rio Paraná era de absoluta importância para os aliados, de vez que era por êle que se reabasteciam os seus exércitos, dada a falta de comunicações terrestres.

E' por isso que, vencendo em Riachuelo, a esquadra do Brasil abriu o verdadeiro caminho da vitória final.

Não resta a menor dúvida de que tôda a glória dêsse combate pertence aos brasileiros, cuja audácia, sangue frio e espírito de improvisação lograram subrepujar, não só as fôrças adversárias, mas sobretudo uma série de circunstâncias desfavoráveis.

Todos os brasileiros podem e devem se orgulhar dessa façanha, porque, em Riachuelo, os nossos chefes se revelaram perfeitos condutores de homens, cheios de iniciativa e de habilidade. E, o que é mais, porque todos os nossos marinheiros souberam se portar como legítimos defensores da honra nacional.

Passando em revista os brasileiros que tomaram parte nesse grande feito da nossa história, não se pode, como bem frisou Barroso, no seu relatório, destacar ninguém em particular, tal a bravura e o denodo com que todos procuraram vencer, cumprindo assim, fielmente, a missão que o Brasil lhes confiara.

E aqui estamos nós, meus senhores, para render homenagem a êsses homens. A êsses mesmos homens que, em 1865, já afirmavam ao mundo que o Brasil era uma Nação constituída, capaz de se levantar, como um só homem, sem nenhuma discrepância, em defesa da honra nacional ultrajada.

Enganam-se os derrotistas que vivem por aí a afirmar, leianamente, senão criminosamente, que o Brasil não possue tradições.

Somos, em verdade, um povo jovem. Estamos, porém, já bem longe de sermos um povo em formação.

E para os céticos, os demolidores contumazes, os descrentes, a história guardou em suas páginas a arrancada gloriosa de 11 de Junho de 1865, onde o Brasil, pelo valor dos seus filhos, soube se impor e se fazer respeitar.

Não nos é lícito supor que uma nação, onde o sentimento de Pátria não esteja profundamente arraigado, produza homens como Barroso, Mârcilio Dias, José Correia da Silva.

Nada mais justo, portanto, que a homenagem prestada, no dia de hoje, aos marinheiros de Riachuelo. Entretanto, além de rendermos um preito de gratidão aos que em horas amargas souberam se mostrar dignos do Brasil, temos outro fim, quando promovemos reuniões como esta. E' que, como bem disse Prado

Maia, é conhecendo o passado do Brasil que aprendemos a amar o seu presente e a confiar no seu futuro.

De fato, como não confiar no futuro de uma nação que produziu um chefe do quilate de Barroso? Pode-se, acaso, exigir de um comandante maior bravura, mais sangue frio, melhor conhecimento dos seus comandados?

Como não confiar no futuro de uma nação, cujos filhos são capazes de sacrifícios como o de Marcílio Dias? Existirá na história maior exemplo de abnegação, de espírito de sacrifício, de amor à causa da Pátria? Um pavilhão que conta com defensores dessa espécie nunca foi nem será derrotado e, muito menos, humilhado.

Poderíamos e deveríamos, talvez, relembrar aqui algumas das façanhas praticadas em Riachuelo. Elas, porém, estão vivas na memória de todos e nos julgamos desincumbidos da nossa missão só com o suscitar esta comunhão de espírito, elevando todos os nossos sentimentos, num preito de saudade e de civismo, até à memória dos nossos heróis.

Se é motivo de orgulho para o Brasil a tradição que vem mantendo de amor à paz e à fraternidade universal, não menos orgulhosos devemos nos sentir ao recordar o brilhantismo das nossas armas e o heroísmo dos nossos soldados.

No momento crítico que o mundo atravessa, nós nos sentimos seguros pela certeza moral de que, sempre que preciso, os brasileiros saberão se portar como os marinheiros de Riachuelo. E nós sabemos que nunca foi vencida uma nação que tem consciência de nacionalidade.

O Brasil vibra, no dia de hoje, numa imensa apoteose de entusiasmo, exaltando a glória dos seus filhos. Em todo o mundo, onde quer que bata um coração brasileiro, haverá hoje um pensamento especial dedicado a Riachuelo.

Nós nos devemos orgulhar disso, que só os povos virís, nos quais o individualismo e o materialismo ainda não suplantaram a idéia de Pátria, sabem cultuar os seus heróis.

Brasileiros que me escutais! Lembrai-vos de que êsses homens, cuja memória veneramos, se sacrificaram, pagando com o próprio sangue a confiança que depositavam no futuro do Brasil. E êsse futuro está em nossas mãos. Somos nós que deve-

mos edificá-lo, talvez, com idênticos sacrifícios. E fôra covardia, falta de brio, que nós também não soubessemos ser brasileiros. Até hoje, ser brasileiro significou ser ordeiro, amante da paz, disciplinado, progressista e, mais que tudo, patriota. Esperemos que o futuro não nos desminta.

Fôra inútil glorificar e venerar os bravos de Riachuelo, se a memória dêles não acendesse, dentro de nós, o desejo de imitá-los, quando necessário.

Mas o exemplo dêsses homens não foi só de sentimento. Foi mais longe; e êsse é um aspecto importantíssimo da questão, sobretudo para nós, militares.

Alguém disse algures, que a maior arma do soldado é a cabeça. Eis uma verdade inconteste. E foi com a cabeça que se ganhou a batalha de Riachuelo. Se é fato que, nessa ocasião, todos os que lutavam sob a bandeira brasileira porfiam em se mostrar o mais valente e o mais digno, não é menos verdade que todos, desde o comandante em chefe até o mais humilde dos marinheiros, se revelaram perfeitamente senhores das suas funções.

Uma ligeira vista pela história dos povos é o bastante para se constatar que as operações militares se tornam, cada dia, mais científicas, exigindo dos chefes grandes e variados conhecimentos. E' êrro crasso supor que o entusiasmo, a bravura, o denodo e a vontade de vencer sejam suficientes para construir a vitória. Ainda que de importância capital, êsses fatores são apenas corolários, de grande influência, como auxiliares, que são, da técnica e da capacidade dos comandantes. E isso não de agora. Pensar assim fôra pura leviandade, que a vitória sorriu sempre ao mais capaz. O caso de Riachuelo é típico.

Passemos os olhos pelo local da luta. Constatamos, imediatamente, que os brasileiros iniciam o combate em situação de franca inferioridade. Colhidos de surpresa pelas baterias de Bruguez os navios nacionais sofrem, desde logo, graves avarias. De um lado é o Belmonte que, separado dos demais, encalha nos baxios da ilha Cabral, para evitar o sossôbro. O Jequitinhonha, procurando escapar à sorte do primeiro, executa manobra forçada e, por sua vez, encalha, ficando diretamente sob os fogos da artilharia adversa. A Parnaíba, igualmente, encalha por ter-

o leme avariado. A situação é, sem dúvida, crítica. E' nesse momento que aparece Barroso, revelando-se como grande chefe. E de par com os exemplos de bravura que todos conhecemos, surgem as manobras bem imaginadas e melhor executadas, desvaneando o inimigo e roubando-lhe a vitória, tida como certa.

Não é necessário grande descortínio para concluir que, naquele momento supremo, a vitória pendeu, únicamente, da iniciativa do chefe, indo, logo depois, concretizar-se na quilha do Amazonas.

E' no momento em que a experiência falha, em que as lições passadas já não podem aproveitar, que deve surgir o comandante, o condutor, criando coisas novas e legando lições aos pôsteros. Para aplicar, em dado momento, o que outrem já executou, não se requer, necessariamente, grande capacidade.

Napoleão foi Napoleão porque criou, remodelou, modificou. Assim também Barroso. Não fosse a sua inesperada e inteligente manobra, utilizando a quilha do Amazonas como ariete, a vitória teria sorrido, possivelmente, ao inimigo. E' por isso que, cultuando-lhe a memória, exalçando-lhe a bravura, o Brasil não deve esquecer nunca as lídimas qualidades de chefe que o caracterizaram.

Meus senhores!

Tenho, talvez, abusado da vossa paciência, excedendo-me na enumeração de minúcias já por demais conhecidas de todos.

Coisas há, porém, que devem ser ditas e reditas, para que se gravem, indelèvelmente, na memória de todos.

Estatisticamente as perdas brasileiras foram maiores que as do adversário. Mas, ainda que tivéssemos perdido o dôbro do que perdemos, a vitória não nos teria saído cara, tal a sua importância estratégica e moral.

A história tem provado que é nos momentos críticos que os laços nacionais se solidificam. O sangue brasileiro derramado no Paraguai unificou o Brasil pelo luto de que cobriu as suas famílias, tornando comum o patrimônio de cada uma delas. Mesmo porque, como já afirmou alguém, o sangue do herói é a semente de onde germinarão, no futuro, outros heróis. E, quem sabe se o Brasil voltará ou não a precisar do sangue e da proteção dos seus filhos? Esperemos que não. Mas espe-

remos na certeza de que, em tal emergência, a nação brasileira saberá, como sempre soube, defender o seu patrimônio, as suas tradições e a sua independência.

Nunca será de mais salientar a missão de confraternização que o Brasil se arrogou no seio das nações do novo continente. Jamais fomos imperialistas. Jamais nos improvisamos em protetores de quem quer que fosse. Jamais, porém, abdicamos, nem abdicaremos, da nossa suzerania. Para isso, o Brasil confia na capacidade dos seus dirigentes e repetindo a frase de Barroso, "espera que cada um cumpra o seu dever".

E, no dia de hoje, aniversário do maior feito naval da América do Sul, a nação brasileira, agradecida, rende uma justa e eloquente homenagem aos que tombaram em sua defesa, escrevendo nas páginas da história um dos mais lindos capítulos de dedicação e de espírito de sacrifício.

Deve, necessariamente, ser uma grande Pátria, a Pátria que viu nascer e embalou homens como os que se bateram em Riachuelo. E' por isso que o Brasil marcha, confiante no futuro, para um porvir cheio de glória, de grandeza e de fecundas realizações.

Muito ainda poderíamos dizer, mas não é necessário. O nosso intuito foi apenas falar aos sentimentos dos que nos ouvem. Nada dissemos de novo, que o nosso fim era outro e não mostrar conhecimentos. Quizemos mesmo falar ao coração, despertar recordações. Esse objetivo, cremos ter atingido. E isso nos satisfaz.

E agora, terminando, resta-nos, tão sómente, levantar a voz até onde repousam os heróis de Riachuelo, para dizer-lhes que o seu sacrifício não foi inútil e que a Pátria soube guardar com carinho a memória do seu feito, reservando-lhes um lugar destacado entre os homens que construiram a maior Pátria da América Latina.

(Palestra feita no 2.^º Batalhão de Pontoneiros, em Cachoeira, no dia 11 de Junho).

A Aeronáutica Soviética

88

8

Tradução de um artigo do Cmt. HENRY LAPORTE,
inserto em "La Revue d'Infanterie", de Agosto de 1939.

Pelo 2.^o Ten. Washington Sylvio Fonsêca

O estudo recente do general Armengaud consagrado à "Aeronáutica Soviética" (1) apresenta um interesse evidente, porquanto procura "determinar quais poderiam ser a importância e o valor da colaboração soviética na manutenção da paz", examinando sucessivamente a questão sob os diferentes aspectos seguintes:

A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA AERONAUTICA E OS OBSTÁCULOS A SEU DESENVOLVIMENTO

A indústria aeronáutica, inexistente na Rússia tzarista, foi organizada durante a guerra e destruída pela Revolução. Há uma quinzena de anos sómente que "a firma alemã Junkers dotou a U.R.S.S. de uma fábrica moderna bem aparelhada". Mas a colaboração alemã, manifestamente interessada, não durou muito, e foi o emprêgo do primeiro plano quinquenal, de 1927 a 1932, que dotou o país, a custa de "enormes sacrifícios", de estabelecimentos para a fabricação dos motores e dos aviões, de laboratórios, de centros de experiências, de escolas profissionais, escolas de engenheiros e de técnicos. Este esforço prosseguiu durante o segundo plano quinquenal até 1937 e chegou a resultados que não devem ser desconsiderados e que são os seguintes:

— a despesa das fábricas de aviões passou de 250 a 300 células no ano passado a cerca de 500 êste ano; entretanto, este número constitue sómente "o elemento necessário à renovação do antigo material" e não dá margem a um "excedente que possa ser cedido ao estrangeiro";

— a produção dos motores é de 9.000, em vez dos 18.000 previstos no programa; não pode ser muito aumentada, "pois a mão de obra qualificada é totalmente utilizada"; êstes motores são: um russo de 750 CV, demasiado pesado

(1) *Politique étrangère*, n. 3, junho de 1939, pag. 290.

por unidade e três motores estrangeiros de 800 CV, um Wright-Cyclone, um Hispano e um Gnôme et Rhône de 12 cilindros; experimenta-se levar a potência do motor russo a 1.000 CV;

— os acessórios, reproduções de material estrangeiro, “pecam pela imprecisão e a rapidez de usura”;

— Se bem que a “metalurgia soviética tenha conquistado um excelente lugar no mundo, o segundo, conforme se diz, “a qualidade das ligas deixa a desejar” e “sua quantidade, como sua variedade, permanece insuficiente”. A U.R.S.S. ainda se vê na obrigação de importar e nada, portanto, poderia ceder como materiais de construção ou matérias primas sem prejuízo para sua indústria aeronáutica”.

Entretanto, “seria errôneo negar à indústria aeronáutica dos Soviéticos, sob pretexto de socialização e de nacionalização, a possibilidade de igualar os outros países no tocante à qualidade. Certos sucessos obtidos na Espanha (aviões de caça I. 15 e I. 16 e de bombardeio rápido S.B.) provam o contrário”.

Em suma, a U.R.S.S. só poderia “dar seu apóio à Polônia e à Rumânia sob a forma de material aéreo construído ou sob forma de matérias primas e de materiais preparados ou usinados” após constituição de estoques na proximidade destes países, em razão de seu potencial de fabricação ainda insuficiente e da “precariedade de seus meios de transporte”.

O EXÉRCITO DO AR

O pessoal — O órgão encarregado da preparação dos especialistas militares, a Osso-Aviakhim, tem sabido “crear na mocidade uma corrente magnífica pró aviação”. Mas, a formação dos especialistas incumbe principalmente às escolas do exército onde se constata que “a falta de instrução geral dos alunos prejudica a rapidez de sua formação”.

Entretanto, o exército do ar “é constituído pelos melhores elementos da nação” e as qualidades individuais destes soldados são grandes e reconhecidas” se, “por falta de tradição e de experiência, o pessoal de comando carecer da homogeneidade”.

O material — Se bem que “difícil de avaliar”, o número de aparelhos em serviço pode ser estimado em 5.000: 1.500 de caça, 1.500 de informação, 1.000 de assalto e 1.000 de bombardeio. Deste efetivo total, “1.500 dos aparelhos estão fixados no Extremo-Oriente”.

Os 3.500 aviões que se acham na Europa compreendem:

— aviões de bombardeio de duas espécies: quadrimotores e bimotores. Os primeiros são excelentes, mas antiquados com seus 240 quilômetros por hora; um aparelho de mesmo tipo está em via de realização "cuja velocidade seria de 450 quilômetros por hora e o teto de 8.000 metros". Haveria, além disso, 600 aparelhos do modelo dêsse bimotor rápido que serviu na Espanha (S.B.) mas este tipo foi ultrapassado, se bem que pouco, em diversos países;

— aviões de caça de dois tipos, que eram, há dois anos, excelentes: o I. 15, extremamente manobrável de uma velocidade de 350 quilômetros por hora e o I. 16 de 750 CV, aparelho moderno muito reforçado, atingindo 420 quilômetros por hora e de uma docilidade muito grande, suplantado ligeiramente pelo Messerschmidt alemão"; protótipos novos estão em construção ou em experiência "que fariam mais de 500 quilômetros por hora";

— aviões de informação inferiores aos das outras potências;

— dois tipos "aviões de assalto armados respectivamente de 6 a 8 metralhadoras e capazes de fazer bombardeio em piqué"

O paraquedismo — Muito desenvolvido, transformado em verdadeiro "esporte popular" (mais de 1.300 círculos de paraquedismo desde 1935), o paraquedismo está muito em evidência! Enquanto que em 1935 "uma missão francesa assistia a uma descida de 600 paraquedistas", em 1937 "1.200 homens, 150 metralhadoras, 18 canhões e um automóvel de comando desciam em paraquedas a 60 quilômetros atrás de uma frente. Alguns dias mais tarde, era uma divisão de 2.200 homens com armas e bagagens".

O corpo de paraquedistas compreende 60.000 homens ao qual o Alto Comando soviético parece fixar três espécies de missões:

- proteção de um desembarque de fôrças por avião;
- cobertura de uma operação ofensiva pela posse de um ponto importante do terreno;
- destruições.

Organização — Organizado como o exército do ar francês, o exército do ar da U.R.S.S. compreende uma aviação orgânica de 4.000 aparelhos (composto de 51 brigadas ter-

restres a grupos e 7 brigadas marítimas) e uma aviação autônoma de 1.000 aviões, formada de 5 divisões a 2 brigadas de caça e de bombardeio. Parece que este exército do ar autônomo deveria ser mais numeroso, para poder "dar rapidamente seu apôio" a um vizinho atacado. Entretanto, a-pesar da falta de organização "inspirada numa ação aérea ofensiva contra um agressor eventual", deve-se notar que este exército do ar autônomo está "inteiramente no Ocidente" e que "500 bimotores de bombardeio parecem orientados para a Prússia Oriental..."

O presente e o futuro — "Atualmente e num futuro imediato, parece que a U.R.S.S. não está em condições de intervir com grandes fôrças aéreas fora de seu território para uma ação em massa e rápida". Vimos, em outro ponto, que ela não pode dar aos Estados vizinhos "um auxílio substancial interessante e rápido em material moderno, materiais de construção ou matérias primas".

Certamente "a Rússia é um grande país, cujo potencial é imenso". Todavia, sem esquecer que "a aviação russa, ainda quasi inexistente em 1927, ocupava o primeiro lugar no mundo em 1937", o general Armengaud supõe que na hora atual a Rússia não representa "para os Estados vizinhos, com sua aviação e sua indústria aeronáutica senão um apôio necessário, porém limitado". E' excusado dizer que reproduzimos esta opinião, de certo autorizada, sem tomar partido de modo algum e para a exclusiva informação de nossos leitores.

Observações

à margem das manobras de 1940

Pelo 1.^º Ten. MOACYR POTIGUARA

Quando se fala em dar à Cavalaria elementos motorizados e mecanizados, surgem opiniões contrárias a essa idéia e no geral os que a ela se opõem, trazem como argumento inicial a nossa carência em estradas.

De fato, as estradas são um fator importante, porém não proibitivo para a motorização.

Na recente manobra da 3.^a R. M. pudemos observar uma parte do Rio Grande, que por sua situação interessa a nossa defesa e onde nos pareceu possível o emprêgo de elementos moto-mecanizados em grande escala (refiro-me sómente à questão da viabilidade).

Fizemos a marcha Uruguaiana-Alegrete-São Simeão, com cerca de trezentos Km. que percorremos na ida para a região de manobras e no regresso a nossa sede e onde nos foi dado observar o que passamos a expor:

O terreno se apresenta com elevações sucessivas, de pequena altitude e com declives suaves, o que permite movimentos relativamente fáceis em todas as direções.

Observamos que o movimento através o campo pode ser executado em condições quasi tão boas como nas estradas existentes.

Julgamos, assim, que elementos mecanizados e transportados Q.T., não sentiriam dificuldade de circulação através àquelas coxilhas.

E' bem verdade que não tivemos oportunidade de conhecer essa região na época das chuvas, porém segundo várias informações, há trechos que atolam bastante, mas não cremos que impedissem o movimento a viaturas cuja pressão unitária fosse igual à do homem, como sóe acontecer no Ansaldo, entre nós existente.

Quanto aos cursos d'água, devemos levá-los em conta:

- a) Em época normal;
- b) Após uma forte chuvarada;
- c) Em época de chuvas continuadas.

a) Em época normal, êles permitem passagem fácil nos passos existentes;

b) Em seguida a forte chuvarada, tanto elementos a cavalo como outros quaisquer, só passarão após um regular espaço de tempo (2 a 6 horas) em que o rio haja baixado, isso devido à correnteza que fica bastante violenta;

c) Em época de chuvas continuadas e com os rios em cheia, mesmo elementos a cavalo dificilmente passarão, pois pequenos cursos ficam nessa ocasião com tal volume d'água e correnteza que, para um elemento de efeito razoável, a travessia seria difícil, se não impossível.

Pelo exposto, verifica-se que na questão de travessia de cursos d'água, o problema se apresenta difícil para a cavalaria hipo ou moto, e traz como exigência uma dotação suplementar em meios para que essa transposição se execute mais rapidamente e em melhores condições. Alí ainda, a cavalaria hipo levará vantagem na rapidez da travessia, porém essa vantagem traduzida em tempo, será facilmente recuperada pela cavalaria moto, após a transposição.

Assunto também que ao nosso ver merece ser encarado é o da motorização, em parte, dos trens dos R.C.. Isso porque, salvo casos especiais, onde chegam as viaturas hipomóveis, as auto também chegam e com economia de tempo, trabalho e volume. Por que? Porque estas normalmente conduzem mais carga do que aquelas, acompanham com facilidade os deslocamentos da tropa e em certas situações podem precedê-la, o que acarreta maior comodidade às unidades na questão de instalação nos locais de estacionamento.

Nas manobras, tôdas as unidades levaram caminhões para seu uso e, segundo consta, êstes se portaram valentemente,

prestando inestimáveis e variados serviços que compensaram amplamente os gastos com combustível, lubrificante e acessórios.

Finalizando essa série de observações, temos a lamentar não ter podido comparecer às manobras nem um Pel. A. M. D. R..

Creamos que seria por todos os títulos interessante ter visto agir, **lá nos campos do Rio Grande**, os A. M. D. R. que possuímos, pois só a experiência nos traz ensinamentos seguros e nos leva à tomada de dados que nos permitam prever a-fim-de prover.

VENDAS DE LIVROS

Na séde da Sociedade (Quartel General)
— Diariamente, das 9 à 12 hs. e das 14 às
15 horas.

LIVROS EM CONSIGNAÇÃO

Os Snrs. consignatários poderão receber
os saldos dos meses anteriores, diariamente
na séde da Revista durante o expediente da
Biblioteca.

ENCOMENDAS DE LIVROS

A Biblioteca de “A Defesa Nacional” se en-
carrega da aquisição de livros nacionais e
estrangeiros que não existam em deposito em
sua séde, mediante encomenda dos^o Snrs.
Oficiais.

Crimes praticados por civis contra a segurança externa e interna da Nação e instituições militares

Por Aldo di Cavalcanti e Melo

O tema jurídico no propósito desta palestra, subordinado "Crimes praticados por civis contra a segurança externa e interna da Nação e instituições militares", é do programa das conferências traçadas pelo ilustre Estado Maior da 6.^a Região, e, á mim, Promotor Militar, cometido e ousado empreendimento perante este seletº e generoso auditório.

De qualquer modo que se encare um assunto jurídico, êle emerge da coexistência social, da biologia á sociologia, pois que, o direito, é um produto da cultura humana, relativa em cada povo e das condições geográficas, climáticas, econômicas, políticas e históricas.

E' por isso que, a causa genética e explicadora de uma ação anti-jurídica, considerada no campo do direito repressivo, dá lugar a uma especulação diversa, caleidoscópica em suas formas mutáveis e particulares, da especulação da doutrina das escolas e na taxionomia dos juristas.

Mas até onde chegue a notícia das codificações, por já existir o direito escrito, iniciados os sistemas da sociedade legalmente organizada, nele se espelham no exercício do poder político, o prevenir, o reprimir das lesões jurídicas contra o individuo, a propriedade, a sociedade e contra o próprio Estado, para logo surgindo a indagação a que departamento pertença a anomalia percebida, assente que, tôda a associação humana manifesta necessária e simultânea três esferas de vida social, indissoluvelmente ligadas entre si, imanentes umas ás outras: a esfera econômica, a de âmbito jurídico e político.

Em sociologia, por espírito da escola organicista que seguimos, é traçada a analogia entre a vida e o funcionamento orgânico individual, o simples e, a sociedade, o organismo complexo, nos fenômenos de nutrição, de preservação, reprodução, de defesa e das funções nervosas, de direção e, de volição. Da atividade orgânica passa-se á superorgânica.

Lilienfeld, ao afirmar a solidariedade daquelas três esferas, esclarece que, uma crise financeira constitue o sintoma de um estado patológico da esfera econômica, ainda que as suas consequências repercutam sempre na esfera jurídica por um abalo de direitos públicos e dos interesses privados, assim

como, na esfera política, pela perturbação que causa nas finanças do Estado e, dando conta da ação simultânea dessas esferas, adverte o renomado sociólogo, que, a inércia econômica, a imprevidência, a dissipação, a falta de espírito de poupança, de empreendimento e de invenção, a ausência de aptidões industriais, constituem anomalias específicas no departamento econômico, que tem por substrato os elementos anatômicos do sistema nervoso social.

"Em contraposição, o predomínio de utilidades neutras e negativas sobre as utilidades positivas, a desigual distribuição das riquezas, os óbices que encontra sua circulação, são sintomas de anomalias, ainda econômicas, que teem por essência a substância social intercelular.

Esta dupla origem de anomalias se manifesta, do mesmo modo, na esfera jurídica; a falta de censo pelo justo, a ausência de respeito pelos alheios direitos, juizes parciais e venais, tribunais impotentes para garantirem a segurança pública e privada, eis os sintomas do estado doentio do sistema nervoso em sua ação no seio da esfera jurídica".

Quem abrangesse, num golpe de vista panorâmico, o Brasil, antes e logo depois da revolução triunfante de 1930, se aperceberia da falta de ideal de uma disciplina partidária, se matividade reconstrutora evoluída do sentimento republicano, ferida a democracia e agonizante, com o sintoma daque-las anomalias visíveis e sob a influência de correntes extremistas irreprimidas em ideologias exóticas, sentindo próximo o país, do **malestrom**, por cujo vértice se despenharia...

O Estado Novo Brasileiro, "conforme se depreende da análise do texto constitucional e das circunstâncias históricas determinantes da reforma nacional precipitadas pelo "golpe de estado" de 10 de Novembro de 1937, elucida Azevedo Amaral, concretiza uma ordem política, social, econômica e espiritual, erguida sobre os fundamentos objetivos da realidade".

Como todo ser vivo em presença de causas que prejudicam sua vitalidade e, por uma reação natural, chamada em neuropatologia, reflexos defensivos, a Nação já em reconstrução, iniciava instituições repressivas aos delitos mais graves, defendendo-se.

Além, o congresso decretou a primeira lei de segurança nacional, a qual tomou o n.º 38 e é de 4 de Abril de 1935.

Posteriormente, meses depois, modificando vários dispositivos da lei n.º 38 e definindo novos crimes de ordem política e social, foi decretada pelo congresso e sancionada pelo

Chefe atual da República a lei n.º 136, de 14 de Dezembro, também de 1935.

Como trabalho de maior alcance e de coordenação de lei punitiva, remissiva ás anteriores, surge a de n.º 244, de 11 de Setembro de 1936, creando o Tribunal de Segurança Nacional, órgão da Justiça Militar, de sede no Distrito Federal, excluindo a competência da Justiça Federal, para processar e julgar em primeira instância, originariamente, civis, militares e seus assimilados, sempre que fôr decretado o estado de guerra, com competência de conhecer os crimes contra a segurança externa do Estado, e os crimes contra as instituições militares.

Dispõe sobre os crimes cometidos na vigência do estado de guerra acontecido, os referidos por seu art. 3.º, delitos praticados em data anterior á lei 244 e que não tenham sido julgados, cabendo ao Supremo Tribunal Militar, na hipótese, conhecer dos julgados em primeira instância, dos crimes não previstos no dito art. 3.º, porém conexos com os mesmos e traçar o modus processual dos delitos ou crimes tratados por aquele art. 3.º.

Alterando progressivamente, para melhor, a posologia dessa terapêutica, o Presidente da República, como médico social que é o estadista acreditado por Liliengfeld, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição outorgada e pelo Decreto-Lei 431, de 18 de Maio de 1938, define crimes contra a personalidade internacional do Brasil, á sua estrutura, á segurança da Nação e, contra a ordem social. E, por aqui, nos abeiramos, agora, da tarefa de exórdio justificado.

Trata-se da distinção de, entre vários delitos repressíveis pelo Tribunal de Segurança Nacional, destacarmos, cindirmos, por linhas bem acusáveis e justas, quais sejam os crimes contra a segurança externa e interna da Nação e contra as instituições militares.

Antes de tudo, porém, precisamos aferir que, são de categoria dos **crimina publica** (**Publicum jus est quod ad statum rei romanne spectac.** **Allpiano**), do direito romano, os visados no tema, na 1.^a parte, por entrarem no orbe maior, mais amplo, de sua conceituação jurídica, dividindo-os Vieira de Araujo, em três classes: crimes contra a segurança do Estado, contra a Constituição e contra a paz pública.

O objeto do crime político é a organização política querida pela maioria e, crime político, no pensar de A. Prins, o que ofende a ordem política do Estado. E porque essa ordem política se divide em interior e exterior, deve-se indagar o que

uma e outra compreendem para se apurar o alvo imediato dos referidos delitos.

Tôda a organização política comprehende um território habitado em cujos limites (para merecer a definição de Bluntschli), deve-se desenvolver uma forma de governo e pessoas que a encarnem.

Daí, uma dupla classe de crimes que podem atacar a organização política, ainda no ensinar de Vieira de Araujo.

"A primeira comprehende todos aqueles atos violentos ou fraudulentos de atingir a integridade do Estado, diminuindo ou alterando os seus limites, rendê-los á discreção de um Estado inimigo, expô-lo a guerras que possam comprometer a sua independência ou simples segurança e que constituem os crismados **crimes contra a pátria**".

"A segunda classe contem as ofensas á organização política existente, isto é, os atos violentos contra a forma de governo, ou que tenham a impedir o exercício dos direitos e deveres que incumbem aos vários poderes do Estado ou que sejam dirigidas contra pessoas á frente do governo e cuja supressão ou simples lesão envolvam tal dano material ou moral para o Estado, de se fazer necessário garantir o respeito delas, sob a especial imputação de crime político".

Também, é clássica a divisão entre os crimes contra a segurança externa e interna da Nação — o Estado.

São crimes contra a segurança externa da Nação, da sua personalidade internacional, os que se propõem a destruir a existência da pátria mesma e, lacera, não a sua estrutura política ou forma e sim, a sua essência no seio da sociedade internacional. Atentando ou realizando tal delito contra sua independência e existência, é como que realizar um **parricídio público**...

Pela lei nova (citado Decreto-Lei 431), são os delitos cometidos nas condições dos incisos 1, 2, 4 e do inciso 1, do art. 3.º, assim seguidos: **Tentar** submeter o território da Nação, ou parte dêle, á soberania de Estado estrangeiro; **atentar**, com auxílio ou subsídio de Estado estrangeiro ou organização de caráter internacional, contra a unidade da Nação, procurar desmembrar o território sujeito a sua soberania e, **tentar** com auxílio ou subsídio de Estado estrangeiro ou organização de caráter internacional, a mudança da ordem política ou social estabelecida na Constituição; **tentar** diretamente e por fato, mudar por meios violentos, a Constituição, no todo ou em parte, ou a forma de governo por ela estabelecida, quando êsse delito resultar do concerto, com auxílio ou sob a orientação de organizações estrangeiras ou internacionais.

Contra essa segurança, são os crimes previstos ainda, pelas leis ns. 38 e 136 ambas de 1935, quando forem praticados com finalidades subversivas das instituições políticas e sociais, definidas nas leis já apontadas, sempre que derem causa à comoção intestina grave, seguida da equiparação ao estado de guerra ou durante êste forem praticados.

Instituições políticas, são as que resultam da independência, soberania e integridade territorial da Nação, bem como, da organização e atividade dos poderes políticos estabelecidos na Constituição do Estado Novo, nas dos seus sub-Estados e nas leis orgânicas respectivas.

Por instituições de ordem social, são compreendidas "as estabelecidas pela Constituição atual e pelas leis, relativamente aos direitos e garantias individuais e sua proteção civil e penal; do regimem jurídico da propriedade, da família e do trabalho; a organização e funcionamento dos serviços públicos e de utilidade geral; os direitos e deveres das pessoas de direito público paar com os indivíduos e reciprocamente". Há formas outras de delinquência por atos considerados crimes contra a segurança externa do Brasil, nas figuras dos artigos 87 § 3.º, 4.º § 88, 89, 90, 92 remissivo ao artigo 91, nos elementos constitutivos daquele; do artigo 96, 101; do artigo 105, § 1.º, etc., todos do Código Penal, Comum, da República.

A lei não é casuística e, poderá acontecer que, no exercício de sua soberania como pessoa de direito internacional público, surjam crimes políticos contra a sua segurança externa, na projeção de sua personalidade internacional, por exemplo, o do art. 101, de se comprometer em qualquer tratado, ou convenção, a honra, a dignidade ou os interesses da Nação; tomar compromissos em nome dela, ou de seu governo, sem estar devidamente autorizado.

Em geral, só os próprios nacionais dentro ou fora do país, são os que podem praticar delitos de tal natureza, pois atos ou tentativas praticados por estrangeiros, filhos de outro Estado ou em fôrças dêste, em ataque aos postos da fronteira, á navio sob pavilhão nacional e num caso de luta civil (intervenção) não teem repressão penal nossa. São muitas vezes verdadeiros **casus belli** ou para afirmar ou repetir a energia cívica, o patriotismo e a dignidade política de um povo a que já se encarnou em Floriano Peixoto — nosso "Marechal de Ferro", á bala, respondendo a interpelação de como receberia a esquadra inglesa na revolta de 93...

* * *

Sem mais preâmbulos e frases explicativas avançamos que, nos crimes contra a estrutura da Nação, pode acontecer e, nisso se inscreverão os delitos contra a sua segurança interna, para quem pretendesse separar ou desmembrar com violências, um dos sub-Estados de nossa Federação, sem auxílio estrangeiro ou seu concerto. Cometeria um crime contra a sua segurança interna, assente como é, que, quanto a sua estrutura ou forma, os Estados ou são simples, de forma de governo unitário, centralizador, ou federados, recebendo neste caso, pelo nexo causal, constitucional que os une, a forma de sua motilidade existencial, política, ou são confederados — **statem-bund**, na expressão alemã — e, neste último caso, unidos todos para certos fins, por tratado de direito internacional, por serem autônomos completamente, independentes, como pessoas da sociedade das nações “**quo omnes gentes utuntus**”.

Tentar, atentar, cometer ato contra nossa estrutura política estatal, em tempo de paz e sem auxílio estrangeiro, é precipuamente afirmar que, tais crimes ou delitos, foram praticados contra a segurança interna da Nação.

Os nossos dois códigos penais vigorantes, o Comum e o Militar, trazem sob o aspecto da conspiração, respectivamente nos seus artigos 115 e §§ 1.^º ao 5.^º do Título II, Cap. 1.^º e 87, §§ 1.^º até ao 5.^º do Título II e Capítulo 1.^º, modalidades de delitos contra a predita segurança interna da República, que é a Nação mesma, no sentido nele empregado.

Os crimes contra a segurança interna do país, os de conceito novo e daquelas hipóteses da conspiração, da aliciação, da conjura e da sedição e insurreição como elementos constitutivos, preparatórios ou como meios do crime, afim, de tentado ou consumado contra a segurança interna do Brasil, em tempo de paz, surgem da definição do mencionado Decreto-Lei 431, nos outros incisos dos seus arts. 2.^º e 3.^º, notadamente em tentar por meio de movimento armado o desmembramento do território nacional, desde que para reprimir-lo se torne necessário proceder a operações de guerra interna; tentar subverter por meios violentos a ordem política social, com o fim de apoderar-se do Estado para o estabelecimento da ditadura de uma classe social; insurreição armada contra os poderes do Estado, assim considerada, ainda que as armas se encontrem em depósitos; praticar atos destinados a provocar a guerra civil, se esta sobrevenem em virtude deles; praticar destruição, saque, incêndio, depredação ou quaisquer atos destinados a suscitar terror, com o fim de atentar á segurança

do Estado e a estrutura das instituições; tentar, diretamente e por fatos (redação e sentido quasi igual ao do n.º 2.º, do art. 87, do Código Penal Militar), **mudar** por meios violentos, a Constituição, no todo ou em parte, ou forma de governo por ela estabelecida, embora em concerto mas sem auxílio e sob orientação de organizações estrangeiras ou internacionais; associarem-se três ou mais pessoas para o fim de cometer crime referido no art. 2.º e no inciso 3, dêste artigo; formar-se bando armado para cometer o crime mencionado no artigo 2.º e no inciso 3.º dêste artigo; concertar-se para a prática do crime referido no inciso anterior, se o crime fôr cometido; promover, organizar ou dirigir sociedade de qualquer espécie, cuja atividade se exerce no sentido de atentar contra a segurança do Estado ou modificar, por meios não permitidos em lei, a ordem política ou social; com o mesmo fim fazer propaganda ou ter em seu poder, em sua residência ou local onde deixar escondido e depositado, qualquer quantidade de boletins, panfletos ou qualquer outras publicações.

Outros mais existem, sendo regra para a sua pesquisa, que o direito lesado deve ser o **criterium** corrente em definição de crimes políticos coletivos ou simples, concorrentes como circunstâncias preparatórias ou constitutivas dos crimes dirigidos contra a segurança ou estabilidade do Estado, isto é, da Nação confundida com o poder que a governa enquanto sejam fatos ou tentativas culposos, como conceitua Achille Morin.

Tais delitos políticos contra a segurança externa e interna da Nação, são ainda chamados delitos formais, quando exauridos se ateem no conceito da tentativa e, que consiste na simples violação do direito subjéctivo, ou da norma contida no artigo da lei, ou como define Florian citado por Esmeraldin Bandeira, "aquele em que a ação que o constitue basta por si só para violar a lei; em que é suficiente a verificação da objetividade jurídica e indiferente o sucesso material". E' o da ação incriminada que tem ou que contém, apenas, dano potencial. Por fim, divisamos os delitos praticáveis contra as instituições militares, por civis, da competencia sempre do Tribunal de Segurança Nacional, crimes que entram na órbita da ordem política e social e, da referência da lei n.º 244, de 11 de Setembro de 1935, em seu art. 3.º §§ 2.º e 3.º e do Decreto-Lei 431, de 18 de Maio de 1938, ultimamente citado.

Em tempo de paz, são crimes da denominação recem-referida: **incitar** militares, a **desobedecer** a lei, ou a infringir de

qualquer forma a disciplina, rebelar-se ou desertar; **por** distribuir ou tentar distribuir entre soldados ou marinheiros quaisquer papeis, impressos, manuscritos, dactilografados ou gravados, em que se contenha insitamento á indisciplina; **introduzir** em qualquer estabelecimento militar, ou vaso de guerra ou neles tentar introduzir semelhantes papeis; afixá-los, apregoá-los ou vendê-los nas imediações de estabelecimentos de caráter militar ou de lugar em que os soldados ou marinheiros se reunem, se exercitem ou manobrem; **provocar** animosidade entre as classes armadas, ou contra elas ou delas contra as instituições civis; ainda na forma do inciso 24, do art. 3.^º do Decreto-Lei 431, **provocar** ou incitar, por meio de palavras, gravuras ou inscrições de qualquer espécie, prevenção, hostilidade ou desprezo contra as fôrças armadas e, os crimes com finalidades subversivas das instituições políticas e sociais, definidas nas leis números 38, de 4 de Abril e 136, de 14 de Dezembro de 1935, sempre que derem causa á comoção intestina grave, seguida de equiparação ao estado de guerra, ou durante êste forem praticados.

Na atual Carta Magna contém-se que, "em caso de ameaça externa ou iminência de perturbações internas ou existência de concerto, plano ou conspiração, tendente a perturbar a paz pública ou pôr em perigo a estrutura das instituições, a segurança do Estado ou dos cidadãos, poderá o Presidente da República declarar, em todo o território do país, ou na porção do território particularmente ameaçado, o estado de emergência.

Desde que se torne, porém, necessário o emprêgo das fôrças armadas, para a defesa do Estado, o Presidente da República declarará, em todo o território nacional, ou em parte dêle, o estado de guerra.

Ora, no estado de guerra, argumenta Carlo Jachino, a salvação da pátria exige remédios extremos e, os deveres que para ela têm quer os militares quer os estranhos á milícia, não podem ser dissimiles, nem dissimil pode ser a responsabilidade daqueles a quem, em regra, menos incumbem tais deveres".

Terminei, porém, mais duas palavras, no fim dêste vanilóquio, sem lavra d'arte e mérito literário, de jurista acostumado apenas á linguagem sóbria e precisa dos seus libelos...

Eis, senhores, o direito na sua custódia, na sua subjetividade, no seu valor potencial. Representa o conjunto de condições existenciais da sociedade, asseguradas por meio da

fôrça ou do poder público, para atingir a plasticidade que lhe deu Rodolph Von Ihering, o famoso professor de Goettingue.

A fôrça sois vós, fôrças armadas e auxiliares do Estado-Novo, tem em vela d'armas pela ordem social e política do Brasil.

Defendamos, todos, a democracia utilitária, de caráter fundamentalmente nacionalista e representativa e, não a chamemos autoritária, de expressão antinômica e irreal.

Tem sido brando, persuasivo e previdente o governo da 3.^a República, e que ora dirige o Estado Federativo.

Por êsse descortino norteou-se, como o Presidente Roosevelt, discursando nos Estados Unidos do Norte, em 1936, ao passar-se da etapa da democracia puramente política para a da democracia econômica, o nosso Presidente da República.

Na verdade, no Brasil, a 1.^a República foi de fase ideológica. A 2.^a breve, de especulação virtualmente política e, a 3.^a, esta dos nossos dias, a construtora, em que, o fenômeno econômico, condiciona os demais, ambientada na reforma social que domina o mundo sem o equilíbrio que desfrutamos. A humanidade, dizia Chaveau Helie, caminha sempre para frente, carregada com o peso da experiência dos séculos.

Tempus mutatur et nos mutamos in illos!!!...

Respiguei em campo sáfaro, todos os elementos esparsos e diminutos com que agora disserto. Tudo fiz para não ficar aquém da distinção desvanecedora, tomando para mim, como oportuno consôlo, o lema que a si próprio traçou o Chefe do Estado Maior da Região: "Quando não se pode fazer tudo que se deve, deve-se fazer tudo que se pode".

*

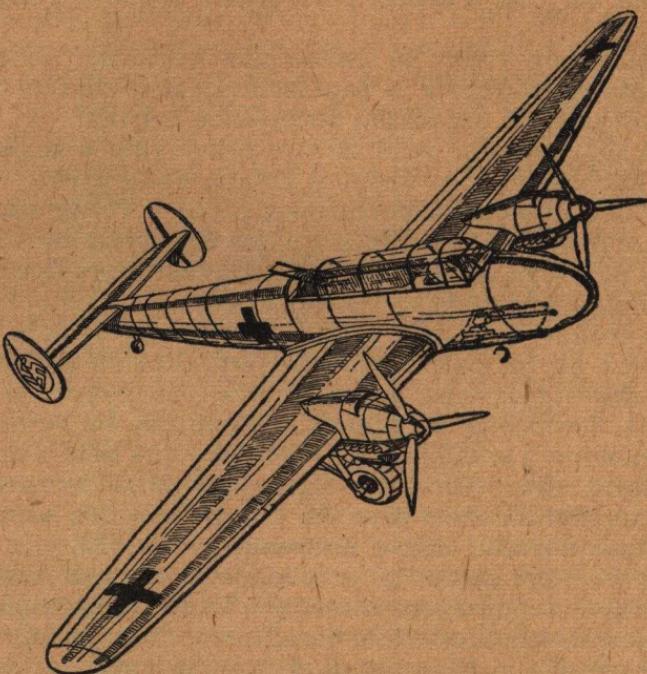
*

*

N. B. — O direito consuetudinário científico, o que dimana das decisões de nossos tribunais, inclusive do novo Tribunal de Segurança Nacional, não contém messe alguma que nos oriente no tocante ao direito atual público interno e externo. Em Florian "deliti contra la sicurezza dello Stato" e em Rugiolela, expositores raros em nossas livrarias se encontram muitas modalidades dos crimes contra a segurança do Estado, Estado uno, na sua forma como é a Itália — pátria do direito — donde Florian doutrina no assunto, como mestre que é.

O NOVO MESSERSCHMIDT

— Me 110 —



Características

Envergadura: 16m,75; Superfície: 38m²; Peso (vazio): 4.500 kgs;
Peso (carregado): 6.700 kgs.

Capacidade

O Me 110 pode cobrir: 1320 quilômetros a 585 km/h., em 2 horas e 15 minutos; 2.410 km. a 346 km/h. em 7 horas; 2.750 km. a 282 km/h. em 10 horas; velocidade máxima: 585 km/h a 5.000 metros. Motores Daimler Benz D.B. 601, com compressores, com 1.150 H.P.

Armamento

O avião de caça Messerschmidt, monomotor e monopôsto, é munido de um canhonete aéreo, cujos projéts têm o calibre de 20 milímetros, o tubo do canhonete é o próprio eixo da hélice; além dessa peça esse avião possue duas metralhadoras.

(Transcrito de "MOTOR", n. 19, Março-Abril de 1940 e oferecido pelo 2.º Tenente Washington Silvio Fonseca).

Manobras da 3.^a Região Militar

O SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

Pelo Cap. JOSÉ SALLES

O autor dêste trabalho, ao par de seus pontos de vista pessoais quanto a questão do abastecimento á tropa, apresenta uma interessante exposição sobre a organização e o funcionamento do S. I. durante as manobras da 3.^a Região Militar

"A Defesa Nacional" sente-se feliz tôda vez que pode apresentar aos seus leitores artigos como êste, em que há o relato de um "fato realizado com êxito".

Para alcançar êste resultado na execução, é necessário cultura especializada, estudo acurado e preparação muito cuidadosa. Foi por isto, justamente, que foi pequena a distância a vencer da "teoria á prática".

Sempre foi grande a preocupação, principalmente entre nós, tôdas as vezes em que se cogita de deslocar grandes efetivos militares, o problema do abastecimento da tropa, problema êste cuja importância nunca deixou de ser posta em evidência, não sómente nas diversas Escolas do ensino militar, como também nas reuniões de instrução dos quadros, nos corpos, e nos compêndios nacionais e estrangeiros e isto por ser êle um fator dos mais importantes, para a própria vida das massas de tropa que se movimentam. E' uma questão que sempre mereceu, através de todos os tempos, como nô-lo diz a história militar de tôdas as campanhas, a atenção de todos os grandes Chefes; e continuará sempre sendo objeto, quaisquer que sejam o progresso e a evolução do material ou dos processos de combate, dos mais acurados estudos em tôdas as bôas organizações militares porque, sendo o abastecimento o elemento vital dos Exércitos, que sem êle não poderão manter as energias físicas (capacidade de resistência para as lutas) e morais (capacidade de ânimo para vencê-las), são por isso mesmo fatores indispensáveis à existência da coesão e da disciplina, como sempre o têm afirmado os grandes Mestres da arte militar.

Não é bastante, porém, que se paire únicamente pelos domínios da teoria, estabelecendo regras para a solução de problemas tão complexos, como são os que se apresentam

quando se trata de prover grandes efetivos; não são suficientes as soluções teóricas apresentadas em trabalhos sobre a carta (temas de Grandes Unidades, onde são levados em conta todos os órgãos dos Serviços), que nos dão sómente a **idéia geral** sem apresentar os **incidentes** surgidos por força de fatores vários que só podem sair do **natural**, isto é, dos casos realmente vividos.

Dai à **prática** há uma grande distância a vencer; e para isso há, quasi sempre, falta de coragem que a timidez natural, motivada pela carência dos meios materiais, pela impossibilidade de se aplicar mais a medo, no terreno, os temas estudados e pelo receio do fracasso, estimula, tornando assim relativamente lentos os progressos que vão sendo obtidos. Há o receio das responsabilidades, causado por uma legislação que só os técnicos conhecem mais profundamente, a qual, sendo embora complexa, apenas visa salvaguardar os interesses da fazenda pública e não servir de obstáculo aos empreendimentos, com especialidade áqueles que tem por finalidade melhorar sempre e cada vez mais o mecanismo de defesa da Pátria. São fatores que precisam ser vencidos principalmente por uma educação psicológica capaz de eliminar, tanto quanto possível, os prejuízos apressados, a descrença, o desânimo, o comodismo, etc. para estabelecer um clima de **atividade intensa** não pela preocupação de **cumprir o dever porque este deva ser cumprido**, mas sim pela outra bem mais elevada de achar que até mesmo o **excesso de trabalho** dedicado ao seu cumprimento é a **coisa mais natural do mundo**, isto é, **formar uma convicção** pelos objetivos que devem ser alcançados, capaz de não **deixar dúvidas** quanto ao **sucesso** dos empreendimentos feitos para esse fim, fazendo com que predomine em todos os escalões a **confiança**, tanto para os gráus superiores como para os subordinados.

Sempre foi grande, pois, a preocupação, repitamos, quando se trata do deslocamento de grandes efetivos, a respeito da solução dos problemas do abastecimento à tropa, especialmente no que se refere à alimentação que tem sido o grande receio dos quadros; o medo de **passar fome** sempre foi, nessas ocasiões, o seu grande espantalho e principalmente para todos aqueles que relegam para um plano secundário o conhecimento e aplicação, mesmo sumários, das regras de sua organização e do seu funcionamento.



Manobras da 3^a Região Militar

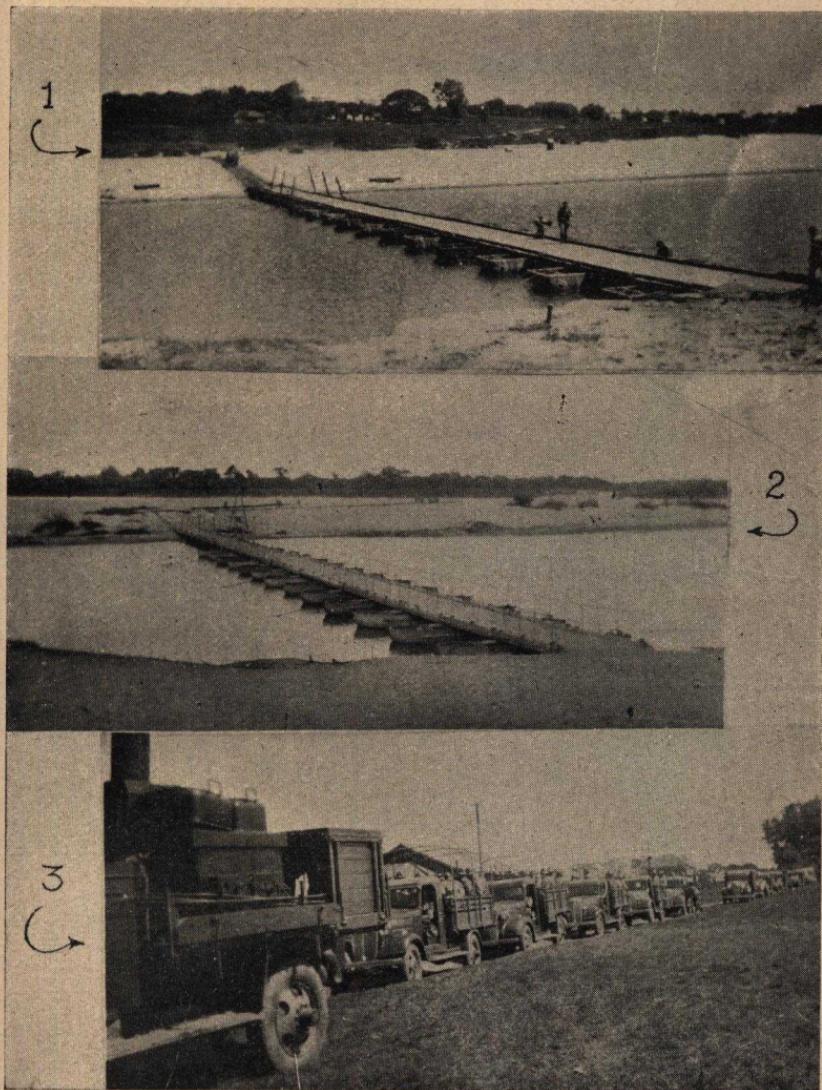
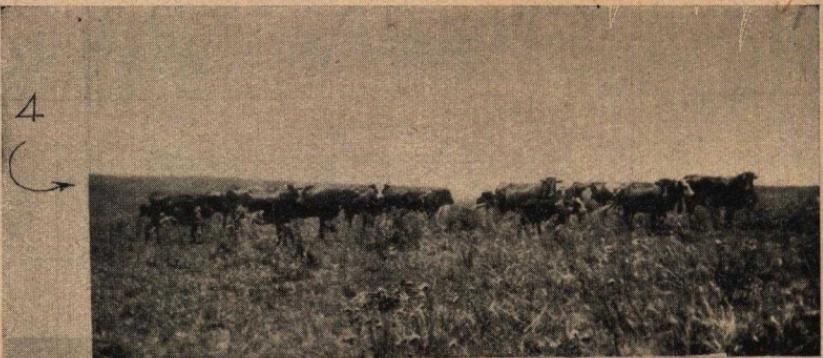


Fig. 1 — Ponte de barcos, no Passo de Sta. Maria, próximo de ROSÁRIO.
Fig. 2 — Ponte de barcos no Passo de S. Simão. Fig. 3 — Regimento de Cavalaria Transportada em marcha. Fig. 4 — T. G. D. em REMANSO
Fig. 5 — Acampamento do Q. G. (Direção da Manobra). Fig. 6 — "Ponte Gen. Leitão de Carvalho", em AZEVEDO SODRE', construída pelo Major Diogo Brochado da Rocha. Fig. 7 — Túmulo do Barão do Sérro Largo. Campo da Batalha de "Ituzaingó".

4



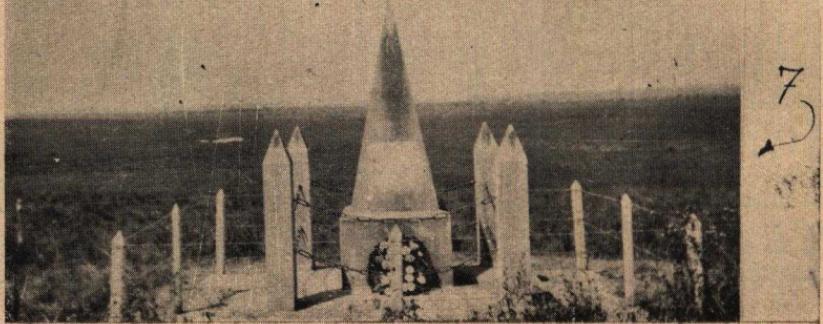
5



6



7



A manobra de 1940, da 3.^a Região Militar, teve a grande virtude de desvanecer a dúvida que, porventura, pudesse ainda existir sobre a possibilidade de insucesso por parte dos serviços encarregados de abastecer a tropa da Região, quer no período de concentração, quer no decurso da manobra ou durante a marcha de regresso das Unidades às suas sedes. Os trabalhos, nesse ponto, correram com tanta regularidade, com tanta presteza e perfeição, dentro dos planos organizados, que encantaram os mais pessimistas. Nenhuma falha se apontou, não só neste como em outros setores das manobras, como ficou claramente evidenciado pelo consenso geral, mercê da onda de entusiasmo e de trabalho intenso que perpassou por todos, quadros e tropa, empolgados pela firme vontade de levar a bom termo os planos elaborados no silêncio fértil dos gabinetes, pelo Estado Maior Regional, sob a suprema orientação do Exmo. Sr. General Comandante da Região.

A leitura da publicação "Manobra de 1940", que enfeixa em volume os documentos não reservados referentes à manobra, mostra-nos no tocante ao Serviço de Intendência, da mesma forma como o faz para os demais elementos orgânicos da Região, as diretrizes do Comando, que orientaram a sua organização. Por elas vemos que êsse, como os demais Serviços, funcionaram na qualidade de **neutros**, isto é, não entraram no âmbito dos temas estratégicos e táticos, devido ao fato de existir apreciável contraste quanto ao equipamento material e pessoal do Serviço de Subsistência e das Unidades de tropa em relação com o vulto e a amplitude da manobra; apenas, uma vez esta iniciada, funcionaram, segundo a situação apresentada para cada Unidade, os elementos orgânicos (T.C.) destas.

Para assegurar o abastecimento das diversas Unidades, durante a marcha para os pontos de concentração, instalaram-se em locais convenientes, escalonados ao longo dos itinerários previstos, correlatos com os respectivos estabelecimentos sucessivos, os **Centros de Reabastecimento**, devidamente provido da **estocagem** calculada dos recursos indispensáveis.

Na zona de manobra foram igualmente instalados **Estações** e **Centros de Reabastecimento**, providos também dos recursos necessários, capazes de assegurar os fornecimentos quotidianos aos T.C. das Unidades, durante o período da manobra propriamente dita. Na fase do retorno, o provimento ás Unidades foi garantido pelos mesmos C. R. organiza-

nizados nos itinerários previstos para a marcha de concentração.

Assim, no intinerário da 1.^a D.C., as unidades que marchavam de Itaquí, S. Borja, S. Luiz e Santo Ângelo, tiveram seus provimentos assegurados pelos seguintes órgãos:

ESTAÇÃO DE REAPROVISIONAMENTO N. 1 — Em Jacaquéá, à qual se subordinava o **Centro de Reabastecimento n. 7**, nessa mesma localidade, ao sul da qual se concentraria a D.C.

EST. REAPROV. N. 2 — Em Santiago, à qual se subordinavam os C.R. n. 6 (Faz. Inhacevá), n. 5 (Limoeiro), n. 4 (Santiago), n. 3 (2.^a Residência) e n. 2 (Passo de Santa Maria).

EST. REAPROV. N. 3 — Em Santo Ângelo, encarregada de manter o C.R. n. 1 (Ruinas de S. Lourenço).

EST. REAPROV. N. 4 — Em Estação Conde de Pôrto Alegre, à qual se subordinavam os C.R. n. 10 (Conde de Porto Alegre) e n. 9 (Passo do Arroio Puitan).

EST. REAPROV. N. 5 — Em Estação Unistalda, à qual se subordinava o C.R. n. 8 (sul do Passo Goulart).

As unidades da 2.^a D.C., que marchavam de Uruguaiana, Alegrete, Quaraí, Livramento e Rosário, para se concentrarem na região da Lagoa Parové, foram abastecidas pelas:

EST. REAPROV. N. 1 — Instalada em Ibirocaí, encarregada de manter o C.R. n. 1 (Faz. Flores da Cunha).

EST. REAPROV. N. 4 — Instalada em Guassú-boi, mantinha o C.R. n. 2 (Faz. Lagreca).

EST. REAPROV. N. 2 — Instalada em Alegrete, que se encarregava de manter os C.R. n. 3 (Faz. Aug. Fernandes), n. 5 (Alegrete) e n. 6 (Sucessão Rodrigues).

EST. REAPROV. N. 5 — Instalada em Rosário mantendo o C.R. n. 9, na mesma cidade.

EST. REAPROV. N. 6 — Em Azevedo Sodré, mantendo o C.R. n. 7, nesta mesma localidade.

EST. REAPROV. N. 7 — Em Guará, mantendo o C.R. n. 10, no mesmo local.

EST. REAPROV. N. 8 — Em Santa Rita mantendo o C.R. n. 11, na mesma localidade.

EST. REAPROV. N. 3 — Em S. Simão, sede da Direção de Manobras.

As unidades pertencentes à 3.^a D.C., que marchavam de Bagé e de D. Pedrito, afim de alcançar a região das Fazendas Santa Rita e Santa Marta, onde deviam se concentrar, foram abastecidas pelos seguintes órgãos:

EST. REAPROV. N. 1 — Instalada em **Bagé**, mantendo o C.R. n. 1, nesta mesma cidade.

EST. REAPROV. N. 2 — Em **Ibaré**, com o C.R. n. 2, nesta mesma localidade.

EST. REAPROV. N. 3 — Em **Suspiro**, com o C.R. n. 3, também aí mesmo.

EST. REAPROV. N. 4 — Em **S. Gabriel**, mantendo o C.R. n. 4, situado no Pôsto do Marco.

EST. REAPROV. N. 5 — Em **Rosário**, mantendo os C.R. n. 6 (Padilha) e n. 7 (Faz. Ramão Campos).

EST. REAPROV. N. 6 — Em **Azevedo Sodré**, mantendo o C.R. n. 13 (Faz. Hortência Ferreira).

Na zona de manobras, os órgãos de abastecimento foram assim escalonados, consoante as diversas situações a serem alcançadas pelas unidades em movimento a partir do dia D - 1:

EST. REAPROV. N. 1 (Jacaquá) — C.R. n. 1, em Faz. Boa Vista; C. R. n. 2, em Taudelino e C. R. n. 3 a L. de Itapeví.

EST. REAPROV. N. 2 (Alegrete) — C.R. n. 6, ao sul de Lagoa Pavoré.

EST. REAPROV. N. 3 (S. Simão) — C.R. n. 4, em Tapera; C.R. n. 5, em S. Simão; C.R. n. 7, em João Severo Primo e C.R. n. 8, em Santa Marta.

EST. REAPROV. N. 4 (Côrte) — C.R. n. 11, nos galpões da Coudelaria.

EST. REAPROV. N. 5 (Rosário) — C.R. n. 9, Faz. Tatão Vasconcelos; C.R. n. 10, Faz. Flodoardo; C.R. n. 12, Faz. Brígida Sanger e C.R. n. 14, em Menezes.

EST. REAPROV. N. 6 (Azevedo Sodré) — C.R. n. 13, em Faz. Hortência Ferreira.

EST. REAPROV. N. 7 (Cacequí) — C.R. n. 15, na estância velha de S. Simão.

Os provimentos de carne fresca foram garantidos a todo o efetivo concentrado na região das manobras, por:

Uma T.G. Ex. ao Norte de S. Simão;

Uma T.G. Ex. ao sul de Menezes;

Uma T.G.D. localizada em Taudelino;

Uma T.G.D. junto ao Arroi Jacaquá;

Uma T.G.D. ao sul da Lagoa Parové;

Uma T.G.D. ao norte do Passo da Guarda Velha;

Uma T.G.D. a Oeste de S. Simão;

Uma T.G.D. no Passo da Capela;

Uma T.G.D. na Côrte;

Uma T.G.D. em Figueira;

Uma T.G.D., finalmente, em Remanso.

Instalaram-se **Centros de Matança** em Faz. Boa Vista, Taúdelino, Lagoa Parové, Faz. João Severo Primo, região do Itapeví, em Tapéra, Faz. Santa Marta, São Simão, Coudelaria da Côrte, Faz. Flodoaldo, Estância Velha de S. Simão, Menezes e Brígida Sanger.

A distribuição de água potável foi feita por autos-pipas, na razão de um para cada Grande Unidade e um para a Direção de Manobras. Dispuzeram-se dos seguintes meios:

Em S. Simão

Viatura-filtro de 60 L/H;

Reservatório da Diretoria de Remonta (25.000 L.);

Tender da Viação Férrea (25.000 L.);

Em Rosário

Reservatório da Cia Swift (30.000 l/dia).

Em Côrte

Reservatório desta localidade (25.000 L.).

Em Alegrete

Hidráulica de Alegrete.

*

* * *

Eis, em resumo, o que foi a organização do S. I. durante as manobras.

Para concluir, devemos salientar que, á **tabela de reação regulamentar**, estabelecida para as tropas em manobras foi acrescentado o seguinte ítem: "Em caso de **déficit** verificado entre o valor da ração de praças e o valor da etapa, êsse **déficit** correrá à conta do Crédito de Manobra".

Pois bem. Cumpre-nos informar aqui, que **ESSE DISPOSITIVO, ESTABELECIDO MAIS COMO PRECAUÇÃO, NÃO FOI ABSOLUTAMENTE UTILIZADO, PORQUANTO NÃO SE VERIFICOU TAL DÉFICIT**. As despesas correram todas dentro dos créditos normais, sendo o Crédito de Manobra, distribuido à Região, exclusivamente empregado de acordo com a sua finalidade, isto é, na montagem da manobra, não tendo havido desperdício de qualquer parcela do mesmo, por menor que fosse.

Nos mínimos detalhes, o resultado geral foi magnífico e cheio de úteis ensinamentos.



LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Pelo 1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

Ten.-Cel. Jonas Correia — ESTUDOS DE PORTUGUÊS —
Biblioteca Militar — 1940.

Cap. Antônio Pereira Lima — A ACENTUAÇÃO GRÁFICA
— 1939.

O momento culminante da filologia nacional foi, sem dúvida, o da "Réplica". A gramática vinha sendo uma coisa despótica, irresistível. Portugal nos remetia lições inapeláveis e abundantes... Podia. Era a terra de Gonçalves Viana, Carolina Michaëlis, Ribeiro de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, J. J. Nunes, Cândido de Figueirêdo. O Brasil recolhia e decorava deslumbrado as bulas de além-mar. Sobretudo a copiosa obra de Cândido de Figueirêdo invadiu e subjugou multidões. A primeira ciência do mundo era a da língua, o primeiro sábio o filólogo de *Lições Práticas* (3 vols.), *O Que Se Não Deve*

Dizer (3 vols.), *Falar e Escrever* (3 vols.), *Estrangeirismos* (2 vols.), *Problemas da Linguagem*, *O Problema da Colocação dos Pronomes*, *Gramática Sintética*, *Novas Reflexões Sobre a Língua Portuguesa*, *Vícios da Linguagem Médica*.

Havia questões profundas e urgentes, ventiladas com a gravidade própria: o hélice ou a hélice, quer ou quere, autópsia ou autopsia, perguntar ou perguntar, dezeseis ou dezaseis, ídolo ou idôlo, míope ou miópe, projétil ou projétal, pégada ou pegada, dar uma queda ou fazer uma queda. E os galicismos? Quem quizesse ser asseiado tinha de estar com o olho aceso enxotando os malditos que se apresentam aos montes: descoberta, emoção, adiar, audacioso, brusco, isolar, comportamento (procedimento), inabalável, nulo (inepto), banal, imediações, sucesso (êxito), assassinato. Um horror! E isto pela cartilha dos moderados. Sen-
do purista de lei não havia como fugir ao venerando “Glossário” de D. Fr. Francisco de S. Luiz, Cardeal Saraiva, e então era varrer mais uma chusma de vocábulos espúrios: acantonar, ativar, afazeres, aguerrido, ambicionar, anedota (nada de pânico, senhores amigos da “anedota”; o caridoso D. Fr. Francisco de S. Luiz assinala a origem impura, mas absolve generosamente a palavra: “Este vocábulo, que parece haver sido tomado imediatamente do francês, ainda que de origem grega, está hoje adotado entre nós pelo uso geral das pessoas doutas”), animosidade, apartamento, apatia, atitude.

Que sobressalto o do escritor! Cercado de perigos, antes reter as idéias do que expedi-las em má gramática. Houve daí um fenômeno curioso — todos se atiravam às questões linguísticas, se apaixonavam, adquiriam cabedais e entravam a opinar, doutrinar, discutir. Veio dessa quadra o florescimento entre nós do equilibrado e erudito Mário Barreto, do seguro e arrojado Heráclito Graça (imaginem! divergiu e enfrenhou em polêmica o ferrabraz Cândido de Figueirêdo), do complicadíssimo e nobre etimologista barão de Ramiz Galvão, do grande João Ribeiro com os “Autores Contemporâneos”, do bravo Laudelino Freire, com a sua “Revista de Língua Portuguesa”, do sensacionalista Assis Cintra, além de outros. É uma história a reconstituir. Eu dou a minha contribuição indicando este título: *A Idade da Gramática*.

Mas a “Réplica” constitue, nesse panorama, uma altitude dominadora, impressionante. Com ela a filologia se engrandece, sobe do chão raso, deixa de ser coisa meuda, sem sentido nem interesse. Rui Barbosa compoz, na verdade, um monumento. Debateu todos os grandes pro-

blemas da linguagem com uma profundidade e uma larguesa desconhecidas. Justamente o que podia ser autoritário, o que podia ditar sentenças, o que podia o que quizesse, este justamente lança uma obra que tanto tem de sólida como de arejada, quasi direi, revolucionária... Pois não, sem paroxo, considero a "Réplica" um tanto revolucionária, no sentido de ter rompido com certas idéias feitas da filologia em voga. Nas suas páginas muita "questão fechada" encontra tratamento liberal, muita intolerância se desmoraliza. Não falta siquer um tabú, perdendo o encanto, pois quasi tôda ela são bordoadas no professor Ernesto Carneiro Ribeiro. Ainda hoje, quem compulse aquelas 600 páginas compactas há-de sentir emoções... No fundo, porém, a "Réplica", vasada no mais estreme vernáculo, alicerçada tôda ela nos mais puros e autorizados modelos portuguêses, repondo em circulação vocábulos, expressões de debates soterrados, representa um poderoso alento, um novo e oportuno esteio em que irá se escorar e resistir muito, ainda, a prodigiosa organização nacional da gramática. Quanta coisa impossível sem a "Réplica" veio a furo, necessariamente, depois dela! Houve um recrudescimento geral e intenso da colonização luso-linguística.

Seria penoso e lento o itinerário da emancipação, inaugurado pelo insensato Alencar...

Em todo caso Rui Barbosa, no dizer de João Ribeiro, foi o "último dos grandes doutores, o último dos grandes clássicos", e depois do insante opulento da "Réplica", amortecidas as suas ressonâncias, consumidos os seus estímulos, começou a ruina definitiva. Os gramáticos foram perdendo o seu reino, acabaram falando sózinhos... Operou-se pacificamente (será? talvez nem tão pacificamente...) uma renovação de valores, e hoje possuímos verdadeiros filólogos, estudiosos sem preconceitos nem arrogância, donos de uma obra inteligente, honesta e útil — Antenor Nascentes, Oiticica, Daltro Santos, Mário Marroquim, Renato Mendonça, Edgar Sanches.

Também vai longe o tempo em que o supremo bom gôsto literário era ler e assimilar os clássicos portuguêses, desde João de Barros, Camões, Duarte Nunes, Fernão Lopes, Rui de Pina, Gil Vicente, Damião de Góes, Amador Arrais, Sá de Miranda, Jacinto Freire, Bernardim Ribeiro, Frei Luiz de Souza, Manuel Bernardes, Vieira, até Herculano, Castilho, Latino Coêlho, Filinto, Garret e Camilo. Os três últimos nem por isso... Garret era dado a liberdades, donde restrições muito sérias ao seu exemplo. Rui aponta-lhe a "complacência e, até, algumas vezes,

desmazêlo", como "eclipses momentâneos do seu gôsto, do seu tino, da sua maestria no falar" ("Réplica", ed. 1904, p. 556). Cândido de Figueirêdo, radical e despótico, nega-lhe qualquer autoridade "em questões de vernaculismo", até se rí de Heráclito Graça que o invocara... Desta mesma assentada justiça exemplarmente o desabusado Camilo, que "acabou por brincar com a língua, fazendo sintaxe à francesa, transigindo com algumas formas de Eça, e subscrevendo, com escândalo dos puristas, uma famosa introdução a um dicionário francês-português!" ("Problema da Linguagem", ed. 1905, p. 23). Quanto a Filinto garante ainda o fogoso filólogo luso que "não perpetrou menos extravagâncias do que Camilo".

Era repleto de caprichosos rigores o convívio dos clássicos... O bom frequentador deles, devia estar prevenido contra certas fraquezas de alguns. Mas quanto aos outros não permitia nenhuma restrição. O que dissessem estava dito, era imitar. E bravos moços liam enternecidos o *Leal Conselheiro*, *Nova Floresta*, *Arte de Furtar*, *Crônicas de D. Pedro I*, *D. Duarte e D. Afonso*, *Luz e Calor*, *Vida do Arcebispo, Eurico, Vieira, Herculano*, Camilo eram padrões de estilo. E que esforço para reproduzi-los!

Parece mentira que ficamos livres da "língua dos doutores" e da tirania dos gramáticos.

O fenômeno tinha raízes profundas. Convenhamos que sob a vaidade de uns, a incompreensão de outros, apenas continuava subterraneamente um processo curioso da nossa formação — a dualidade da língua. Primeiro a dos colonos e a dos nativos, depois a das casas-grandes e a das senzalas, até o antagonismo final "entre o português dos bachareis e doutores, quasi sempre propensos ao purismo, ao preciosismo e ao classissimo, e o português do povo, do ex-escravo, do menino, do alfabeto, do matuto, do sertanejo". (Gilberto Freyre).

Mas a libertação foi total. Os escritores de hoje são homens perfeitamente naturais, servem-se da linguagem da gente, não custa lê-los como não deve custar a eles escrever. Um José Lins do Rêgo exprime-se com tamanha naturalidade que seus romances nos dão a ilusão das coisas íntimas, recordadas ou imaginadas por nós mesmos. Um Gilberto Freyre escreve estudos seríssimos em prosa espontânea, direta, deliciosa, isenta de qualquer solenidade... E assim José Américo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, todos.

linguística, do que “colocar o estudo da língua brasileira do ponto de vista da gramática portuguesa”.

O último argumento a que se grudam os zeladores da nossa perpétua fidelidade ao português de Portugal é o de que ainda não há tempo para isso, como se houvesse prazos certos para a evolução de transformação dos idiomas...

Parece, em todo caso, que entramos na etapa final da nossa emancipação linguística. Já não é heresia falar em “língua brasileira”, nem faz vergonha escrever no Brasil como falam os brasileiros... Nossas soluções filológicas não serão mais, rigorosamente, as adotadas em Portugal...

Com essa reconstituição panorâmica da filologia nacional, procurei fixar o quadro em que vai ser situada a questão ortográfica. Suponho que assim será melhor apreciada nas suas marchas e contra-marchas, exageros, tendências, direitos e importância, até o estado atual, a cujo serviço se põem os livros do ten-cel. Jonas Correia e Cap. Antônio Pereira Lira. E' o que farei na próxima vez.

COMEMORE

as suas datas íntimas

NO GRILL DA URCA

Ambiente de distinção e elegância

Tenho em preparo um estudo sobre a linguagem dos escritores brasileiros, desde Alencar, passando por Alfredo Taunay, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Raul Pompeia, Coêlho Neto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, até os atuais.

Haverá muito o que apreciar numa revista dessas...

E será, seguramente, a melhor forma de documentar uma evolução, cujo sentido emancipador tanto se tem querido negar. Ora, as tendências autonomistas da linguagem brasileira, são por assim dizer, da idade do Brasil. Em 1840 João de Barros, na sua "Gramática da Língua Portuguesa", já se queixava de que os brasileiros "barbarizavam" o idioma. Brício Curioso, um mestre lúcido e seguro, há 75 anos passados fixou o problema com esta surpreendente penetração: "A língua brasileira espelha nas palavras, a alma dos brasileiros e a feição das coisas brasileiras. A sua vernaculidade está mais nisto do que na pureza, correção, propriedade dos térmos, acerto das frases e da construção gramatical". (*Tratado da Língua Vernácula*, p. 19). E ainda se refere à "vernaculidade do nosso neo-português, que é uma vernaculidade própria, especial, ingênita. Muito bem. Agora, em estudo recentíssimo, Edgar Sanches, depois de invocar Leite de Vasconcelos na distinção entre a noção de língua para o glotólogo e o purista, coloca a questão nos mesmos térmos. "O fato de linguagem brasileiro, é tão certo e legítimo como fato de linguagem português, e como o de qualquer outra língua. Se alguns ou muitos desses fatos não são os mesmos que os português, isso não tem aos seus olhos (do glotólogo) nenhum valor negativo. Ao contrário, são os de maior importância. São eles que manifestam a diferenciação da língua entre nós." (*Língua Brasileira* p. 297). Ora, "os antigos gramáticos pretendiam sem cessar, governar ou corrigir a linguagem com o fito de aperfeiçoá-la. Os linguistas atuais a estudam como homens de ciência, observadores imparciais, naturalistas dissecam, analisam e pesquisam as coisas. Todo fenômeno tem a sua razão de ser e merece, tanto quanto os outros, ser estudado; não se trata, nem de louvar, nem de censurar fatos, mas determinar as condições nas quais eles se produzem". (Edgar Sanches -- op. cit. p. 307 — 8) E' o princípio de Dauzat, enunciado na sua "La Philosophie du Langage": "O papel do linguista é registrar os fatos, não apreciá-los, e ainda menos procurar exercer influência sobre eles".

Na observação, Edgar Sanches nada poz mais distante da ciência

Noticiário & Legislação

*Os assuntos tratados nas nossas antigas seções
— de "Noticiário e Variedades"; e
— de "Leis e Decretos",
ficarão, d'ora avante, sob a epígrafe "Noticiário &
Legislação".*

INSTITUTO DOS MILITARES

Os Senhores Major Paulo Rosa Pinho Pessoa e Capitão
toll Nogueira, numa demonstração de espírito público, apre-
sentaram á consideração das altas autoridades militares, um
memorial em que focalizam a questão, por todos os títulos
momentosa, da organização, entre nós, do "Instituto dos Mi-
litares".

O trabalho dêsses dois estudiosos, que, como êles pró-
rios afirmam, visa apenas abrir, no seio de sua classe, os de-
bates em torno duma questão que, de há muito, devera estar
no plano das realizações, não é definitivo. Fornece, contudo,
dados interessantíssimos, hauridos em diversas fontes, atra-
vés da observação percuciente das modernas instituições de
assistência, aparecidas de dez anos a esta parte, por fôrça
da adiantada e sábia legislação social brasileira, que, sofren-
do naturalmente as adaptações necessárias, poderia outorgar
ao Exército os mesmos e reais benefícios propiciados ás classes
trabalhadoras da Nação.

Classe estruturalmente bem definida, fundada na dis-
ciplina e na ordem, ao Exército, mais quiçá que ás outras,
sobra possibilidades orgânicas para constituir, sobre bases
sólidas, um grande "Instituto de Assistência e Previdência"
que, englobando tôdas as que, em franca prosperidade, pos-
sue em vários setores de seu vasto organismo, poderia dar
solução rápida e eficiente a todos os problemas de Ordem
Social peculiares á vida contemporânea.

Sob o aspecto, pois, dum trabalho que objetiva abrir debates em torno dum problema que não pode deixar de interessar fundamentalmente a todos os militares, tanto da ativa como da reserva, o estudo do Major Paulo Rosa e do Capitão Sto. Nogueira, reveste-se de sumo valor e oportunidade e é, deste arte, merecedor dos aplausos calorosos desta Revista, que sempre se fez arauto dos interesses da grande família militar.

Instruções para matrícula na Escola Preparatória de Cadetes em 1941

Art. 1.º — A Escola Preparatória de Cadetes admitirá, mediante concurso de admissão, candidatos ao primeiro ano do curso, civis ou militares.

Art. 2.º — Para a matrícula na Escola Preparatória de Cadetes é preciso que o candidato preencha os seguintes requisitos:

a) ser brasileiro nato, solteiro, e ter no mínimo 15 e no máximo 19 anos (quando matriculado no 3.º ano, poderá ter 20 anos, se civil e 22 se praça) referidos todos êstes limites ao dia 1 de março do ano da matrícula;

b) ter consentimento dos pais ou tutores, para verificar praça;
c) ter antecedentes e predicados pessoais que o recomendem, qualidades que devem ser atestadas quando civil, por dois oficiais da ativa ou do magistério militar ou por autoridade policial e judiciária da localidade onde residir o candidato; para as praças, pelo juizo favorável do Comandante do Corpo ou Chefe do Estabelecimento onde servir.

Art. 3.º — Todos os candidatos efetuarão sua inscrição ao concurso, mediante requerimento apresentado á Secretaria da Escola, entre 1 e 20 de Outubro, acompanhado dos seguintes documentos:

- a) certidão de idade;
- b) ficha individual;
- c) atestado de conduta do último Estabelecimento de ensino que cursou;
- d) atestado de honorabilidade para os civis, ou juizo do comandante ou chefe, para as praças;
- e) atestado de vacina;

- f) consentimento do pai ou do tutor quando civil;
- g) carteira de identidade ou documento equivalente.

Parágrafo único — Não serão aceitos documentos que apresentem emendas, rasuras ou outra qualquer irregularidade, nem documentos discordantes quanto á filiação, naturalidade, nome e idade dos candidatos.

Art. 4.^o — Não serão admitidos os candidatos que, a juízo do comandante, não satisfaçam as condições da letra c do art. 2.^o, nem os que tenham tido o despacho: “Arquive-se” em seus requerimentos, incapacitados definitivamente no exame de saúde, quando candidatos ao Curso Fundamental á Escola Militar, ou julgados inidôneos.

CONCURSO DE ADMISSÃO

Art. 5.^o — O concurso de admissão constará de:

- a) exame médico;
- b) exame intelectual.

EXAME MÉDICO

Art. 6.^o — O exame médico será feito por uma Junta constituída por três médicos e um dentista, do serviço de saúde da Escola.

Art. 7.^o — A Junta Médica procederá ao exame de saúde de acordo com as disposições em vigor para o exame médico dos candidatos á matrícula no Curso Fundamental á Escola Militar e dará seu parecer, sob a forma “apto” ou “inapto”, para a matrícula na Escola Preparatória de Cadetes.

EXAME INTELECTUAL

Art. 8.^o — O exame intelectual constará das seguintes provas escritas para admissão dos candidatos á Escola:

1.^a prova: *Português*: Composição alusiva a um tema simples, e análise léxica e sintáctica, de um período. *Francês*: Tradução de um trecho de 10 linhas.

2.^a prova: *Matemática*: três questões práticas.

3.^a prova: *Geografia Geral e História do Brasil*: duas questões.

4.^a prova: *Noções de Ciências Físicas e Naturais*: duas questões.

Parágrafo único — Os programas serão correspondentes ás duas primeiras séries do Curso Secundário Fundamental do Colégio Pedro II.

Art. 9.^º — Será considerado reprovado todo o candidato que:

- a) obtiver gráu inferior a três (3) em qualquer das provas;
- b) desrespeitar qualquer determinação das Comissões encarregadas da fiscalização das provas;
- c) obtiver gráu de admissão inferior a quatro (4).

Parágrafo único — O gráu de admissão será a média aritmética dos gráus obtidos em cada prova

Art. 10 — O exame intelectual se realizará em dias da segunda quinzena de Janeiro, determinados pelo comandante.

Art. 11 — Os candidatos aceitos a concurso de admissão e não residentes na 3.^a Região Militar serão submetidos ao exame médico e ao exame intelectual nas sedes do Q. G. das Regiões a que pertençam.

Parágrafo único — As questões formuladas pelo programa referido no parágrafo único do art. 8.^º, serão organizadas por uma comissão de três professores da Escola Preparatória de Cadetes, designada pelo respetivo comandante e remetidas em sobre cartas lacradas, por Correio Aéreo aos comandantes das Regiões, os quais nomearão uma Comissão Fiscalizadora, constituída por três membros, dos quais um oficial superior.

Art. 12 — Terminados os exames, as provas serão remetidas em sobre cartas lacradas para a Escola Preparatória de Cadetes, onde, comissões integradas por professores e nomeadas pelo comandante, procederão ao julgamento.

Art. 13 — O Ministro da Guerra fixará anualmente o número de vagas para a Escola Preparatória de Cadetes, mediante proposta da Inspeção Geral do Ensino do Exército.

Art. 14 — Do número de vagas fixadas, 50% destinam-se ás praças e as outras aos civís.

Parágrafo único — Se a percentagem destinada ás praças não fôr atingida, as vagas que excederem reverterão em benefício dos civís e vice-versa.

Art. 15 — A matrícula será feita obedecendo-se á rigorosa classificação intelectual, dentro de cada categoria de concorrentes.

Art. 16 — O comandante da Escola, além do que dispõe o art. 4.^º, poderá eliminar o candidato que a seu critério não mereça pertencer ao quadro de oficiais do Exército.

Art. 17 — A juizo do ministro, poderão ser matriculados no 3.º ano as praças e civis que possuirem o Curso Ginásial completo, satisfeitas as exigências do exame médico para admissão á Escola.

O número de alunos assim admitidos será o das vagas restantes, após o preenchimento das que se destinaram aos candidatos ao 1.º ano.

Parágrafo único — As disciplinas obrigatórias no 3.º ano, nesse caso são: *Geografia e História do Brasil; Matemática, Português e Desenho.*

EXAME MÉDICO

O exame médico é feito por junta médica, constituída de três facultativos e um dentista da Formação Sanitária da Escola, designados pelo comandante.

As juntas médicas procederão ao respectivo exame de acôrdo com as Instruções Reguladoras das Inspecções de Saúde e das Juntas Militares de Saúde, aprovadas por portaria n. 12 de 28 de Janeiro de 1937, salvo no que fôr aqui modificado. Darão seu parecer sob a forma: "Apto" ou "inapto" para a matrícula na Escola Preparatória de Cadetes. Quando fôr o caso, as juntas poderão pedir, em relação a certos candidatos, o parecer de médicos militares especialistas.

A seleção médica visa eliminar os candidatos que:

1.º — Sejam incapazes fisicamente, no que se refere ás doenças, afecções e sindromes que motivam a isenção definitiva, baixa ou reforma do Exército;

2.º — Apresentem:

a) acuidade visual inferior a $\frac{1}{2}$ para cada olho, desde que a correção com os vidros atinja $V=1$ (quando a visão com um olho fôr igual a 1 será tolerada a visão igual a $\frac{1}{3}$ para o outro olho, caso a correção com o vidro atinja $V=1$);

b) acuidade auditiva normal para ambos os lados;

c) menos de vinte dentes naturais, entre êsses, seis (6) molares opostos dois a dois e que não sejam do mesmo lado, devendo qualquer cária estar obturada.

Os molares poderão não ser opostos, em casos excepcionais e a critério da Junta, desde que esta falta não ocasione perturbação mórbida e coincida com a existência de bons elementos (indicadores de apreciável desenvolvimento físico) contidos na ficha de exame médico;

- d) piorréia alveolar;
- e) altura inferior a 1m,60;
- f) qualquer indício de tuberculose;
- g) perímetro toráxico inferior a 74 centímetros;
- h) peso não correspondente á altura.

Esses dois últimos índices "g" e "h" não devem por si sós constituir elementos decisivos de exame e sim de reparo no conjunto do exame feito.

O candidato julgado inapto no exame médico, só poderá concorrer a nova matrícula no ano seguinte. — *Gen. Eurico Dutra.*

MODELO PARA O REQUERIMENTO PEDINDO MATRÍCULA NA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES

PARA CIVIS E PRAÇAS

Ilmo. Sr. Cel. Comandante da Escola Preparatória de Cadetes
(8 linhas em branco)

Fulano de tal (civil ou praça do Exército), brasileiro nato, solteiro, nascido em (lugar do nascimento), a (dia, mês e ano do nascimento), desejando ingressar no curso dessa Escola, vem requerer a sua inscrição no concurso de admissão.

- 1) certidão de idade, verbum ad verbum;
- 2) atestado de vacina;
- 3) carteira de identidade;
- 4) uma fotografia tipo carteira de identidade;
- 5) licença para assentar praça;
- 6) atestado de boa conduta anterior;
- 7) atestado de honorabilidade;
- 8) ficha individual rigorosamente de acordo com o modelo.

Observações

- a) Todos os documentos anexados ao presente requerimento devem conter, além de outros sêlos a que forem obrigados, mais uma estampilha federal de 1\$000 e uma de \$200 de Educação e Saúde, inutilizadas com a data e a assinatura do candidato.

- b) As assinaturas de todos os documentos anexados ao requerimento deverão ser reconhecidas.
- c) O documento de n. 5 só é exigido para os civis menores;
- d) O documento n. 6 deverá ser passado pelo Delegado de Polícia, e o de n. 7 pelo Juiz da localidade em que residir o candidato. Este último poderá ser passado por dois oficiais do Exército e da ativa.
- e) Para as praças os documentos de ns. 6 e 7 serão substituídos pelo Juizo do Comandante da unidade do candidato.
- f) Os diversos documentos deverão ser numerados na ordem em que estão relacionados e grampeados dentro da folha do requerimento.
- g) Só serão inscritos os candidatos que apresentarem junto com o requerimento todos os documentos nele exigidos e relacionados.

MODÉLO DE LICENÇA PARA VERIFICAÇÃO DE PRAÇA

(8 linhas em branco)

Fulano de tal, residente á rua tal n. tal, em tal cidade, pai ou tutor de fulano de tal, dá seu consentimento para que o mesmo verifique praça no Exército Nacional, para o fim de matricular-se na Escola Preparatória de Cadetes.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES

Ficha individual

Nome do candidato (por extenso)

Lugar do nascimento

Lugares em que residiu (a partir de 10 anos de idade)

.....
.....

Profissões exercidas

Religião

Última série frequentada em curso ginásial

Tem pai vivo ?

Nome do pai (por extenso)

Lugar do nascimento

Profissão	
Residência	
Nacionalidade	
Religião	
Estado civil	
 Tem mãe viva ?	
Nome da mãe (por extenso)	
Lugar do nascimento	
Profissão	
Residência	
Nacionalidade	
Religião	
Estado civil	
 Nome do tutor (por extenso)	
Lugar do nascimento	
Profissão	
Residência	
Nacionalidade	
Religião	
Estado civil	

Pôrto Alegre, de de 19....

(Assinatura do candidato)

LIVROS INDICADOS PARA O EXAME DE ADMISSÃO

Português — Antologia Nacional. Gramática — Maximino Maciel.

Francês — Francês pelo método direto (2.^o ano) por um grupo de professores do Colégio Pedro II.

História do Brasil — Pequena história da Civilização Brasileira — Pedro Calmon. Epítome de História do Brasil — Jônatas Serrano.

Geografia — Geografia geral de Veiga Cabral — 1.^a e 2.^a Séries.

Matemática — Thiré e Melo e Sousa (1.^a e 2.^a Séries) — Exercícios de matemática — Thiré (1.^a e 2.^a séries).

Ciências físicas e naturais — Mário Facini (1.^a e 2.^a séries).

ESTAMPARIA
1924



"CARAVELLAS"
1939

O. R. MÜLLER & CIA. LTDA. - S. PAULO

RUA CARAVELLAS N. 26 - CAIXA POSTAL, 1155

TEL.: 7.2542

BISNAGAS PARA DENTIFRICIOS DE:
ALUMINIO
ESTANHO
CHUMBO

CHUMBO ESTANHADO

LAMINAÇÃO DE ALUMINIO "ALCADUR"
PAPEIS DE ALUMINIO PARA CHOCOLATES.
BONBONS, CIGARROS, ETC.

CAPSULAS DE ALUMINIO PARA GARRAFAS
PATENTE ALU-VIN

FORNECEORES DOS MAIORES LABORATORIOS DO PAIZ



X JOHANN FABER



**BONS LAPIS —
RACIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO**

para consegui-la, JOHANN FABER
fabrica um lapis para cada uso

LOTUS — para cópias

ZEDER — para "ticar" e sublinhar

1205 — para uso comum

Os bons lapis levam a marca X (Dois
Martelos) e JOHANN FABER

Lapis JOHANN FABER Ltda.

Caixa Postal, 3100 — São Paulo

Companhia Itaquerê

Uzina Itaquerê

*Municipio de Tabatinga
Estado de S. Paulo*

Produção em 1939 :— 81.851 saccos.

Alcool 477.000 litros.

Fuzel Oil 800 litros.

**Rua da Quitanda, 96
8.º andar**

SÃO PAULO

FABRICA RIO GUAHYBA

FIAÇÃO E TECELAGEM (Suc. de F. G. BIER)

RUA STOCK N. 19 — Cx. Post. 282

PORTO ALEGRE — R. G. do Sul

FIAÇÃO e TECELAGEM de LÃ



Fabríca todos os artigos
de lã, cardada, ou pen-
tead'a, proprios para
uniformes de officiais e
praças, ou outros usos
militares:

**Flanelas-Gabardines
Lãs - Casemiras.**

Materiais de primeira qualidade

Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

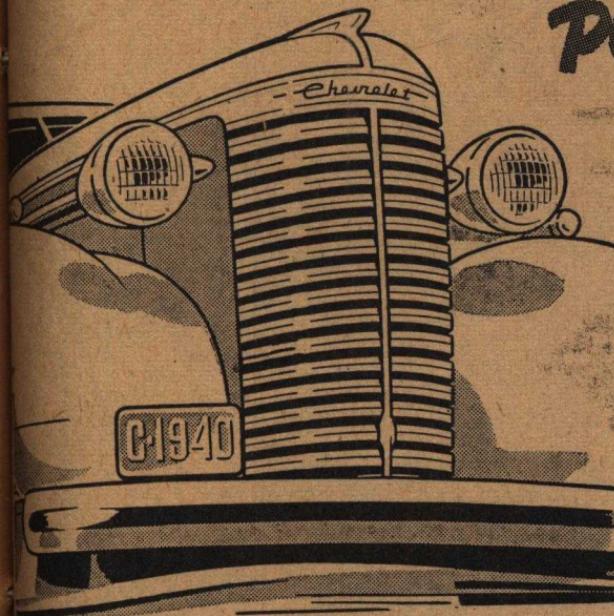
Anuario Militar do Brasil 1939	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1935	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1936	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1937	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1938	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para Oficiais)	21\$000
Aspéritos Geográficos Sul-Americanos - Ten-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes	16\$000
A.C.P. (blocos para o)	3\$000
Boletim n.º 1 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Cadernetas de ordens e partes	9\$000
Cadernetas de ordem e partes (blocos para)	3\$000
Caderneta do Comandante	1\$500
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn	8\$000
Caxias (Eudoro Berlink)	20\$000
Caxias (Biblioteca Militar)	21\$000
Coletanea de Leis e Decretos de 1544 a 1938 — Maj Bento Lisboa	13\$000
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Dispersão do Tiro — Ten-Cel. A. Morgado da Hora	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho	2\$500
Ensaio sobre Instrução Militar — Cmt. Brallion — Tradução dos Caps. Garcia e Salm	13\$000
Elogio de Caxias	2\$500
Escola do Pelotão — Ten-Cel. Araripe	13\$000
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha	13\$000
Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Ayres e Brasil — Trad. do Gal. Klinger	13\$000
Bandeira do Brasil — Ten.Janary Gentil Nunes	11\$0000
Funcionamento dos Serviços no Ambito do R. I. — Maj. Mattos	5\$000
Fichario para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16\$000
Formulario do Contador — Cap. José Salles	5\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940 .	13\$000
Historia da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso	60\$000
Historia Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Indicador Paranhos de 1936	6\$000
Indicador Paranhos de 1937	6\$000
Indicador Paranhos de 1938	6\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	3\$000
Instrução de Transmissões — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo .	11\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	11\$000
Lições de Biometria Aplicada — Cap. Dr. Sette Ramalho .	32\$000
Um Período de Recrutas — Cap. Salm Miranda	6\$500

Observação — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Postal
de Reembolso.

HA 7 ANNOS

— é o Caminhão N.^o 1 do Brasil!

PORQUE?



PERGUNTE A QUEM
POSSUE UM!

Tambem em 1940, como nos ultimos 7 annos, Chevrolet é o caminhão mais popular do Brasil! E se a maioria prefere o Chevrolet a qualquer outro, isto quer dizer que o Chevrolet é, de facto, o melhor negocio em matéria de caminhões. Pergunte a qualquer proprietario de caminhão Chevrolet e elle lhe dirá que o Chevrolet gasta menos em oleo e gasolina, e menos em concertos; que dura mais e que apresenta, todos os annos, mais aperfeiçoamentos importantes! Faça como a maioria dos transportadores — prefira o Chevrolet. E para aumentar os seus lucros, mande colocar no seu chassis Chevrolet uma carroseria feita na propria fabrica da General Motors!

CAMINHÃO CHEVROLET

É UM PRODUCTO DA GENERAL MOTORS

Agentes nas Principaes Cidades do Brasil

UM FEITO PARA O OUTRO

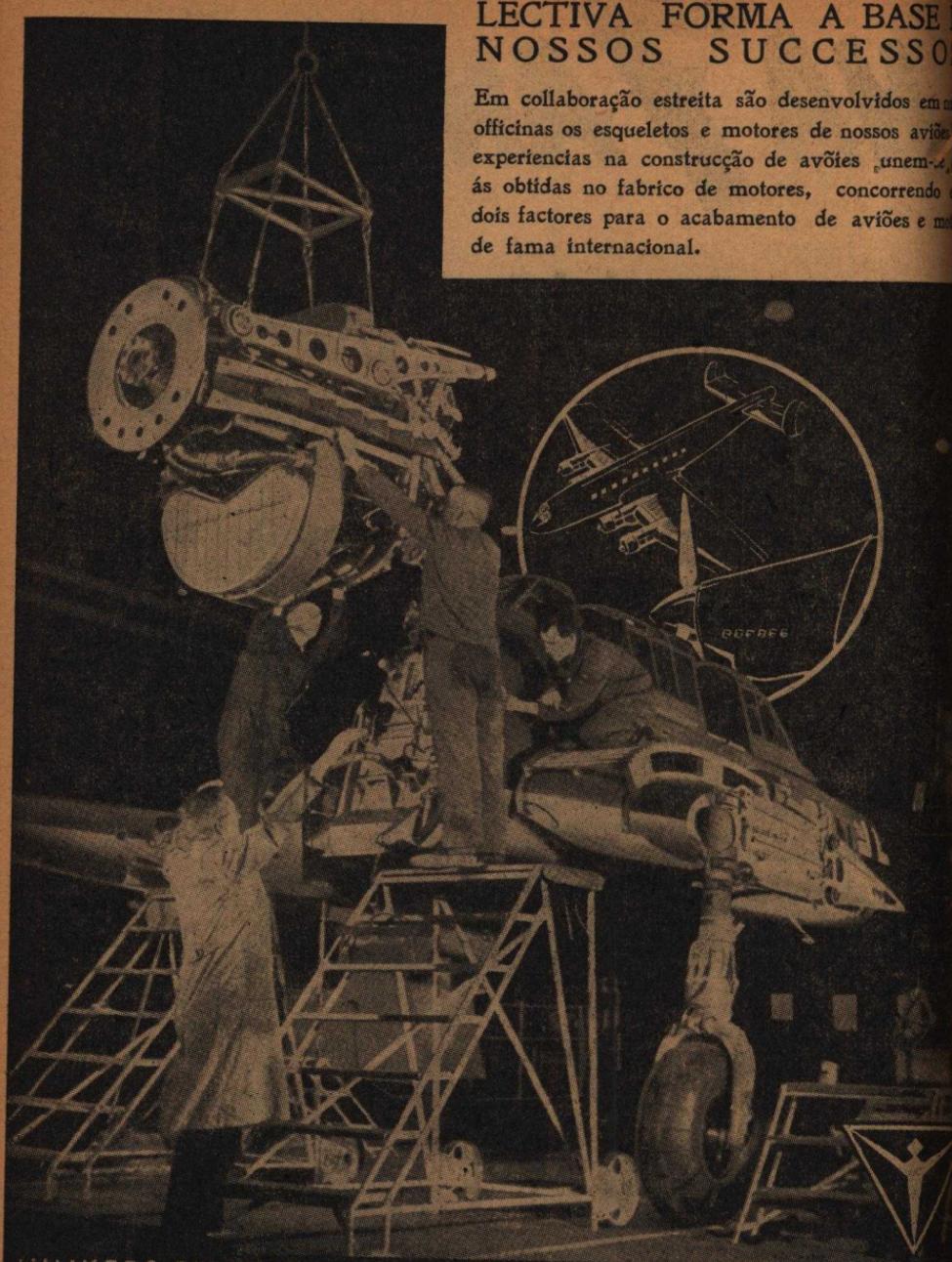


O chassis Chevrolet e a carroseria feita na propria fabrica da General Motors formam uma combinacão sem par que permite ao Sr. obter o maximo do seu caminhão Chevrolet.

O TRABALHO RESPONSÁVEL EM COOPERAÇÃO

LECTIVA FORMA A BASE
NOSSOS SUCCESSO

Em colaboração estreita são desenvolvidos em nossas oficinas os esqueletos e motores de nossos aviões, baseados nas experiências na construção de aviões "unem" que foram obtidas no fabrico de motores, concorrendo assim com os dois factores para o acabamento de aviões e motores de fama internacional.



JUNKERS FLUGZEUG- UND -MOTORENWERKE A.-G. DESSAU

Representante geral no Brasil: H. LANGE & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro — RUA MEXICO, 90, - 6.º andar
End. Teleg. AGALA — Telephone: 22-7427 -

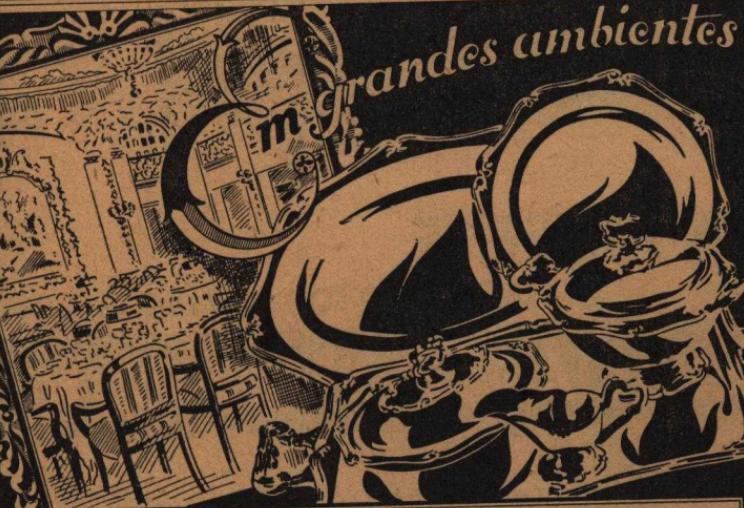


GILLETTE AZUL
a melhor lâmina
até hoje fabricada

Gillette

Gillette

C-10



BAIXELAS

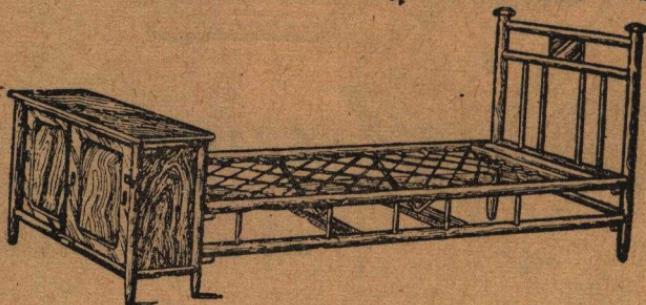
Fracança

TALHERES

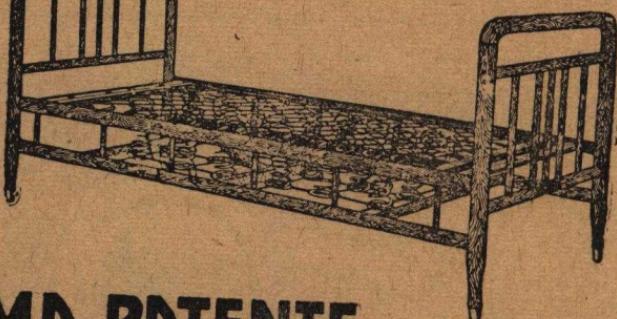
ROSANIS

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES !

PARA o SEU QUARTEL ...



OU SUA RESIDENCIA ...



CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa aqui!*

L.LISCIO & CIA.



CAMA PATENTE

S. Paulo — Rua Rodolfo Miranda, 76 — P. Alegre — R. dos Andradas, 1025

Rio — Rua Figueira de Melo, 307 — S. Christovam

Bahia — Praça Tupinambá, 3.

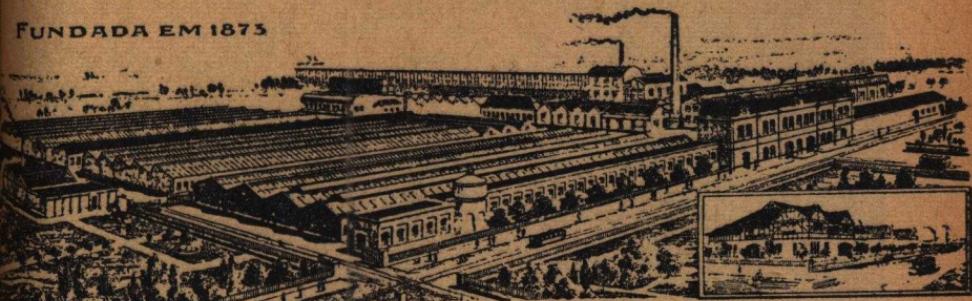
Recife — Rua Dr. José Mariano, 228.

Belo Horizonte — Rua Espírito Santo, 310.

Pelotas = Rua 15 de Novembro, 38.

Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794.

FUNDADA EM 1875



Companhia União Fabril

Succ. de Rheingantz & Co.

Tecidos de lã, lã para bordar, Tapetes, Acolchoados, e Chapéus

Fornecedores do Exercito e da Marinha, há mais de 50
anos, de: Mantas, Sarjas, Panos, Cobertores, Flanelas e
Capacetes

Endereço telegrafico
FABRICAS

Rio Grande
Rio Grande do Sul
Brasil



S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

Fundada em 1881

INDUSTRIA — COMMERCI — NAVEGAÇÃO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Casa Matriz: S. Paulo (Brasil) - Caixa Postal, 86 - Tel. Matarazzo

Filiaes no Brasil: Rio de Janeiro — Santos — Curityba — Antonina — Jaguariahyva — Marcellino Ramos — João Pessoa — Natal — Fortaleza — São Luiz do Maranhão.

Agencias no Brasil: Recife — Manáos — Belém — Parahyba — Mossoró — Aracaju' — Bahia — Ilhéos — Maceió — Victoria — Florianopolis — Joinville — Blumenau — Porto Alegre — Rio Grande — Pelotas.

Agentes no Extrangeiro: Buenos Aires — Genova — Milão — Napolis — Paris — Londres — Hamburgo — Trondhjem — New York — Copenhague e Antuerpia.

Secção Bancaria: Correspondente Official do "Banco di Napoli" e do "Regio Tesoro Italiano".

AGENTE de: Industrias Matarazzo no Paraná.

Sociedade Paulista de Navegação Matarazzo Ltd.

Sociedade Agricola Fazenda Amalia.

Thermas de Lindoya.

S/A Les Perfumes de Chimene.

Banco do Estado de São Paulo

(O BANCO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO)

COMPARAÇÕES DE ALGUMAS CONTAS DE BALANCETE DE
30-9-1927 E 31-12-1939

Contas	30-9-1927	31-12-1939
Depositos em C/Corrente	33.651:857\$209	503.421:949\$530
Depositos a Prazo Fixo	248.563:731\$140	554.638:097\$700
Titulos em Cobrança	17.261:441\$840	69.970:411\$050
Titulos Descontados	52.308:726\$565	340.420:405\$885
Valores Caucionados	93.412:613\$700	404.630:442\$795
Reservas	8.857:561\$566	166.707:160\$313

Faz toda e qualquer operação bancaria

TAXAS PARA CONTAS DE DEPOSITO

C/C. Movimento.	Juros .. 2 %
C/C. Limitadas.	" .. 3 %
Prazo Fixo — 3 meses	" .. 3 1/2 %
Prazo Fixo — 6 meses	" .. 4 %

(A prazos maiores — juros a combinar)

AGENCIAS:

Araçatuba — Avaré — Baurú — Brás (Capital) — Caçapava —
Campinas — Campo Grande (Est. de Mato Grosso) — Catanduva
— Franca — Limeira — Marilia — Mirassol — Novo Horizonte —
Santo Anastacio — Santos.



SOCIEDADE COLONIZADORA DO BRASIL LTD.

VENDEM-SE LOTE

Linhos Sorocabana, Noroeste e Norte-Paraná

Installações Industriais:

Fábricas: Beneficiamentos de algodão, café, arroz e farinha. Serrarias e Oficinas.

Usinas: Geradoras de electricidade, esucar e álcool.

Instalações de Utilidade Pública no Patrimônio: Delegacia de Polícia, Fuz e

Cartório de Paz, Agência do Correio, Igrejas Católicas, Hospitais e

Serviço telephonico.

CASA BANCARIA BRATAC

de CARLOS Y. KATO

Depósito de conta corrente movimento 4%
Depósito de Prazo Fixo 6%

JUROS AO ANNO: Depósito de conta corrente movimento 4%
Depósito de Prazo Fixo 6%

Casa Matriz: Rua Annita Garibaldi, 217 — S. Paulo — Caixa Postal, 2975 — Telephones 2-3121 e 2-3122
Av. 10 de Novembro, 66-C — Caixa Postal, 248 — Telephone, 389 — MARILIA

Filiais: Rua Joaquim Nabuco, 34 — Caixa Postal, 267 — Telephone, 167 — ARAÇATUBA
Faz. BASTOS — Est. Rancharia — L. Sorocabana

Faz. TIETÉ — Est. Lussanvira — L. Noroeste

CASA BRATAC

Importação e Exportação dos Productos Estrangeiros e Nacionaes

Casa Matriz — Rua Annita Garibaldi, 219 — São Paulo — Caixa Postal, 21 — Telephone 2-1145

Succursais: Rio de Janeiro — Santos — Marilia — Araçatuba — Ourinhos — Porto Alegre — Lavras (E. Rio O. do Sul)
Tibagy (Est. do Paraná) — Corumbá (E. Matto Grosso) — Carangola (E. Minas Geraes) — Ribeirão Preto

— RUA ANNITA GARIBALDI N. 217 — SÃO PAULO —

Electro-Aço Altona Limitada

Fundição electrica de ferro e aço - Fabrīca de maquinas e ferramentas

Material Ferroviario.

Bigornas.

Tornos para ferreiro.

Tornos para mechanico paralelos fixos e giratorios.

Picaretas.

Martellos e merretas.

End. Telegr: ELAÇO — Caixa Postal, 30

BLUMENAU

Santa Catarina

FABRICA DE ARTEFACTOS DE FERRO "VIAT"

Fundada em 1925

Fabricação de Pás com cabo e sem cabo, de todos os typos. Frigideiras.
Preparados para fornecerem a Directoria de Engenharia do Exercito.

STAEDELE & CIA.

Rua Itoupava do Norte

BLUMENAU

Santa Catarina

Empresa industrial Garcia

Fiação — Tecelagem — Tinturaria — Roupões de banho — Toalhas
felpudas — Grande sortimento de atoathados e guarnições de mesa.
Oficina de Mecanica — Fundição — Marcenaria — Serraria — Sinos
de bronze — Fabrīca de maquinas.

BLUMENAU

SANTA CATARINA

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.**

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatario sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importancia á agencia postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO correrão por conta da Biblioteca sendo incluidos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos na ficha para esse fim destinada.

BIBLIOTECA
LITERATURA

P E D I D O

À Biblioteca de A Defesa Nacional

Caixa Postal 1602 - Rio de Janeiro



Em / /

*Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram
enviar-me os seguintes livros:*

Name

Unidade (ou rua)

Cidade

Estado

AS MELHORES
MATERIAS PRIMAS

OS MAIS MODERNOS
MÉTODOS DE FIAÇÃO,
TECELAGEM E ACABA-
MENTO DOS TECIDOS.

CÓRTE ESMERADO.

CAPRICHO NA CON-
FEÇÃO DAS ROUPAS.

PREÇOS BAIXOS.

SÃO CARACTERISTICOS
DAS CONFECÇÕES

RENNER



Officina Mechanica

Construções de Machinas

SERRALHERIA
GRADES - JANELLAS
PORTÕES - TANQUES
GUINDASTES - ETC.

LINDAU & CIA.

Informações technicas e esboços gratuitamente

Rua Leopoldo Fróes - 86 - Caixa Postal 382

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

PARQUE BALNEARIO HOTEL

Casino e Restaurante com ar condicionado.

O MAIOR E MAIS LUXUOSO DE SANTOS

Tornos Revolvers e mechanicos
Binoculos, Microscopios
FIOS DE LÃ PARA TECELAGEM

Ando & Cia. Ltda.

Representações

Rua Boa Vista, 15 - 4.^o andar

Phone 2-7388 — Caixa Postal 2880

End. Tel. ANDO — SÃO PAULO

AGENTES NO RIO

K. SAWAMURA

Rua General Camara, 104 Sobr.

Phone 43-0484 — Caixa Postal 1004

FREZAS

Todos os typos
e tamanhos



Caixa Postal 1094

ALM & HEINRITZ
SÃO PAULO

ALARGADORES
COSSINETES
MACHOS

ARTIGOS NACIONAIS QUE SUBSTITUEM EM QUALIDADE OS EXTRANGEIROS

Medalha de Ouro Torino, 1911 — Grande Premio Rio de Janeiro, 1922
Grande Premio Rosario de Santa Fé, 1926

Endereço Teleg.: - "FRANBA"

Códigos :

Ribeiro - A. B. C. 5th - A. Z.

SOCIEDADE

Capital Rs.

AGENCIAS :

Rio de Janeiro, Minas Geraes,
Paraná, Rio Grande do Sul,
Bahia, Pernambuco e Pará.



PHONES 5 { 2174
2175
2176

ANONYMA

10.000.000\$000

SÃO PAULO

Caixa Postal, 2 J

AV. Água Branca, 2.000

Carneiras, pelicas, mestiços, vaquetas, bezerros, chromo, buffalo, porco, solas, rascas, verniz, etc.

Fernando Hackradt & Cia.

São Paulo
Rua Lib. Badaró, 314
Caixa Postal 948
Tel.: 3-3176

Rio de Janeiro
Rua São Pedro, 45
Caixa Postal 1633
Tel.: 23-2940

ADUBOS CHIMICOS E ORGANICOS

A CASA MAIS ANTIGA NO RAMO

Empreza Força e Luz Santa Catharina S. A.

Fornecedora de Energia Eléctrica aos seguintes Municípios do Estado:

Itajaí — Gaspar — Brusque — Blumenau — Indaiatuba
— Rodeio — Harmonia — Rio do Sul.

Caixa Postal, 27

BLUMENAU

Santa Catharina

CORNETA LTDA.

FABRICA DE CUTELARIA

Canivetes, Facas, Foices para sapadores, Facões, etc.

RUA TURIASSÚ, 306

End. Tel. "Corneta" - Teleph. 5-5099 - Caixa Postal 1963

SÃO PAULO

CORTUME "RIO BRANCO"

- DE -

A. JAEGER

NOVO HAMBURGO — Rio Grande do Sul

CORTUME: — DEPÓSITO E ESCRITÓRIO:

Rua Joaquim Nabuco

Rua Lima e Silva, 12/14

Endereço Telegr.: "PORCOURO"

TELEFONE 52

Couros em geral — Materiais para cortume

— ESPECIALISTAS EM COUROS DE PORCO NATURAL E TINTOS —

ESTABELECIMENTO MECHANICO INDUSTRIAL

- DE -

CYPRIANO MICHELETTO & IRMÃO

Fabricantes de machinas em geral, Taes como : Tornos pararellos, Tornos revolveres semi automaticos e automaticos, Machinas de furar radial. Prensas excentricas e outras por desenho. Fabricam-se quaesquer peças para automoveis ou machinas.

F A B R I C A

Parafusos de fenda para madeira de ferro e latão, Nickelados e Latonados. Parafusos typo fogão, Rosca "Whithworth" e porcas. Rebites de ferro, Latão, Alluminio e Cobre, de todas as especies.

Rua Dr. Sarmento Leite N. 673

(Ex-1.º DE MARÇO) — TEL. 5287
PORTO ALEGRE

PROCURAI A MARCA MITTO QUE A ENCONTRAREIS EM QUALQUER PARTE DO BRASIL

Hercules Ltda.
PORTO ALEGRE
CAIXA POSTAL 8 - END. TEL. "Hercules."

FABRICA DE TALHERES
de ALPACA POLIDA
ALPACA PRATEADA
AÇO INOXIDAVEL

da marca

Hercules

FABRICA DE CALÇADOS
"SUL RIO GRANDENSE"

ADAMS
E CORTUME "HAMBURGUEZ"

ADAMS & CIA.

Importação directa de Couros e outros Materiais estrangeiros.

MANUFATORA DE COUROS

Calçados, Caronas, Perneiras, Assentos de
Cadeiras, Chinellos, Tamancos, Artigos para
Viagem, Malas, Bahús etc.

NOVO HAMBURGO — RIO GRANDE DO SUL

Metalurgica e Munições

DE AMADEO ROSSI

FERRAGENS PARA ARREIOS CIVIL E MILITAR - SECÇÃO DE ARMAS E MUNIÇÕES EM GERAL

Fabricação em grande escala de artefatos de ferro, aço e metal em geral para arreioamento de montaria civil e militar. Espoletas para espingardas de caça de todos os tipos usados no País. Espingardas Fogo Central e de Ouvido. Granadas de mão. Detonadores para morteiro "Brandt". Masearas contra gases asfixiantes etc.

SÃO LEOPOLDO — Rio Grande do Sul — Brasil

W. S. CREMER S. A.

Blumenau — Santa Catharina = Caixa Postal, 80

Primeira fábrica de gases medicinais da América do Sul

Fornecedor às classes armadas nacionais. - Modernamente aparelhada para satisfazer o consumo do País e do continente. - Fabricante de toda classe de material de penso para a medicina, cirurgia e ortopédia.

GAZES HIDROFILAS - GAZES IMPREGNADAS - ATADURAS

Premiada com medalhas e diploma — Menções honrosas em diversos congressos Brasileiros.

GAZOLA, TRAVI & CIA.

Caxias - R. G. do Sul - Rua Julio Castilhos, 1360

Endereço Telegr. "GAZOLA" Caixa Postal 40

GRANDE CUTELARIA

Capsulas de estanho para Garrafas

Distribuição das Espoletas para Caça marca "Vulcano"

Artefatos de metal e aços para diversos usos

F U M E M
C O M
P R A Z E R
O S
D E L I C I O S O S
C H A R U T O S

P O O C k

COMPANHIA CHIMICA

Rhodia Brasileira

Santo André — Estado de S. Paulo

Productos Chimicos

Industriaes e Pharmaceuticos. Productos
para Photographia, Ceramica,
Laboratorios, etc.

ESPECIALIDADES

PHARMACEUTICAS



Agente Exclusiva no Brasil da

Société des Usines Chimiques

Rhône — Poulenc — Paris

Companhia Federal de Fundição

Fabricação de apparelhos e reftoras para a industria chimica, em aluminio ou ferro fundido, com ligas especiaes para resistir aos acidos ou a altas temperaturas.

Officina e Escriptorio:

Rua Nery Pinheiro — Caixa Postal 47

Tel. 22-8847 — End. Teleg. "FUNDERAL"

RIO DE JANEIRO

Société de Sucreries Brésiliennes



USINAS DE AÇUCAR E ALCOOL

Fabrica de Casimiras Kowarick

F. KOWARICK & C.

GRANDE PREMIO NAS EXPOSICOES NACIONAIS DE 1908 E 1922

Fabrica na Estação de Santo André
(EST. DE SÃO PAULO)

Escriptorio : S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.^o

Caixa do Correio, 66 — Telephone : 2-1776

Endereço Telegraphico: BERKO

CODIGOS: A. B. C. 5.^a e 6.^a EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOTE

**Panos Militares para Officiaes
de qualquer typo**

Companhia Hering

Fabrica de Tecidos de Meia

Caixa Postal, 2

BLUMENAU

SANTA CATARINA — BRASIL

Banco Agricola e Commercial de Blumenau

MATRIZ EM BLUMENAU

Succursaes em Joinville-Jaraguá-Harmonia — Agencia em Mafra

Banco de Depositos — Descontos e Emprestimos

Capital e Reservas. Rs: 1.800.000\$000

Depositos e saldos em c/corrente . . . Rs: 20.000.000\$000

Abona juros ás taxas de 2%, 4%, 4½%, 5%, e 6%, ao anno, capitalizados semestralmente. Aceita cobranças sobre todas as principaes praças do País, mediante comissões modicas.

Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas

SOCIEDADE ANONYMA
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO

Séde: SÃO PAULO
CAIXA POSTAL 193
RUA PIRATININGA, 169
(ANTIGO 13)
TELEPHONE 3-2141

Filial: RIO DE JANEIRO
RUA PEDRO 1.^o N. 33
TELEPHONES
22-7673—74—75



Desafiando chuvas e ventos

Marchemos sem receio
por montes e vales, ao
vento e à chuva, plena-
mente confiados no

PEITORAL DE ANGICO PELO TENSE
o remedio maravilhoso para os resfriados, foses, bronquites e rouquidões
Encontra-se em todo o Brasil

Companhia Kuehnrich S. A.

Fábrica de Tecidos — Tinturaria — Camisaria — Fábrica de:
Atoalhados — Cortinados — Etamines — Camisas — etc.
Cores "Indanthren"

Caixa Postal, 59

BLUMENAU

Santa Catarina

ITOUPAUVA-NORTE

Brasil



LIFEBOUY
SABONETE DE SAUDE

ASSEGURE O SEU
"ASSEIO CORPORAL" COM
LIFEBOUY

SABONETE DE SAUDE

LHS06-0192

Wallig & Cia. Ltda.

Porto Alegre — Rio Grande do Sul

Fabricantes de fogões, camas de ferro e
pregos das afamadas marcas :



MARCAS
REGISTRADAS



ESPECIALISTAS DE INSTALAÇÕES DE CO-
SINHA À COMBUSTIVEL ÓLEO, LENHA,
CARVÃO, GÁS E VAPOR.

Fornecedores do Exercito e da Marinha.

AGENTES AUTORIZADOS JUNTO AOS
MINISTERIOS DA GUERRA E DA MARINHA:

Companhia Instaladora Casa Berta Ltda.

Rio de Janeiro - Rua Uruguaiana, 141

FILIAL EM SÃO PAULO:

RUA FLORENCIO DE ABREU, 10

ELEKEIROZ S. A.

ESCRITORIO CENTRAL

Rua São Bento, 503 - SÃO PAULO

FABRICAS

em São Paulo: R. Boraceia, 2 e em VARZEA.

INSECTICIDAS E FUNGICIDAS

Aphicida "JUPITER"

Arsenato de aluminio "JUPITER" (em pó e em pasta).

Arsenico Branco.

Arsenato de Calcio "JUPITER" (em pó).

Arsenato de Chumbo "JUPITER" (em pó e em pasta).

Bisulfureto de Carbono "JUPITER".

Extracto de Fumo "JUPITER".

Enxofre Duplo Ventilado "JUPITER".

Enxofre Ventilado Cuprico "JUPITER".

FORMICIDA "JUPITER". (O Carrasco da Saúva)

INGREDIENTE "JUPITER".

Verde Paris.

Pó Bordalês Alpha "JUPITER".

Sulfato de Cobre "NEVAZUL", etc.

PRODUCTOS PARA INDUSTRIA

Acido Chlorhydrico

Acido Nitrico.

Acido Sulfurico.

Acido Sulfurico desnitrado (Para acumuladores).

Alumen de Potassio (em pó e em pedra).

Ammoniaco.

Benzina Retificada.

Ether Sulfurico.

Fercbloreto de Ferro.

Peroxido de Manganez (Granulado e em pó).

Sulfato de Aluminio, de Cobre, de Ferro, de Magnesia, de Sodio e de Zinco, etc. etc.

PRODUTOS PARA CRIAÇÃO

Carrapaticida "JUPITER".

Extracto de Fumo "JUPITER".

Queirozina. (desinfetante).

Solução "JUPITER" (para envenenar couros).

PRODUCTOS PARA AGRICULTURA

Adubos completos "JUPITER".

Adubos completos "POLYSU".

Fertilizantes.

DESTRUÍDO R DE VEGETAÇÃO

Hervicida Plutão (para conservação das linhas ferroviarias, estradas de rodagem, e calçamentos das cidades, campos de esportes, etc.).

Representantes no Rio de Janeiro

Emilio Polto & Cia. Ltda.

Rua General Camara, 60 Caixa Postal, 937

é nosso, Brasileiros!

Ipiranga
S.A.

COMPANHIA BRASILEIRA DE PETROLEOS



QUALIDADE ECONOMIA
GASOLINA E QUEROSENE

OLEOS LUBRIFICANTES E COMBUSTIVEIS--ÁGUA-RA'S MINERAL
IPIRANGA S.A.
COMPANHIA BRASILEIRA DE PETROLEOS -- RIO GRANDE

Companhia de Tecelagem Italo-Brasileira

RIO GRANDE

Tecidos de algodão : Brins, Cassinetas etc.

Forneceremos as repartições technicas do Exercito qualquer informação que nos for ou seja solicitada.



Ender. Telegr.

ITABRAS

Caixa Postal

N. 23

Cortume Julio Hadler S. A.

Caixa Postal, 295

Telegrams
Fonogramas } "CORÓA"

RUA PROF. DR. ARAUJO Ns. 469/71

PELOTAS — EST. R. G. DO SUL — BRASIL

COUROS para estofamento de Avões, vagões, moveis, automóveis etc. — RASPAS em diversos tipo, proprias para perneiras e arreiamento. — COUROS (dossiers) para talabartes e obras militares. — MANGAS de couro para litografia, estamparia e ofset. — VAQUETAS e KIPS envernizados para fabricação de calçados. — ARTEFATOS de couro para a industria textil.

Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

Legiões Aladas — Italo Balbo	16
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda	10
Manual de Hipologia	10
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima	9
Manobras de Nioac — Gal. Klinger	5
Notícias da Guerra Mundial — Gal. Correa do Lago	9
Noções de Topografia — Cel. Arthur Paulino	6
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino	13
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benicio da Silva	9
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza	22
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional - Dr. Freitas Lima	4
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	7
Problema Tático — Ten.-Cel. Araripe	9
Pasta para folhas de alterações	5
Regulamento de Educação Física — 1. ^a Parte	11
Régulamento de Educação Física — 3. ^a Parte	11
Regulamento para Inst. Quadro de Tropa	3
Signalização a braço e ótica — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	2
Tiro e Emprego do Armamento de Infantaria — Cap. Pavel	19
Travessia de cursos dagua — Cap. José Horacio Garcia	6
Transposição de cursos dagua — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	8
Topografia de Campanha — Gal. Paes de Andrade	11
Telemetros de Inversão Zeiss de 1m,50 e 1 m de base — Cap. Jm. Silva	9
Tabelas de Vencimentos Diários dos Militares — Barbosa Lima	9
Theoria das Progressões, Logarithmos e suas principais aplicações	9
Exemplos de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Ed. Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos	3
Educação Física Feminina — Cap. Jair	3
Educação Física de Conservação — Cap. Jair	3
Organização de Competições entre equipes — Cap. Jair	3
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres	10
Indios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	13
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	13
Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benicio da Silva	11
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamin Galhardo	16
Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet	3
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	9
Lei do ensino militar	1
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Arthur Paulino	17
Guerra Chimica Total	26
Legislação sobre Sub-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria	2
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	6
O Livro do Observador — Cap. Paladini	11
R. E. C. I. — 1. ^a Parte	4
Tres questões degramatica — Prof. Mena Barreto	6
Observação — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Po de Reembolso.	
O Serviço de Informações e Transmissões — Cap. Cortes	10\$

Redação e Administração:

QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO

Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas

O Gerente é encontrado todas as 2.as e 3.as feiras das
15 às 17 horas.

BIBLIOTECA

VENDAS DE LIVROS — Na sede da Sociedade (Quartel General) — Diariamente, das 9 às 12 hs. e das 14 às 15 hs.

LIVROS EM CONSIGNAÇÃO — Os Snsr. consignatarios poderão receber os saldos dos meses anteriores, diariamente na sede da Revista durante o expediente da Biblioteca.

ENCOMENDA DE LIVROS — A Biblioteca de "A Defesa Nacional" se encarrega da aquisição de livros nacionais e estrangeiros que não existem em depósito em sua sede, mediante encomenda dos Srs. Oficiais.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snsr. Sócios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) — Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 1.602, Rio. As colaborações deverão ser endereçadas ao Major Djalma Dias Ribeiro, Caixa Postal 1.602, Rio, ou Escola de Estado Maior — Andaraí.

P R E Ç O S

Oficiais e sub-tenentes	{	ano	30\$000
		semestre	15\$000
Sargentos	{	ano	25\$000
		semestre	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser sócios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes reuniões durante um ano comercial.

Colaboraram neste número:

Gen. Chadebec de Lavalade
Gen. Newton Braga
Ten. Cel. Lima Figueirêdo
Aldo di Cavalcanti e Melo
Major Nilo Guerreiro
Major Amangá
Major Batista Rangel
Cap. Panasco Alvim
Cap. Borges Moreira
Cap. José Salles
1.º Ten. Umberto Peregrino
1.º Ten. Moacyr Potiguara
2.º Ten. Silvio Fonseca
Aspirante Moreira Barbosa

